

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2020**
Nº 65 - OUT/DEZ



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 65

NATAL, OUTUBRO/DEZEMBRO- 2020

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.65
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 65, Out/Dez.2020

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

O CARDEAL DE CATUANA - Diogenes da Cunha Lima	11
DOM EUGÊNIO SALES, UM PRÍNCIPE DA IGREJA Padre João Medeiros Filho	13
HONRAS AO CARDEAL EUGÊNIO SALES Daladier Pessoa Cunha Lima	20
AUTA, BILAC, TRISTÃO NOS 120 ANOS DE PUBLICAÇÃO DO HORTO - Vicente Serejo	22
QUANDO ESTIVE COM DOUTOR VINGT-UN Lívio Oliveira	27
PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA POTIGUAR (PARTE 2) - Thiago Gonzaga.....	36
ANTONIO DE SOUZA, ENFIM, ROMPE O GELO DO TEMPO - Nelson Patriota	43
CULTURA ANTIGA (Uma Síntese) - I - SUMÉRIA Jurandyr Navarro.....	47
UMA LEITURA SOBRE O PAPEL DA MULHER NO PAS- SADO E NO PRESENTE A PARTIR DO CONTO “AS DOS SANTOS”(PARTE 2) - Livia Confessor de Lima (Autora) Maria Aparecida de Almeida Rego (Orientadora)	57
TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA: UMA ESCRITO- RA LUSO-BRASILEIRA DO SÉCULO XVIII Conceição Flores	66
O BRASILEIRO GILBERTO AMADO - Enéas Athanázio	81
SUPERSTIÇÕES E CRENDICES POPULARES Gileno Guanabara	85

E POR FALAR DE AMOR E DE SAUDADE
Carlos Roberto de Miranda Gomes95

CAÇADAS SAZONAIS, CAÇA DE MARRECA POR ESPERA,
COM CHAMAS VIVAS - Benedito Vasconcelos Mendes.....100

ENTREVISTA

CONVERSA COM O ACADÊMICO IVAN LIRA DE CARVALHO - Lívio Oliveira107

HUMOR NOSSO DE CADA DIA

MEMÓRIA POPULAR VII - Valério Mesquita.....113

CONTOS E CRÔNICAS

OS PECADOS CAPITAIS: O OURO DO VELHO ZUZA
Iaperi Araujo121

O PEQUENO SAPATEIRO - Clauder Arcanjo.....127

O ÚLTIMO CIGARRO - Cellina Muniz129

POEMAS

QUIROMANTE - Nivaldete Ferreira133

TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS.....135

XOTE MILITANTE - Dácio Galvão137

TRÊS POEMAS DA VIVENDA DO TEMPO
Roberto Lima.....138

AMPULHETA - Rizolete Fernandes142

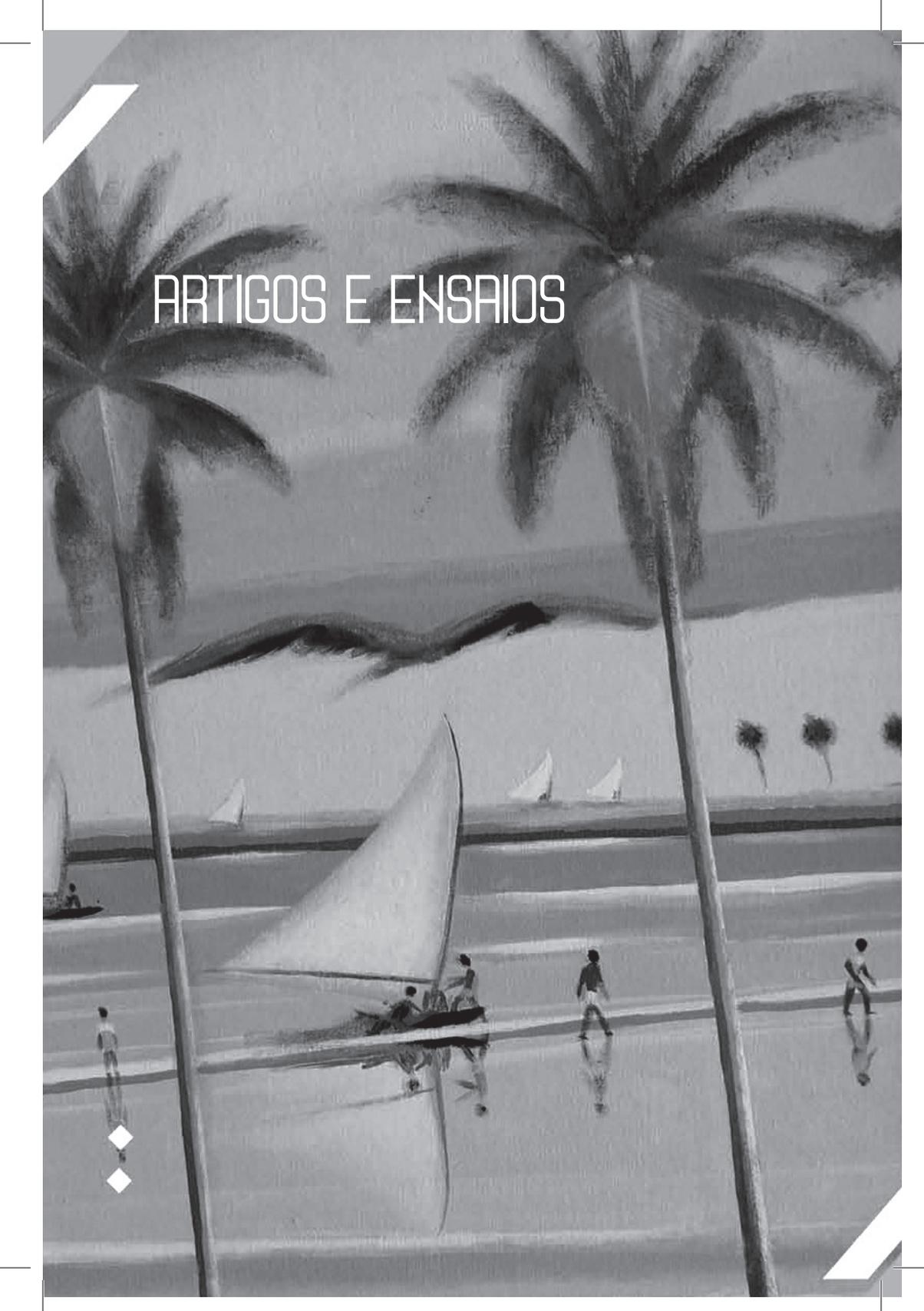
DIÁLOGO POÉTICO FRATERNAL - Horácio Paiva143

NECROLÓGIOS

JOÃO WILSON MENDES MELO149

NECROLÓGIO DO ACADÊMICO PAULO MACEDO..157



A black and white painting of a tropical beach scene. In the foreground, two tall palm trees frame the view. The middle ground shows a calm sea with a large sailboat in the center and several smaller sailboats in the distance. On the beach, several figures are visible, some walking and others near the water's edge. The background features a range of low mountains under a clear sky. The overall style is that of a classic oil or watercolor painting.

ARTIGOS E ENSAIOS





O CARDEAL DE CATUANA

Diogenes da Cunha Lima

Um homem de Deus foi instrumento de Sua paz e, por isso, visou ao bem-estar de seus concidadãos brasileiros. O seridoense Dom Eugênio de Araújo Sales nasceu na fazenda Catuana, em Acari. Catuana em tupi significa paz, bem-estar.

Padre aos vinte e três anos, foi mandado a Nova Cruz para ser vigário-colaborador. Tem gente que diz (e eu não nego!) que aprendeu a fazer trabalho social com o pároco da cidade, Monseñor Pedro Moura.

Padre Pedro era um prático, múltiplo: mecânico, eletricista, marceneiro, criador de instituições de interesse coletivo. Fundou o hospital da cidade, abrigo de crianças carentes, congregação de religiosas. Providenciou auxílio aos necessitados. Criou ainda um pré-seminário e um cinema paroquial. Um gestor admirado.

Dom Eugênio foi também capelão do *meu colégio*, o Nossa Senhora do Carmo de Nova Cruz. Já em Natal, foi designado diretor espiritual do Seminário São Pedro e exerceu a capelania. Bispo e Arcebispo da Diocese, com o Padre Nivaldo Monte instituiu o Movimento de Natal, reorganizando a cidade. Criou aqui a Campanha da Fraternidade, adotada depois pelas dioceses do Nordeste e pela CNBB.

A sua ação evangelizadora foi reconhecida como Arcebispo de Salvador e Cardeal no Rio de Janeiro. Aos trinta anos, ele foi Arcebispo do Rio de Janeiro, crescendo a sua ação social nas favelas, escolas, cárceres, igrejas e aeroportos.

Durante o regime militar, deu proteção a perseguidos por pensarem diferente, recebendo refugiados e livrando-os da morte. Hospedou-os no Palácio São Joaquim e em cerca de cento e cinquenta apartamentos. Foram acolhidas de quatro a cinco mil pessoas.

Por haver criado sindicatos rurais e ativos grupos estudantis, foi acusado de ser comunista. Por ser amigo de militares de alta patente, foi apontado como colaborador do regime militar. Certa vez, telefonou ao Ministro do Exército Silvio Frota:

- Frota, se forem lhe dizer que eu estou protegendo contestadores, foragidos políticos, pode ter certeza de que é verdade. Faz parte do meu dever cristão, e de bispo.

Dom Eugênio contou com a colaboração de entidades da Igreja no exterior, do órgão para Refugiados da ONU e de líderes de países estrangeiros. Assim, mandou para a França e para outras nações muitos intelectuais e jovens dissidentes do regime. Ao mesmo tempo, ele combatia a chamada Teologia da Libertação, ala esquerdista da Igreja.

Por sua influência no Vaticano, chegou a ser chamado *Vice-rei de Roma*. Sem sua aprovação, nenhum bispo era nomeado na América Latina. Graças a seu empenho e respeitabilidade, foram declarados santos os mártires de Cunhaú e Uruaçu. Certamente, seriam reconhecidos, no futuro, os trinta santos que o Rio Grande do Norte deu ao Brasil. Sem interferência de Dom Eugênio talvez demorassem outros trezentos e cinquenta anos para a canonização

Dom Eugênio faleceu aos noventa e um anos. Toda imprensa relatou o fato de que uma pomba branca permaneceu pousada sobre o caixão funerário. O Espírito Santo é simbolizado por uma pomba branca, que se tornou também o símbolo da paz universal.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



DOM EUGÊNIO SALES, UM PRÍNCIPE DA IGREJA

Padre João Medeiros Filho

Em novembro, celebrar-se-á o centenário de nascimento de Dom Eugênio de Araújo Sales, primeiro cardeal potiguar. A tradição eclesiástica denomina os cardeais de Príncipes da Igreja, título criado por Bonifácio VII, cujo pontificado decorreu entre 1294 e 1303. Anteriormente, já haviam sido distinguidos por Nicolau I (858-867) com a precedência diplomática sobre os arcebispos e bispos. Inocêncio IV (1243-1254) os revestiu com a cor púrpura e lhes impôs o barrete vermelho. Finalmente, Urbano VIII (1623-1644), conferiu-lhes o tratamento de eminência reverendíssima, acatado por todos os países que mantêm relação diplomática com a Santa Sé. O protocolo do Vaticano prevê que sejam recebidos como os príncipes das casas imperiais e reais.

Ao longo da história da Igreja, criaram-se três ordens cardinalícias. Os cardeais bispos, que são os titulares de seis dioceses suburbicárias (circunvizinhas) de Roma. Em geral, prelados que ocupam postos nos dicastérios (congregações e secretarias) do Vaticano. Seguem-se os cardeais presbíteros, responsáveis por algumas igrejas e basílicas romanas. Dom Eugênio era cardeal presbítero da Igreja de São Gregório VII. Paulo VI nomeou-o, no consistório de 28 de abril de 1969, tornando-se cardeal primaz do Brasil, pois, nessa data, era arcebispo metropolitano de Salvador, na Bahia. Em 1971, foi transferido para a arquidiocese do Rio de Janeiro, conservando a mesma titularidade cardinalícia, apesar dos arcebispos cariocas, por tradição, ocuparem a igreja de São Bonifácio e Santo Aleixo, em Roma. Pela antiguidade, tornou-se cardeal proto-presbítero entre os 155 pares. Vale ressaltar que há atualmente (até início de setembro) 11 cardeais bispos, 3 patriarcas, 172 cardeais presbíteros e 35 cardeais diáconos e três cardeais patriarcas. Um total de 221, sendo 9 brasileiros



Hoje, no mundo, somam 208 os príncipes da Igreja. São os eleitores do papa no conclave, exceto os que completaram 80 anos. A distinção das ordens é histórica. De acordo com o estado clerical, eram titulares de uma igreja episcopal, presbiteral ou diaconal. Nos séculos passados nem todos os cardeais eram sacerdotes e bispos. Alguns eram líderes cristãos e conselheiros dos papas. É evidente que em certos momentos, houve interferência política. Lembremo-nos dos cardeais Mazarino e Richelieu.

Etimologicamente, a palavra príncipe vem do latim *princeps* e significa o que vem primeiro, o que precede. Não apenas na ordem cronológica e ritual, mas sobretudo, aquele que antecede, porque cria, descobre, aponta e sugere. Especialmente, nesse sentido e seguindo a semântica, o Cardeal Sales foi um príncipe, enquanto pioneiro ou precursor em vários assuntos eclesiais. Não podemos ignorar a versão eclesiástica, mas é nessa dimensão que vemos em Dom Eugênio um Príncipe da Igreja. Muito se tem dito sobre sua atividade pastoral, religiosa e até política, quando teve, de forma silenciosa e decisiva, uma atitude humanista, diplomática e de verdadeiro pastor com os perseguidos, presos políticos e refugiados, quer brasileiros, quer estrangeiros.

Apraz-nos, no entanto, escrever sobre Dom Eugênio, como amigo e benfeitor do clero brasileiro, tendo obtido, com sua ação direta e influência, muitas conquistas para os sacerdotes, religiosos e mesmo ministros de outras denominações religiosas.

Até o início do Concílio Vaticano II, o clero do Brasil vivia à margem da previdência, sem direito à aposentadoria oficial ou privada. Os padres, quando idosos e doentes, não dispoñdo de bens de herança, viviam à mercê da caridade dos fiéis. Em reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o Cardeal Sales sugeriu e lutou para que se criasse o Instituto de Previdência do Clero – IPREC, órgão de assistência social e médica dos bispos, sacerdotes e religiosos. O Instituto durou dez anos. E em 1974, os contribuintes encontraram-se novamente à mercê da Providência, sem a previdência.



O Arcebispo do Rio de Janeiro, através do seu empenho, convenceu alguns parlamentares, que apresentaram no Congresso Nacional um projeto de lei, aprovado e sancionado, em 08 de outubro de 1979 (Lei 6.696), que versa em seu artigo 1º, “§ 1º: *São equiparados aos trabalhadores autônomos: ... II - os ministros de confissão religiosa, e os membros de institutos de vida consagrada e de congregação ou ordem religiosa*”.

E para recuperar o tempo de contribuição ao IPREC e averbar o período de atividade sacerdotal ou religiosa, sugeriu que no texto do diploma legal fosse inserido este artigo: *Art 7º. Fica assegurado aos ministros e ex-ministros de confissão religiosa ou aos membros e ex-membros de institutos de vida consagrada, congregação ou ordem religiosa..., se o requererem no prazo de 180 dias da vigência desta Lei, o direito de computar o tempo de serviço anterior, prestado às respectivas instituições religiosas, para efeito da Previdência Social.* Desnecessário dizer que muitos foram beneficiados por essa lei, cuja ideia partiu de nosso ilustríssimo conterrâneo. Quantos gozam de uma aposentadoria digna, graças a sua ação eficiente e profundamente evangélica. Talvez poucos clérigos tenham conhecimento desse fato.

É sabido que os estudos e cursos dos seminários por mais eruditos, clássicos e profundos que fossem, no passado, eram livres e não gozavam do reconhecimento oficial do Estado. Muitos sacerdotes não puderam exercer funções magisteriais, pois não eram detentores da habilitação prevista pelos sistemas de ensino.

No final da década de 60, apesar do clima tenso entre a Igreja do Brasil e o governo militar, às vésperas do AI-5, Dom Eugênio conseguiu a edição do Decreto-lei 1051/69 que (*in verbis*): *Provê sobre o aproveitamento em cursos de licenciatura, de estudos realizados em Seminários Maiores, Faculdades Teológicas ou instituições equivalentes de qualquer confissão religiosa.*

Uma das grandes preocupações de muitos bispos é a saúde dos seus padres. O Cardeal Sales chegou a dizer ao Núncio Apos-



tólico, em 1982: *Não me preocupa a minha saúde. Pois falecendo um bispo, o Papa nomeia outro, em breve espaço de tempo. Porém inquieta-me a saúde dos meus padres, pois, se um deles morre, tenho de esperar 14 anos para ordenar outro sacerdote.* Dom Eugênio foi o primeiro bispo a firmar contrato coletivo com uma operadora de plano de saúde, dando cobertura a todo o clero do Rio de Janeiro, estendendo aos cleros das dioceses de Caicó e Natal. E foi mais ainda. Diante de dificuldades financeiras de algumas dioceses, estendeu a abrangência a outros sacerdotes.

Uma das preocupações de Dom Eugênio era com os padres idosos e doentes. Disso somos testemunha. Quando fomos para o Rio de Janeiro, gravemente enfermo, o Cardeal não só enviou uma ambulância para nos levar do aeroporto ao hospital, mas dirigiu-se até o Galeão para nos receber e abençoar, deixando seus múltiplos afazeres. *Non possum non loqui (Não posso calar)*, disse São Pedro. Para dar conforto aos sacerdotes eméritos e enfermos criou a Casa do Padre, no Rio de Janeiro, onde eles pudessem viver em paz e com dignidade os seus últimos anos.

No início da década de 60, éramos estudante em Louvain, na Bélgica. Por duas vezes, acompanhamos Dom Eugênio a Essen, na Alemanha, sede da organização católica ADVENIAT, que concede ajuda às igrejas irmãs. Uma de suas preocupações era o deslocamento dos seus sacerdotes. Com a ajuda desse organismo, dirigido, à época, por Dom Franz Hegensbach (bispo de Essen e futuro cardeal) criou, ainda, quando administrador apostólico de Natal, o plano de motorização do clero. Desejou que cada sacerdote dispusesse de um veículo e dava a seguinte orientação aos presbíteros: *Não afrontem a pobreza dos nossos irmãos com carros de luxo. O povo de Deus precisa, sobretudo, de seu testemunho de fé e sua caridade.* Oxalá nossos irmãos padres sigam seu conselho e sua orientação.

Cumpre-nos ainda lembrar que, quando era arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio concedeu também bolsas de estudos a seminaristas de Caicó.

Irmão e amigo dos padres, o Cardeal Sales viveu o seu lema, inspirado em São Paulo: *Impendam et superimpendar*. O Apóstolo dos Gentios (cf. 2 Cor 12, 15) afirmara *Ego autem libentissime impendam et superimpendar ipse pro animabus vobis. Si plus vos diligo, minus diligar? Quanto a mim, de bom grado me entregarei, e entregar-me-ei todo inteiro, em vosso favor. Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isto, menos amado?*

Gostaríamos de concluir com a frase de um teólogo (nosso colega de doutorado em Teologia): *Posso discordar de muitas ideias e do pensamento de Dom Eugênio. Mas não posso negar que é um homem íntegro, honesto, corretíssimo, um homem de Deus e da Igreja.*

Na verdade, sua vida foi toda dedicada ao Povo de Deus. Obrigado, Dom Eugênio de Araújo, Cardeal Sales. Vossa Eminência foi até agora o primeiro e o único potiguar Príncipe da Igreja, hierárquica e semanticamente!

PRINCIPAIS DADOS BIOGRÁFICOS DE DOM EUGÊNIO DE ARAÚJO, CARDEAL SALES

DATA	EVENTO	OBSERVAÇÃO
08/11/1920	NASCIMENTO	ACARI (RN)
21/11/1943	ORDENAÇÃO SACERDOTAL	CATEDRAL METROPOLITANA DE NATAL. BISPO ORDENANTE MARCOLINO E. SOUSA DANTAS
01/06/1954	BISPO TITULAR DE THIBICA	AUXILIAR DE DOM MARCOLINO DE SOUZA DANTAS, ARCEBISPO DE NATAL

15/08/1954	ORDENAÇÃO EPISCOPAL	ORDENANTE PRINCIPAL JOSÉ DE MEDEIROS DELGADO. IGREJA PAROQUIAL DE SÃO PEDRO EM NATAL
09/01/1962	NOMEADO ADMINISTRADOR APOSTÓLICO SEDE PLENA	ARQUIDIOCESE DE NATAL. ARCEBISPO DOM MARCOLINO DE SOUZA DANTAS
09/07/1964	NOMEADO ADMINISTRADOR APOSTÓLICO SEDE PLENA	SALVADOR – BAHIA
29/10/1968	ARCEBISPO PRÍMADO DO BRASIL	SALVADOR – BAHIA, SUCEDENDO AO CARDEAL AUGUSTO ÁLVARO DA SILVA
28/04/1969	CRICADO CARDEAL PRESBÍTERO PELO PAPA PAULO VI	TÍTULAR DA IGREJA DE SÃO GREGÓRIO VII
13/03/1971	NOMEADO ARCEBISPO DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO SUCEDENDO AO CARDEAL JAIME DE BARROS CÂMARA



22/07/1992	NOMEADO ORDINÁRIO DOS FIÉIS DE RITO ORIENTAL SEM BISPOS PRÓPRIOS	JURISDIÇÃO EM TODO O BRASIL
25/07/2001	RENÚNCIA À ADMINISTRAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO	ACOLHIDA POR JOÃO PAULO II
03/10/2001	RENÚNCIA AO OFÍCIO DE ORDINÁRIO DOS FIÉIS DE RITO ORIENTAL	ACOLHIDA POR JOÃO PAULO II
09/07/2012	FALECIMENTO	SEPULTADO NA CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote secular, ex-aluno de Dom Eugênio, no Seminário de São Pedro de Natal. Membro da ANRL, da AMOL, do IHGRN e do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte.



HONRAS AO CARDEAL EUGÊNIO SALES

Daladier Pessoa Cunha Lima

Feliz a terra cujos filhos a engrandecem e a dignificam ao longo do tempo. Felizes a cidade, o estado e o país, que podem dispor de pessoas ilustres, bondosas, altruístas, transformadoras dos seus tempos, arautos das boas novas, disseminadoras do bem. Felizes as gerações que podem conhecer em vida seus líderes ou seus heróis, para deles receber, de forma mais explícita, os exemplos benfazejos. Felizes os segmentos da sociedade, no plano político, religioso, cultural ou outro qualquer, que podem contar com guias autênticos, inspiradores de confiança, artesãos da solidariedade. Felizes a cidade de Acari, o Rio Grande do Norte e o Brasil, por poderem aplaudir, venerar e proclamar todas as honras ao Cardeal Eugenio de Araújo Sales, na passagem do seu nonagésimo aniversário. Os norte-rio-grandenses, católicos ou não, têm orgulho desse nome. Livre de pecado, esse orgulho é um louvor às virtudes, é expressão espontânea e comunitária, é respeito, consideração e apreço por alguém detentor de tanta grandeza humana.

Eugênio de Araújo Sales nasceu em 8 de novembro de 1920, na fazenda Catuana, município de Acari-RN. A Igreja Católica foi fonte de fé cristã para a família, tanto é que, além de Dom Eugenio, um outro filho do casal, também tornou-se sacerdote, o Arcebispo Emérito de Natal Dom Heitor de Araújo Sales. Três cidades foram portos seguros das ações eclesiais de Dom Eugênio: Natal, Salvador e Rio de Janeiro. Ordenou-se padre em 1943 e, em 1954, recebeu a sagração de bispo. De Natal foi para Salvador, na condição de Arcebispo e Primaz do Brasil, por decisão do papa Paulo VI. Em 1969, ascendeu a Cardeal, quando foi nomeado Arcebispo do Rio de Janeiro, função que exerceu por mais de vinte anos, até a renúncia compulsória. No entanto, permanece naquela cidade, como Arcebispo Emérito, a prestar valiosos serviços ao catolicismo do Brasil e do mundo, no dia a dia e nos diversos cargos do Vaticano, nas congregações, nos conselhos e em várias comissões.



Amigo pessoal de João Paulo II, o Cardeal Eugênio Sales recebeu o papa por três vezes no Brasil. Em 1991, Natal teve o privilégio de ser o ponto de início da peregrinação papal pelo país. Aqui, João Paulo II celebrou a missa de encerramento do XII Congresso Eucarístico Nacional. A vinda do Santo Padre a Natal contou com o trabalho diligente da Cúria Metropolitana, mas deve-se reconhecer que o prestígio do Cardeal Eugênio de Araújo Sales foi decisivo para que se efetivasse esse fato histórico para o Rio Grande do Norte. Não há como dissertar neste espaço sobre a notável jornada social e evangélica de Dom Eugênio Sales, por onde passou e ao longo de uma vida tão repleta de ações de promoção e valorização do ser humano, tanto no âmbito dos direitos fundamentais quanto na dimensão espiritual. Apenas para relembrar seu primevo trabalho apostolar, citamos o “Movimento de Natal”, que reunia várias atividades sociais, inclusive as pioneiras Escolas Radiofônicas (MEB). Essa prática da Igreja de Natal espalhou-se pelo Brasil. Em outras funções, foi um dos criadores das Comunidades Eclesiais de Base e da Campanha da Fraternidade.

Sua missão sacerdotal dispensa rótulos, pois se alinha com os valores da Igreja, a qual não precisa se amparar em sistemas políticos ou ideologias a fim de promover a libertação do homem. Sua palavra foi sempre de suprema defesa da dignidade humana, segundo os preceitos do concílio Vaticano II e do Pontificado de João Paulo II, desde a primeira encíclica papal “Redemptor Hominis”. Culto, pensador e escritor cristão de renome, colaborador e articulista de vários jornais, é autor de livros, entre os quais “A voz do Pastor” e “Viver a fé em um mundo a construir”. Agradecemos a Deus pelo exemplo de vida do Cardeal Eugênio de Araújo Sales, um dos maiores líderes religiosos do país em todos os tempos.

* Texto publicado em 08/11/2010, no Jornal Tribuna do Norte, durante as celebrações dos 90 anos do Cardeal Eugênio Sales.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN, atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras. Autor de “Retratos da Vida” e outros livros.

AUTA, BILAC, TRISTÃO

NOS 120 ANOS DE PUBLICAÇÃO DO HORTO

Vicente Serejo

I

O Diabo cuida bem do esquecimento.

É conhecida a advertência de Louis Pauwels, jornalista e escritor francês, na ‘Carta Aberta às Pessoas Felizes’, quando avisa que a mais perfeita artimanha do Diabo está em convencer aos seus discípulos que ele não existe. E, no entanto, é o anjo caído nas sombras.

É pouco lembrada a história editorial que cerca, e consagra, o ‘Horto’, livro único da poetisa Auta de Souza, publicado em 1900. Este ano de 2020 marca os 120 anos da publicação, pouco antes de sua morte, ela que nasceu a 12 de setembro de 1876, em Macaíba, e fechou os olhos para sempre a 7 de fevereiro de 1901, aos 24 anos, depois de viver triste e tuberculosa.

Foi logo na primeira edição, iniciativa do irmão Henrique Castriciano, o prefácio do poeta Olavo Bilac que acabou sendo o primeiro grande salvo-conduto de sua poesia no cenário literário nacional. Os dois, Bilac e Castriciano, foram amigos. Henrique teve o cuidado de publicar na ‘Revista do Brasil’ a carta que Bilac lhe fez pedindo que fundasse aqui, no Rio Grande do Norte, o primeiro grupo de escoteiros - e que muitos pensam, até hoje, ter sido uma iniciativa do professor Luís Soares por ter sido seu grande incentivador. Não foi.

A luz forte de Bilac acabou ofuscando o segundo e principal prefácio ao ‘Horto’, quando da terceira edição - Typographia Batista de Souza, Rio, 1936. O livro volta aos olhos do mundo com o prefácio de Alceu Amoroso Lima, o grande Tristão de Athayde, e mais



uma vez, provavelmente, por iniciativa de Castriciano. As duas páginas originais, com a assinatura de Alceu, hoje fazem parte do acervo da nossa biblioteca. Foi ainda consagrador, para uma poetisa, aos 35 anos de sua morte, ter seu único livro de volta aos leitores, agora ungido por Tristão de Athayde, então um dos maiores críticos literários do Brasil. É indispensável registrar que, doze anos antes de Athayde, o 'Horto' mereceu um ensaio de Jackson de Figueiredo - 'Auta de Souza', edição do Centro D. Vidal, Anuário do Brasil, Rio, 1924, pequeno volume com 65 páginas, que abriu o que o próprio Jackson classificou como o início de um *roteiro da poesia cristã no Brasil*.

Castriciano foi, como irmão e intelectual, o grande revisor do 'Horto', a ponto de convencer a irmã a abrir mão do ingênuo primeiro título - 'Dhalias' - originais pertencentes ao acervo da 'Escola Doméstica', doação do também irmão, Eloy de Souza, na morte de Henrique, e ouvi da própria Noilde Ramalho. A dor da sua poesia levou Castriciano a sugerir que fosse 'Horto', como uma metáfora do sofrimento da moça tuberculosa, arrancada do Colégio São Vicente, em Recife, das irmãs francesas, quando jorrou a primeira hemoptise. Doente, volta a Macaíba e depois a Natal, vivendo apenas até o primeiro ano do Século XX que ela viu nascer como como um sol de esperança para a cura da peste branca.

II

Henrique Castriciano viveu sonhando com o reconhecimento da irmã, inconformado com o silêncio espesso que lhe cobria o túmulo e os versos, desde 1901, quando faleceu.

Reúne forças e, em 1909, numa viagem à França, consegue incluir o 'Horto' no plano editorial da consagrada editora Aillaud, Alves & Cia. A edição foi impressa em Paris, no número 96 do Boulevard Montparnasse. O miolo recebeu a data de 1910, mas a capa ficou pronta um ano depois, em 1911. Uma edição bem cuidada, em brochura, com o charme das ilustrações meio místicas



nas páginas internas de um D. O Widhopff, que também criou a capa em tons verdes no livro impresso sobre um fino papel couchê. Com circulação no Brasil e em Portugal, tudo para romper o grande silêncio, embora a poesia mística de Auta já estivesse começando a ser lida e registrada pelos primeiros críticos.

Ainda assim, envolvida pelo requinte de uma edição parisiense, o 'Horto' só vai ganhar um brilho mais intenso a partir da terceira edição, em 1936, que circulou com o selo da Typographia Batista de Souza, então instalada à Rua da Misericórdia, 51, Rio. Agora, chegava aos olhos do mundo com o prefácio de Alceu Amoroso Lima, Tristão de Athayde. Cuidadoso, Castriciano manteve o prefácio de Olavo Bilac, como fizera na segunda edição, a francesa, e certamente por pudor pôs só no final sua 'Nota', como se fora um posfácio, seu pequeno depoimento, triste e enlutado, íntimo e pessoal. Não uma biografia, mas um retrato doído da irmã que ele publica na segunda edição, com o visível cuidado de deixá-lo discretamente nas últimas páginas do livro.

Toda a dor de Henrique Castriciano ele revela no fecho da 'Nota', esse título discreto e sem adjetivação, datada escrita em Paris, a 4 de agosto de 1900, entre os arabescos sombrios do homem que também viveu triste, ameaçado pela tuberculose, e esperando a morte:

A tormenta se desfizera ao pé do túmulo; e do naufrágio em que se abismou esta singular existência, resta o 'Horto', livro de uma santa.

III

Do alto do seu patamar glorioso, à época, o prefácio de Olavo Bilac não renega o valor da poesia de Auta de Souza, mas adota uma clara habilidade de compaixão: coloca o 'Horto' no elenco dos livros pouco comuns, *de uma ingênua e simples sinceridade* que, para ele, é surpreendente. Reconhece que a alma da poetisa *vibra em liberdade, sem a preocupação com os efeitos da forma, livre da*



complicada teia de artificios de uma mulher que ele vê, entre *como-vida e meiga*, nas suas sensações *ardentes e tristes*.

Para Bilac - é ele quem escreve - *a nota mais encantadora do livro é o misticismo*. E cita os trechos mais longos de três poemas, para fechar o prefácio, assim:

Mas... não convém privar o leitor das surpresas que encontrará de página em página, neste formoso volume, que vem revelar uma poetisa de raro merecimento". E vaticina: "Horto será, para os que amam a linguagem divina do verso, um desses raros livros que se leem e releem com um encanto crescente.

Alceu de Amoroso Lima abre o seu prefácio apoiado naquilo que considera bastante para consagrar a poesia de Auta de Souza, e cita o que já escreveram antes dele, Henrique Castriciano, Nestor Victor e Jackson de Figueiredo, mas ainda assim afirma, objetivo:

Auta não pertence nem a uma escola nem a um momento literário. Filiada, por natureza à corrente das letras femininas em nosso país, nela se destaca, no dizer de Jackson de Figueiredo - como a mais alta expressão do nosso misticismo, pelo menos, do sentimento cristão, puramente cristão, na poesia brasileira.

Para Tristão de Athayde, Auta *nunca sonhou com a glória*.

Uma visão singular da poesia de Auta de Souza, datada de 1911, mesmo ano de lançamento da edição francesa, está em *A Crítica de Ontem*, de Nestor Victor - Leite Ribeiro, Rio, 1919. No primeiro dos três volumes de sua 'Obra Crítica', toda reunida na edição do Ministério da Cultura / Casa Rui Barbosa, Rio, 1968. Antes de Bilac e Figueiredo, talvez tenha sido a visão que mais profundamente tentou compreender a poesia de Auta, sempre olhada no seu misticismo visceral. Ocupa doze páginas, nas quais não deixa de reconhecer que Auta não é uma profissional do verso ou do fazer literário - *porque antes de tudo lhe faltava a perfeição da técnica, que só uma forte cultura pode proporcionar, e, além disso, porque quanto escreveu, antes escreveu para si e para os seus amigos. É*

por sentir de perto a poesia de Auta que Nestor Victor a nomeia *a dolorosa poetisa do Brasil*.

É interessante notar que embora selecionado depois, por várias antologias poéticas, não há em Bilac, Jackson, Athayde e Victor uma só referência ao soneto *Caminho do Sertão* que figura na grande antologia 'La Poésie du Brésil', editora Chandeigne, Paris, 2012, edição bilíngue, com 1.511 páginas, reunindo os maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

A edição mais completa da poesia de Auta de Souza, incluindo os poemas inéditos em livro, foi reunida, estudada e lançada pela professora Ana Laudelina Ferreira Gomes, edição UFRN, em 2009, com os poemas inéditos em livro e dois CDs, estes com um documentário, récitas e poemas musicados por Alvarar Medeiros.

O 'Horto' tem, formalmente, seis edições, com um detalhe: há duas registradas como a quinta: no ano 2000, publicada pela *Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza*; e em 2001, na *Coleção Nordestina*, UFRN. A sexta edição é a de 2009, a organizada e introduzida pela professora Ana Laudelina, já citada, e a mais recente. A sua biografia - *Vida Breve de Auta de Souza* - de Câmara Cascudo, foi lançada originalmente em 1961, Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte; e a segunda, em 2008, UFRN. Na Internet, com a força do movimento Espírita que a considera *um Espírito de luz*, está entre as mais numerosas citações. É tema de dissertações de mestrado e teses de doutorado; nome de editora, centros espíritas, escolas e instituições sociais. E a patrona da Ca-deira 20, da Academia Norte- Rio-Grandense de Letras.

Morro Branco, na florada dos ipês, novembro do ano da peste de 2020.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de "Cena Urbana", "Cartas da Redinha" e "Canção da Noite Lilás".



QUANDO ESTIVE COM DOUTOR VINGT-UN

Lívio Oliveira

Quando estive pela primeira vez com o Doutor Vingt-un Rosado, no final do mês de abril de 2005, para a finalidade de uma entrevista e conhecimento sobre o seu mundo de livros (a Coleção Mossoroense), essa sua paixão cultural mais forte contava com quatro mil, duzentos e setenta e cinco títulos. Dessas publicações, mil quatrocentos e dezesseis estavam editadas como livros. Hoje, já se ultrapassa em muitos volumes esse número. Além disso, recentemente foi criado, para abrigar alguma memória da coleção, um site na internet.

Daí já se apresentava a imagem que eu mantenho, até hoje, do mestre Vingt-un: a de um guerreiro infatigável por dotar o Rio Grande do Norte e sua querida Mossoró de um acervo que perduraria após o seu falecimento, ocorrido no fim desse ano difícil que foi 2005. Transformou-se em verdadeiro monumento à cultura de nosso povo, merecedor em vida de todas as comendas e homenagens que recebeu, e, hoje, noutra dimensão, digno da lembrança permanente e do orgulho de sua gente.

Falou-me, naquela ocasião, sobre como construiu essa obra imensa. Descreveu-me seu interesse pelas ciências, principalmente a Paleontologia, seus planos desfeitos na Política e suas grandes vitórias nas batalhas culturais. Impressionou-me, sobretudo, a sua rica memória e o conhecimento profundo sobre os problemas e a valorização da cultura como instrumento de civilização e de redenção de seu povo, o móvel maior e a noção mais precisa do valor de sua luta.

Alguns tópicos daquela conversa, até então inédita na imprensa do Rio Grande do Norte, passo a disponibilizar agora para o público leitor da presente publicação.

Para começo de conversa, bom ouvir do próprio Vingt-Un como foi o início de toda essa trajetória, que certamente terá continuidade com seus sucessores intelectuais:

“ Em 1948, meu irmão Dix-Sept era candidato a prefeito de Mossoró. Era homem de muita inteligência, mas só fez o Ginásio por exigência da família. Tomei a iniciativa de sugerir uma biblioteca pública como parte do plano de governo. Respondeu-me Dix-Sept que eu encaminhasse o projeto ao responsável pela parte programática da campanha: ‘ Mande Dix-Huit botar no programa.’ Foi o que fiz. O nosso trabalho cultural em Mossoró nasceu todo nessa biblioteca. As duas primeiras bibliotecas infantis do Rio Grande do Norte foram criadas, então, em 1948. O Curso de Antropologia Cultural nasceu também a partir do surgimento das bibliotecas, o verdadeiro berço onde se criaram todas essas coisas.”

Vingt-un continuou descrevendo entusiasticamente como foram os primeiros exercícios de persuasão e de convencimento dos mossoroenses para os aspectos da cultura do povo:

“ Naqueles primeiros momentos, fiz uma palestra intitulada ‘A Geologia da Região de Mossoró e suas Conseqüências Culturais’. Havia na sala quatorze pessoas, sendo que nove delas eram Rosados e um era meu cunhado Raimundo Cantídio, que dormia angelicamente. Prossegui e outras coisas nasceram, como o Boletim Bibliográfico, que era mensal e circulou até o número 153. Ali começou também o Museu Mu-



nicipal (hoje Museu Municipal Lauro da Escóssia) e, finalmente, a Coleção Mossoroense. A biblioteca foi criada por decreto e o museu, conjuntamente, foram inaugurados em 30 de setembro de 1948. A cultura do livro em Mossoró veio com esses fatos.”

Sobre o museu, possivelmente, causa e consequência do gosto de Vingt-un pelas ciências, principalmente a Paleontologia, descreveu a vinda a Mossoró de importantes cientistas, paleontólogos, citando Luciano Jacques de Moraes, Ivor Price, Paulo Erichson de Oliveira, Ivan Tinoco, Maria Eugênia Marquesine Santos e outros. Um fato curioso marcou os estudos de alguns desses em Mossoró:

*“– Uma pedra que fora colocada dis-
plicentemente para escorar uma porta
chamou a atenção de Ivor Price, que a
estudou. Parecia um cágado. Era simples-
mente o segundo quelônio mais antigo do
mundo até então.”*

Sua paixão como cientista ficou evidentemente em diversos momentos de nossa conversa, como quando me exibiu suas coleções de revistas especializadas, enciclopédias, documentos diversos, importantes publicações – algumas muito antigas – sobre Genealogia, anuários de Paleontologia, quase todos completos. Também ali, na sua biblioteca, estavam a coleção completa de *O Diário de Mossoró* e do jornal *O Comércio de Mossoró*, do qual faltava apenas um volume, “desaparecido misteriosamente”.

Ali, o entrevistado ilustre me falou de um de seus orgulhos:

*“– Tinha vinte anos e nunca soubera que
em Mossoró havia fósseis. Fui estudar em
Lavras – MG, onde descobri, com alegria*

e assombro, que muitos dos fósseis levavam o nome de “Mossoró”, como o mosso-roense, camuripense, upanemense, etc. De lá para cá a paixão não parou. Um livro importante para mim era a Quarta Monografia do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. Mais tarde, Rubens Santos estudou o primeiro peixe fóssil da região e atribui o nome de Coeldius Rosadoi. Lélia estudou a primeira planta fóssil da região e a batizou de Styrax Rosadoi. Sete fósseis foram batizados com meu nome e um hemíptero atual da Bahia.”

Naquele momento, puxou um informativo científico que descreveu apenas pelo número – o 111 – mostrando-me, com cuidados de perfeccionista, as provas do que afirmava. Sobre o assunto, continuou falando em Arqueologia, lembrando sobre o museu, onde há muitas peças da região do Seridó, pontas de flecha, material lítico. Muito do que teria sido estudado por Gabriela Martins:

“ Quando fui Diretor da ESAM, resolvi fazer um museu de Paleontologia. Mandei procurar fósseis e hoje o depósito conta com mais de quarenta mil espécies. O Museu tem um pórtico monumental com peças de noventa milhões de anos, que é todo revestido com fósseis de minha coleção. Há, também, um falo encontrado nas escavações do aeroporto. O Museu tem muitas seções com arquivos preciosos, e, numa delas, na de História, está uma obra rara intitulada Gramática Manuscrita em Versos, escrita por Eloy Peixoto de Brito. Na cidade, também há um Museu Epistolográfico, com arquivos e cartas importantes. Ressalto o nome de



Maria Sylvia de Vasconcelos como operadora desse espaço. Doei-lhe mais de mil cartas. Também ao Museu de Geologia da ESAM doei cento e oito cartas. Trocava cartas com Oswaldo Lamartine (meu colega de estudos no Curso de Lavras-MG), Raimundo Nonato da Silva, Manoel Rodrigues de Melo, e outros. No museu tem cartas de diversos cientistas e cinco cartas com mais de cem anos.”

A partir daí, começa a falar em publicações da *Coleção Mossoroense*, salientando a importância dos livros de Guimarães Duque, além de relembrar uma lista que teria feito para Valério Mesquita, quando ressaltava algumas poucas das mais preciosas publicações da coleção. Disse:

“– Na verdade, não foi uma lista totalmente correta, porque se eu pudesse, teria colocado mais de cem no rol dos importantes textos da Coleção. ‘As Sesmarias do Rio Grande do Norte’, por exemplo, ou ‘As Falas dos Presidentes de Província do Rio Grande do Norte, de 1835 a 1838’, todas obras importantíssimas. Todo o acervo, enfim, um dia será da Fundação. Aqui, não tenho preconceitos de assuntos, meus temas prioritários são simplesmente Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil e Mundo. A Coleção também possui uma das mais importantes bibliografias brasileiras sobre as secas. Chamou, inclusive, a atenção de Aziz Nacib Ab’ Saber, um importante Geomorfologista.”

Ressaltou, nesse item, ainda, informação importante: “Ninguém tem a *Coleção Mossoroense* completa.”

Impressionado com a capacidade intelectual e com o entusiasmo pelo saber e pela cultura, vendo ali um humanista dos mais sensíveis, perguntei a Dr. Vingt-un sobre os nomes da família que tinham se destacado nesse campo, ao que me respondeu com simplicidade e humildade: “*O Rosado de maior cultura era Tércio, e hoje é Ernani. Temos bons nomes na família, também, como é o caso de Cid.*”

Sobre os primeiros passos no mundo das letras, descreveu:

“– No Colégio Santa Luzia, o Diretor era o Cônego Jorge O’Grady de Paiva, homem de cultura, um cientista verdadeiro. Trouxe um dia Luís da Câmara Cascudo para cá. Câmara Cascudo fez palestras no Diocesano, interessado na História de Mossoró. Aos 20 anos, então, publiquei uma ‘História de Mossoró’, editado pela Pongetti, Rio de Janeiro, em 1940. Este foi o meu despertar. Mas, não há nova edição. Só existem dois exemplares, um em Mossoró, outro em Natal, com Enélio Petrovich. Consegui, depois, que fossem publicadas duas Histórias de Mossoró, uma de Câmara Cascudo (Notas e Documentos para a História de Mossoró, 1ª edição em 1955, já em 4ª edição, de 2001), outra de Francisco Fausto de Souza (História de Mossoró, 1ª edição de 1979, e com a 3ª edição em 2001). Este foi o primeiro historiador de Mossoró, um autodidata nascido nesse Bairro de Pintos, com vocação de pesquisador, genealogista, historiador. Um homem notável que criou uma biblioteca pública em Mossoró. Sei lá como!”.



Fazendo uma ligeira pausa no decorrer da entrevista, Dr. Vingt-un fez questão de realçar uma curiosidade, destacando um fato histórico e, até certo ponto pitoresco, que merece registro e, talvez, futuros estudos:

“– Olhe! Destes livros que reuni, um capítulo interessante é o do Padre Longino (Francisco Longino Guilherme de Melo), o primeiro padre, mas também o primeiro cangaceiro de Mossoró. Cascudo escreveu dois artigos sobre isto e pediram para ele parar. Ele parou. Mozart Soriano Aderaldo, sobrinho-neto do padre escreveu uns trabalhos em Fortaleza e também lhe pediram para não continuar.”

O entrevistado deu relevo, também, valorizando os que, como ele, lutaram pela cultura de Mossoró, ao fato de que:

“– Ney Pontes Duarte – nome atual da Biblioteca – era um simples sargento da reserva da Aeronáutica que comprou e doou, com o seu dinheirinho, cerca de quatro mil volumes para o acervo. Outro nome que deu um grande impulso à Biblioteca e ao Museu foi José Maria Gonçalves Guerra, um relojoeiro, figura curiosa de Mossoró, que desenvolveu, também, uma seção de fotografias.”

Naquele momento, destacou a importância da nova Biblioteca, junto à União Caixeiral.

No final de nosso encontro, falou, ainda, rapidamente de suas decepções na vida política, de sua derrotada candidatura a Prefeito de Mossoró, do fato de ter sido o vereador, até então, mais votado da cidade. Mencionou, ademais, o *Memorial dos Mosso-*

roenses, que já listava oitenta e sete nomes de pessoas que contribuíram com o crescimento de Mossoró.

O que, no entanto, mais me marcou – em toda a nossa conversa – foi a confirmação de que a guerra que travou contras as dificuldades para dotar sua gente do patrimônio material, e, principalmente, dos valores imateriais da cultura, foi incomensurável e somente será dimensionada com exatidão em um futuro que – devemos esperar – seja bem próximo. Para isso, cabe muito bem e essencialmente a sua frase forte:

“ – Cultura é negócio de doido nesse Estado!” .

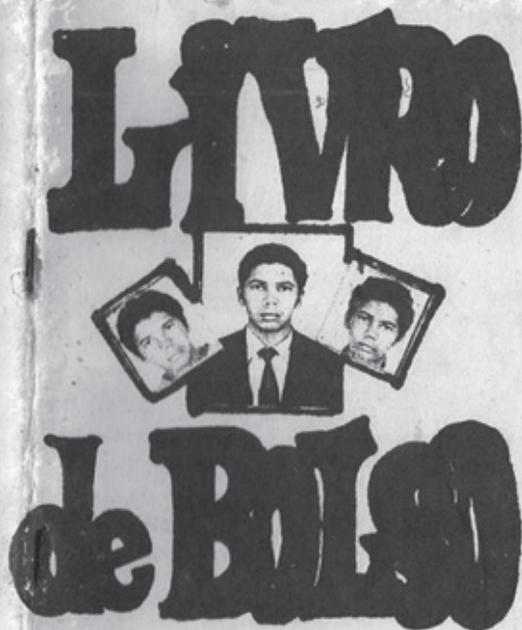
Texto escrito em 11 de janeiro de 2006.

LÍVIO OLIVEIRA é poeta, escritor e Procurador Federal. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.



Poemas
de
João da Rua
&
Amigos

Julho/Agosto 80



João da Rua, (pseudônimo de João Batista de Moraes Neto), foi presença marcante na militância afro no Estado na década de 1980.



PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA POTIGUAR (PARTE 2)

Thiago Gonzaga

Enquanto Fabião das Queimadas tinha como principal característica a poesia oral, cantando fatos do sertanejo, Auta de Souza, em seu único livro, voltou-se para questões espirituais, muito próxima da segunda geração romântica. Para alguns críticos, a poesia dela era profundamente mística. A publicação do “Horto” deu-lhe grande destaque no Estado e até mesmo no Brasil. É importante observar que, embora fosse de origem afro, por parte dos avós, Auta não foi uma militante, ao contrário, sempre cantava, como símbolos de pureza, crianças loiras e de olhos azuis... Todavia, tal comportamento é compreensível já que a época que viveu era outra e o próprio contexto também diferente.

Depois da morte de Auta (1901), de Fabião das Queimadas (1928) de Henrique Castriciano (1947) e de Eloy de Souza (1959) ao longo de várias décadas, praticamente não existiram afrodescendentes na literatura potiguar, pelo menos com registros em livros.

Porém, antes dos poetas citados, uma “voz branca” militava sobre a condição do negro: era Segundo Wanderley, talvez o primeiro grande poeta do Rio Grande do Norte. No movimento abolicionista, esse ilustre potiguar brilhou intensamente, com vários poemas engajados.

Manoel Segundo Wanderley nasceu em Natal a 6 de abril de 1860. Filho de Luiz Carlos Lins Wanderley (também poeta e primeiro ficcionista potiguar) e D. Francisca Carolina Lins Wanderley. Estudou em Natal e no Recife e, em 1880, partiu para Salvador, onde se formou em Medicina (1886). Neste mesmo ano, ele se casou com Raimunda Amália da Motta Bittencourt. Sob influxo da poesia de Castro Alves, abraçou o condoreirismo, a terceira ge-



ração do romantismo brasileiro. Segundo Wanderley foi considerado o maior poeta do Rio Grande do Norte de sua época. Quando residiu em Salvador, predominou em sua mente a preocupação pelo destino do negro. Combateu obstinadamente a escravidão. Em um dos seus poemas chega a dizer:

“Uma ideia – Abolição.
Seu verbo – é mais que espada
Seu braço forte é a enxada
Do túmulo da escravidão.”

Apesar do seu inegável talento, Segundo Wanderley foi duramente criticado, sobretudo por causa da forte influência que recebeu de Castro Alves. Parece-nos ter sido ele o único poeta natalense com participação ativa no movimento abolicionista. Segundo Wanderley morreu em Natal, no dia 14 de janeiro de 1909. Câmara Cascudo, no seu livro “História da Cidade do Natal”, diz que a abolição não revelou nenhum poeta, na capital. Apenas um natalense fazia sucesso: era, na Bahia, estudante de Medicina, Segundo Wanderley.

Enquanto na capital do Rio Grande do Norte havia uma aparente indiferença, em Mossoró, por volta de 1882, o comerciante Joaquim Bezerra da Costa Mendes começou a propagar a ideia da libertação dos escravos, com muito entusiasmo. No dia 6 de janeiro de 1883, foi criada a Sociedade Libertadora Mossoroense, sendo ele o primeiro presidente. Vale ressaltar que os escravos vinham do Maranhão, para trabalhar nas salinas de Macau e Areia Branca, principalmente.

Em pouco tempo a Libertadora conseguiu redimir muitos escravos, de modo que, em 10 de junho de 1883, foi proclamada a libertação de, praticamente, metade dos escravos do município. E

em 30 de setembro do mesmo ano declarava-se, naquela cidade, a abolição total da escravatura.

Como território livre, Mossoró passou a ser procurada por escravos que conseguiam fugir. Sabiam eles que ali chegando, encontrariam abrigo. O Clube dos Spartacus sempre conseguia evitar que os fugitivos voltassem para os seus donos. Alguns eram comprados e liberados, outros eram mandados para Fortaleza, e nunca mais apareciam. Tudo isso aconteceu cinco anos antes que a Princesa Isabel assinasse a Lei Áurea.

O baiano Castro Alves, cognominado Poeta dos Escravos, teve grande influência no movimento abolicionista de Mossoró. Mesmo depois de sua morte, ele continuou ligado à causa através dos seus versos, e por isto se tornou um dos poetas mais populares. Não menos importante, a atuação de Paulo de Albuquerque cognominado o “poeta da abolição mossoroense” e a do tribuno e poeta Almino Afonso, este, elemento de proa da campanha.

Segundo o historiador Geraldo Maia do Nascimento (Mossoró na Trilha da História: Anotações), estudantes universitários, da época, que normalmente se formavam na Bahia ou no Rio de Janeiro foram os grandes responsáveis em difundir a poesia de Castro Alves no movimento mossoroense; alguns escreveram sobre o tema, mas não em obras publicadas, infelizmente.

Passados alguns anos sem registros em livro sobre negros na prosa e poesia, no Rio Grande do Norte, em 20 de janeiro de 1929, um jovem escritor, Afonso Bezerra, nas páginas do jornal “Diário de Natal”, dedica uma crônica a Fabião das Queimadas. Um ano antes, Afonso Bezerra havia escrito belo artigo com o título de “Escravos”, defendendo a igualdade entre negros e brancos, inclusive exaltando as qualidades e virtudes dos afrodescendentes. Ainda em 1929, Câmara Cascudo publica o seu poema “Banzo”, na Revista de Antropofagia.



Em 1922 publicou-se o livro “Poetas do Rio Grande do Norte”, antologia organizada por Ezequiel Wanderley, com 108 poetas, incluindo Antonio Glicério (1881-1921). Natural de Ceará-Mirim, o poeta era filho de uma escrava, conforme revelou o escritor Nilo Pereira, em uma crônica, transcrita, em parte, no discurso de posse do escritor Iaperi Araújo, na Revista da ANRL. Glicério era um homem simples, com apenas instrução primária, trabalhou praticamente toda a sua vida numa tipografia; de origem humilde e sem recursos financeiros, deixou inédito seu livro “Cantinelas”. Quando da fundação da Academia Norte-rio-grandense de Letras, foi escolhido como patrono da cadeira 23.

O negro e a escravidão não são assunto de nenhum dos poemas constantes na primeira antologia poética do Estado.

Na década de 1930, Uriel Lourival, filho do poeta Lourival Açucena, compôs a canção “Céu Moreno”, considerada por alguns como sendo um dos primeiros manifestos na música, em defesa do Negro.

A seguir, trecho da letra de “Céu Moreno”

(...)
Deus, fizeste só então
Nevados serafins
De olhares tão azuis
Deus, perdão meu Deus, mas esqueceste.
Não fizeste um anjinho
Moreninho de áurea luz
(...)

Se São Pedro se enganasse
E um dia eu lá entrasse
Sem mesmo Deus saber
Eu poria em frente aos anjos



Um turbilhão de arcanjos
Morenos a resplandecer

Mas um dia hei de tentar
E um anjo hei de levar
Aos pés de Deus... e enfim
Hei de suplicar a Madalena
Que também fique morena
Que é formoso um céu assim

Segundo pesquisa, por nós realizadas, quem primeiro dedicou um poema, totalmente, a temática afrodescendente, em solo potiguar, foi o poeta Cosme Lemos (1904-1981). Tal poema, intitulado “Ao meu Irmão Negro Americano”, constaria da antologia “Panorama da Poesia Norte-rio-grandense”, de Rômulo Wanderley (1965).

Abaixo um trecho:

Ao meu irmão negro americano
Quando em sua pátria se reacende o ódio racista)

Peewee Cole era um moço jovial e forte,
Do Harlem, em Nova York, descendia
De nobre estirpe da África, que fazia
(Há quatrocentos anos
De escravidão e de ódios desumanos)
A riqueza e o poder da América do Norte.

Desde criança, no Harlem, Peewee Cole cantava
A canção dos irmãos, como quem se embalava:
“Eu também sou América!
Eu também sou América!”



Vem a guerra fatal. Como bom patriota,
Cole vai se alistar na aérea frota.
E cheio de fervor e de ufania
Pela Democracia
Solicita e consegue a suprema façanha,
De partir para o “front”, combater a Alemanha.
(...)

Lutou até morrer contra o racismo.
Mas desde aquela noite
De tão infamante açoite,
Nunca mais ele olhou o estrelado pendão
E morreu sem cantar sua antiga canção:

“Eu também sou América!
Eu também sou América!”

Oh! Vem meu irmão negro americano,
Deixa as plagas do ódio à tua raça
E vem beber conosco a grande taça
Da solidariedade e do amor humano!

Vem, que aqui nada te será hostil!
Vem, para que teu filho nasça no Brasil!
E este filho
Cantará sem receio o estribilho:
- também sou Brasil!
- também sou Brasil!



Na década de 1980, destaca-se o poeta e escritor João Batista de Moraes Neto, usando o pseudônimo João da Rua, e declaradamente afrodescendente, buscava em sua literatura, de característica marginal, protestar contra o preconceito racial dentre outros temas sociais.

Já nos anos de 1990 a antologia “Geração Alternativa – Antologia Poética Potiguar” organizada por J. Medeiros, inclui o poeta negro, Edgar Borges (1961-1999), conhecido pelo pseudônimo Blecaute, ou Black-out, que publicou apenas um livro, “Duas Cabeças”, em 1981 e deixou alguns poemas dispersos em periódicos. Todavia não encontramos, pelo menos de forma explícita nenhuma militância nos versos de Edgar Borges, que, evidentemente sofreu todo tipo de mazela em vida, sobretudo pela sua cor, e seu estilo de vida alternativo. Talvez, os versos, e ascendência afro assumida, de João da Rua são os que mais irão refletir, pelo menos de forma explícita essa militância, durante toda a década aqui no Estado..

Nos anos seguintes poucos poetas e ficcionistas iriam surgir em nossa literatura, produzindo um material mais consistente sobre a temática. O movimento afro na literatura do Estado, só voltaria a ganhar força na virada do século com o advento da internet e maior engajamento dos jovens na política e conseqüentemente nas causas sociais.

THIAGO GONZAGA é escritor e pesquisador. Mestre em Literatura Comparada (UFRN), especialista em literatura e cultura do Rio Grande do Norte (UFRN). Autor dos livros “Os Grãos- Ensaio sobre Literatura Potiguar Contemporânea” e “Impressões Digitais” (3 vols.), dentre outros.



ANTONIO DE SOUZA, ENFIM, ROMPE O GELO DO TEMPO

Nelson Patriota

A literatura potiguar padece de um mal crônico: à medida que os anos passam sobre seus autores, obscurecem suas obras, encobrimdo-as e exaurindo-as no espaço de algumas décadas. São muitos os exemplos desse trabalho corrosivo do tempo sobre os livros, afinal, são feitos de papel. Por isso, precisam de novas edições, bem-cuidadas e, de preferência, enriquecidas com pelo menos uma parte da fortuna crítica da obra, um novo prefácio convidando o leitor a refletir sobre o contexto da trama, da linguagem do autor etc. Enfim, um conjunto de textos correlatos que despertem a atenção do leitor apelando à sua inteligência e sensibilidade. Com a vantagem de que edições dessa espécie – as chamadas edições críticas – costumam ser mais apetecíveis aos leitores, dada a variedade de informações que colocam à sua disposição, contextualizando autor e obra.

Isso, no entanto – insistimos – passa ao largo do que vem acontecendo no campo das nossas letras. Tomemos o exemplo de um escritor como Antônio de Souza, o insigne Policarpo Feitosa (seu outro), embora autor de vasta obra ficcional, pouco repercute sobre os caminhos atuais da nossa literatura porque, com exceção de *Gizinha*, sua obra está esgotada há décadas. Então como poderia ele dialogar com os leitores da atualidade? E um autor que não é lido, só existe virtualmente, ou seja, nos anais das cronologias, das antologias e dos manuais literários. Se tanto. Por isso há que se festejar quando um livro emerge do limbo do esquecimento e ganha uma nova chance junto ao leitor de agora; quando um livro que conhecíamos num padrão editorial antigo aparece sob cores e leiaute correspondentes aos da atualidade. Ou ainda quando um autor de hoje faz ressurgir das cinzas a fênix de outros tempos, ao



traçar um perfil circunstanciado de um autor, de uma autora de ontem. É o que acontece com o escritor Antônio de Souza, que o historiador Manoel Onofre Jr. nos apresenta não de relance, não em três por quatro, mas de corpo inteiro. Na verdade, em dobro.

De fato, Manoel Onofre Jr. já havia se ocupado de Antonio de Souza e seu duplo – Polycarpo Feitosa – num livro que intitulou “Polycarpo Feitosa: o excêntrico Dr. Souza” (Natal: 8 Editora, 2016), da Coleção Presença, série de perfis biográficos reunindo nomes da cultura potiguar.

Sabemos agora que o opúsculo lançado em 2016 seria ampliado, quatro anos depois, incorporando novas fontes críticas e historiográficas, aprofundando questões que foram abreviadas na primeira e, ao mesmo tempo, introduzindo novas seções, como a Miniantologia, onde o leitor de hoje pode ler capítulos inteiros de romances e contos de Antonio de Souza., aliás Polycarpo Feitosa.

Mas as qualidades dessa obra ultrapassam de longe essa vantagem acessória de ler o autor de Gizinha em algumas de suas páginas mais instigantes. A começar pela laboriosa pesquisa bibliográfica, reveladora de fatos que corroboram a merecida fama que o autor ganhou, ainda em vida, de excêntrico. Mas como não ser excêntrico numa sociedade patriarcal, mal saída da escravidão para mergulhar toda a população negra numa encruzilhada sem alternativas, enquanto a minoria branca (ou quase branca/quase negra – ver “Haiti”, de Caetano Veloso) se locupletava, mas sem nunca descuidar das suas gerações futuras? É verdade que a origem da excentricidade do Dr. Souza não foi exatamente essa que explode numa canção baiana, mas hoje, isso faz todo o sentido.

Essa segunda parte da longa e frutífera vida de Antonio de Souza começa com sua renúncia à vida pública, na soleira dos 60 anos, enquanto corporifica, molda e burila a figura de Polycarpo Feitosa que assinará seus livros. A originalidade do gesto radical de Antonio de Souza, rompendo, na terceira idade, com uma vida consagrada ao serviço público (foi governador de Estado em dois



mandatos, entre outros cargos que exerceu), é, ainda hoje, exemplo sem seguidores. Varão de Plutarco em pleno sertão, Antonio de Souza é um raríssimo fenômeno político de alguém que abraça um tópico da ética kantiana resumida naquele célebre conceito de “imperativo categórico”, ética inegociável, inatacável, sem a qual qualquer vida pública se contradiz de pronto. Os exemplos que Onofre Jr. reúne desse ethos na vida pública de Antonio de Souza mostram que ele não tergiversou diante de qualquer desafio que se interpôs no seu caminho. Pelo contrário, respondeu a todos com igual altivez. Mas sua época não estava preparada para entender seus propósitos. Daí a alcunha de excêntrico que colou à sua persona política. O próprio Cascudo não resistiu à blague, em outro contexto, e pespegou-lhe esse dilema hamletiano: seria “casto ou cauto”, referindo-se a sua solteirice irreduzível.

Se foi excêntrico na política – “Cousa suja essa história de política”, como disse em entrevista ao “Diário de Pernambuco” (01.08.1946), quando deixou a política – seu heterônimo ou sua persona literária não pode ser acusada de qualquer singularidade que não seja aceitável no amplo campo das letras. É verdade que se manteve à parte das escolas e modismos literários de sua época. Daí o biógrafo aventar que o Dr. Souza teria perdido o trem da História. Façamos, porém, uma ressalva: sim, o Dr. Souza perdeu o trem do Regionalismo Nordestino cujos autores gozam, até hoje, a bem-merecida fama de inovadores da prosa brasileira. Mas se há de convir, não obstante, que Antonio de Souza, ao retalhar com sua prosa cortante o tecido da sociedade rural nordestina que conheceu bem de perto, deu um golpe certeiro nas estruturas que empanavam, desnudando-as. E foi assim que conseguiu galgar a plataforma do trem do Romance Nordestino.

Convém lembrar que a literatura tem sempre um lugar reservado àqueles autores que, por diferentes razões, preferem trabalhar na solidão da sua biblioteca a frequentar salões e saraus literários, onde preferem desembainhar suas espadas e defender seu decálogo da nova modernidade. Assim, mesmo idiossincrático, mesmo

furtando-se a travar polemicas sobre o sentido social do romance, o Dr. Souza, a partir da publicação de seu *Flor do Sertão* (Natal: Tipografia de A República, 1928), assinado pelo seu *nom de plume* de Polycarpo Feitosa, que criou para persona literária, trafega muito à vontade no campo literário.

A muitos leitores os nomes de Antonio de Souza e Polycarpo Feitosa constituem duas realidades autônomas independentes; há, ainda, aqueles que desconhecem a ambos. É para retirar as pessoas dos equívocos (pequenos e grandes) que envolvem escritores e suas criações que existem biógrafos como Manoel Onofre Jr., com larga passagem pela ficção, pela crônica e outros gêneros literários.

Diante disso, não há como negar que nossa literatura sai mais robusta após esse duplo e solitário (e generoso) esforço empreendido por Manoel Onofre Jr., mas que deságua no vasto mar da criação literária a perder de vista.

NELSON PATRIOTA é poeta, escritor, crítico literário e jornalista, autor de “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



CULTURA ANTIGA (UMA SÍNTESE) - I -

SUMÉRIA

Jurandyr Navarro

Considerando a distância do tempo, quando o ambiente mesopotâmico espelhava o final da rudeza da barbárie, a Suméria foi responsável, em diversos pontos, pelos primeiros passos em direção ao progresso da humanidade.

A cultura nascente abria a sua aurora de luz, porém, de um clarão ainda incipiente, todavia, irradiador e florescente, qual pássaro que libra as asas, em busca de um horizonte favorável ao seu bem-estar.

Esse fervor voluntarioso resultaria em conquistas da literatura, da arquitetura, do comércio, as primeiras leis, inicialmente, protagonizando alcances mais elevados, em bens materiais e espirituais.

André Aymard e Jeannine Auboyer (1), narradores memorialistas de épocas longínquas, acentuam matizes identificadores de uma civilização mesopotâmica, “suficientemente original e coerente para que a consideremos no seu conjunto, opondo-o às civilizações contemporâneas e vizinhos. Nasceu na baixa mesopotâmia, na região chamada Sumer. Pelo menos no que concerne à religião e à escrita, a influência sumeriana marcou-a profundamente, por milênios, muito tempo depois que os sumerianos, propriamente ditos, foram submersos por outros elementos étnicos”.

E complementam: “...Os títulos oficiais ostentados pelos soberanos revelam algo da concepção de Estado. Hesita ela, ao que parece, entre a cidade mais ou menos dilatada e o país. Ao lado de nome da cidade, Ur, Uruk, Lagash e muitas outras, surge bem cedo o título “rei do país”: trata-se de Sumer, que não é uma cidade... Assim sendo, mesmo consideravelmente ampliado, o Estado conservou a lembrança e a marca da célula inicial de onde saiu”.

Pesquisas arqueológicas descobriram uma herança, de cultural riqueza, há muito sepultada em sarcófagos de reis, rainhas, sacerdotes, que hoje se eternizam, em museus, à admiração de estudiosos e curiosos da Arte.

Com o passar dos séculos, o memorial sumeriano foi se enriquecendo com a aparição de leis, as primeiras da humana civilização, anteriores ao famoso Código de Hamurabi. Surgiram os anais; práticas religiosas; poesia; inspiração de lendas...

A escrita cuneiforme, a importante realização, na órbita cultural, cuja decifração se deve aos pesquisadores Rawlinson e George Grotefend. Outro estudioso da área, Hinks, assinala admitido ter a escrita provindo de uma povo de idioma não-escrito; e Oppert, deu a esse povo, o nome de “Sumerianos”. Adiante, Henri Rawlinson localizou, nas ruínas da Babilônia, tabuinhas com vocabulário de língua sumeriana.

A escrita foi uma importante realização. A maravilhosa arte se exibia bem adiantada e apta a exprimir pensamentos, em variados campos do entendimento humano.

No seu livro sobre a “História do Alfabeto”, John Man, ressalta a importância da sociedade, da então Suméria, em relação ao jubiloso nascimento da Escrita. Adiante dessa asserção, aduz: “A escrita sumeriana era tão complexa quanto a língua inglesa: o mesmo sinal podia ser utilizado com ideograma, sílaba ou determinativo”.

Proferiu Assurbanípal, rei assírio:

“Entendi a sabedoria de Nabu, a compreensão de todas as artes da Escrita. Aprendi a arte do sábio Adapa, os ocultos segredos; os movimentos celestes, eu li sobre eles, às reuniões dos clérigos estive presente, observei os presságios; interpretei o céu com os sacerdotes, recitei as complicadas multiplicações e divisões que não são imediatamente claras. Minha alegria em repetir os belos escritos da Suméria... Ao mesmo tempo, aprendi a mandar e a seguir meu caminho de rei”.



A escrita cuneiforme, usada pelos acádios, passando aos elamitas, aos babilônios, aos assírios, persas e hititas. Mais tarde, os fenícios serviram-se dela para compor seu primeiro alfabeto. Foi ela usada pelos uratuanos, povoadores da atual Armênia; foi assimilada e transformada pelos persas, que conquistaram a Mesopotâmia, por volta de 530, ante da nossa Era.

Em “Berço da Civilização”, escreveu Will Durant: “Onde começou a Civilização”?

Da obra, “A Palavra Escrita”, do autor, Wilson Martins, consta: “a glória da decifração cabe ao professor George Friedrich, que apresentou à Academia de Ciências de Gottingar: para ele os caracteres cuneiformes eram uma forma de escrita e não um ornamento, próprio para ser guardado em material sólido”. Acrescentava que as cunhas apontavam em diversas direções, mas sempre as suas pontas se dirigiam para baixo ou para a direita. Os ângulos formados pelo encontro de duas cunhas, abriam-se, sempre, para a direita. Verificou que nenhuma inscrição é feita verticalmente, e sempre escrita no horizontal.

Em data de dois mil e setecentos, a.C., a Suméria já era dotada de Bibliotecas. Eram elas, “minerais”, compostas de tabletes de argila, e as “vegetais”, de rolos de papiro e de pergaminho.

Constatou-se que nas ruínas da cidade de Tello, o pesquisador, Sarsac, foi o descobridor de rica coleção de tabuinhas, todas elas, sistematicamente ordenadas.

Pelo calendário de dois mil a. C., descobertas apontavam relíquias condizentes com a origem religiosa, da literatura, nos cantos e lamentações sacerdotais. Os poemas madrigais foram posteriores às orações, na cronologia literária sumeriana.

A sua arquitetura foi inspirada na criação do formato dos templos, a abóbada, a coluna e o arco.

Encontrada, em escavações de Nippur, uma arcaria de drenagem de cinco mil anos de idade, recordando que nas tumbas

reais, da cidade de Ur, existentes estavam, arcos datados de três mil e quinhentos anos.

Em tom de gracejo, afirmou certo autor, que “a História subitamente se contrai, quando aproximamos zigurates da Suméria, de cinco mil anos de idade, e os modernos zigurates de Nova York, de hoje”.

O templo de Nannar, da cidade de Ur, ditou moda a uma vasta região, dos ladrilhos azuis vidrados. O seu interior era revestido por mármore, alabastro, ágata e ouro. Tal edificação, das importantes, de cunho artístico. Sua torre elevava-se à altura de sete andares.

Tais construções se exibiam, por vezes, decorados com estatuárias de animais, heróis ou deuses, geralmente destituídas de artística elegância. A sua conservação era mais figurativa nos chamados baixos-relevos, consoante narrativa autorizada.

A sociedade de Lagash, ergueu a “Estela dos Abutres”, ao tempo do reinado de Eanatum, enquanto a de Naramsin, a “Estela da Vitória”. Tais monumentos artísticos, no cenário da arquitetura, espelhavam uma arte vitalizante, característica da cultura nascente.

Em vetustos túmulos foram localizados vasos de ouro. Um deles, de prata, atualmente expostos no Louvre parisiense, dentre eles, do rei Entemenu, revelando delicada gravação. Apreciável a bainha de uma adaga de ouro, exumada nas ruínas da cidade de Ur. Expostos, nos dias presentes, no Museu do Iraque, em Bagdad.

A escrita sumeriana data de seis mil anos. Berósio, perito em escavação, anteviu a Suméria sob um véu lendário: introdutora da agricultura, da metalúrgica e da escrita, “todas as coisas que melhoraram a vida”. Dizia ainda, esse pesquisador babilônico, ter os sumerianos, alcançado alta civilização, na sociedade de Ur, nos recuados anos de quatro mil e quinhentos anos a.C. Suas mulheres já usavam braceletes, colares, pulseiras, anéis, brincos...

O rei, Urukagina, portou-se, em tempos de grosseiro politeísmo, e maldade, portou-se um iluminado, reformador social,



amigo da pobreza desprotegida. Jactava-se ter “concedido liberdade plena ao povo”. Foi amante da Caridade.

No momento da invasão de uma importante cidade sumeriana, profanados os templos, a povoação saqueada, mutiladas as estátuas sagradas.

O poeta Dingiradamu, queixava-se de rapto da deusa da cidade, expressada na lamentação:

“Minha alma soluça pela cidade, pelos tesouros.
Pela minha Girsu (Lagash) ái, minha alma soluça!
Na sagrada Girsu as crianças estão na angústia.
O santuário foi conspurcado pelo invasor;
A augusta rainha, tirada do seu templo.
Ó senhor de minha cidade, quando retornará”?

Sob o poder de Gudéia, o estatuário foi erguido no seu ápice. Houve, também, dedicação à religiosidade, à arte literária, estudos e obras.

Para os sumerianos, o sol era “a luz dos deuses”.

À imagem da divindade, Enlil, templos foram edificados. Ningirsu, o deus da irrigação, “o senhor dos dilúvios”. Para a flora, em geral, foi escolhido o deus Tammuz, como seu protetor.

A maioria dessas divindades, habitavam o recesso dos templos, onde recebiam oferendas de alimentos e até... mulheres!

Vaticinava determinada lenda, que Adapa, sábio da Érida, recebera a iniciação através de Ea, deusa da Sabedoria. Todavia, um segredo fora-lhe ocultado: a ciência da existência da imortalidade! (tal versão é traduzida de modo diverso, por outros autores).

Algumas exumações expõem joias, cosméticos, e alguns utensílios femininos. No túmulo da rainha Shubad, o pesquisador, Woolley, localizou um estojo de malaquita azul-verde, alfinetes de ouro com cabeça de lápis-lazúli, constatação inspiradora do dizer, a seguir:

“Nada de novo debaixo do sol; e as diferenças entre a primeira mulher e a última podem passar pelo fundo de uma agulha”, sentenciou certo autor...

Autorizados escritores propalaram em suas divagações, determinados esplendores desses povoados, adiantados para a sua época, de elevado progresso para esses recuados dias. São tesouros de inteligência, obtidos pelo trabalho edificante, tenacidade e férrea vontade de fazer.

“O Egito pode, sem demérito, ceder a primazia da Civilização à Suméria”. Conclusão implícita, por muitos homologada, em observação e estudos procedidos, ao longo dos tempos, tudo fazendo crer, ser uma asserção verdadeira.

Em ampla visualização, expõe Will Durant, erudito narrador da memória dos povos e autor de obras opulentas e credenciadas (2): “A civilização sumeriana com a acentuação do contraste o rude da cerâmica e a perfeição da joalheria; era uma síntese de ásperos começos e ocasionais mestrias. E, ao que sabemos, contribuiu para o mundo com os primeiros Estados e impérios, a primeira irrigação, o primeiro uso do ouro como padrão de valor, os primeiros contratos comerciais, os primeiros códigos de lei, o primeiro desenvolvimento da escrita, as primeiras histórias da criação e do Dilúvio, as primeiras bibliotecas e escolas, os primeiros cosméticos e joias, a primeira literatura e poesia, as primeiras escrituras, as primeiras esculturas, e os primeiros baixos-relevos, as primeiras ornamentações em metal, o primeiro arco, a primeira coluna, a primeira abóbada. Pela vez primeira apareceu, em largas escalas, alguns dos pecados da civilização: escravidão, despotismo, eclesias-ticismo e guerra imperialista. A vida mostrava-se mais diferenciada



e sutil, abundante e complexa. A natural desigualdade dos homens já estava produzindo um padrão de vida para os fortes e uma nova rotina de trabalho duro e disciplinado, para os demais. Estava lançado o tema sobre o qual a História iria tecer mil variações”.

A comunidade primitiva se amplia por centenas de milhares de anos. O seu exórdio, o regime comunitário. A sua ciência, no que tange à sociedade primária, é direcionada por dois ramos históricos, a Arqueologia e a Etnologia. Esta, estudando a sua cultura e os costumes e, aquela, os monumentos. Thomsen, visualizando a classificação das descobertas arqueológicas a projeção de “três idades” – a da pedra, a do bronze e a do ferro, em razão do material usado para os utensílios.

Os antigos habitantes da Suméria estabeleceram-se em alturas inacessíveis às enchentes do Tigre e Eufrates. Viviam da pesca, agricultura, criação de animais. Habitavam em cabanas de argila e de junco. Numerosas estatuetas de mulheres feitas de argila, encontradas, supõem que, na Suméria, o matriarcado se manteve até a primeira metade do quarto milênio, concluem estudiosos no assunto.

A água era armazenada em reservatórios. Canais realizados e diques para a preservação das inundações ocasionais. Do regime comunitário passou à formação de classes sociais. Surge a evolução da escrita, inicialmente a pictográfica, a construção de templos religiosos... sinetes cilíndricos, os primeiros da Mesopotâmia. A arquitetura monumental. Progressos anunciados por Speiser e Parrot, historiadores.

A acentuação da divisão social é atestada pelas escavações da necrópole real de Ur, ao sul da Suméria, terceiro milênio. Diferentes dos túmulos de clã, estes eram feitos de tijolos crus, sepultados juntos aos carros atrelados de bois, com guerreiros armados, uma multidão de escravos de ambos os sexos, fabricados em miniatura.

As sepulturas de Ur e cidades como Mâri e Quish, situam a formação do Estado neste país, por volta do terceiro milênio.



Em sua origem, era constituída, a Suméria, por um certo número de cidades – Estados independentes: Erido, Ur, Shurupaque, Uma, Lagash, Quish, Mâri, e outros.

Acad, situado ao norte, independente da Suméria, era habitado por tribos que diferiam dos sumerianos, tanto pelo tipo, como pela língua. Expressavam-se por um idioma semita (o acádio).

Os sumerianos cultivavam o linho, as lentilhas, o gergelim, do qual extraíam azeite. Árvore frutífera, a tamareira. Com sua madeira faziam utensílios de uso com suas fibras, cordas e esteiras, seus frutos e seus caroços macerados na água usados como forragem. O vinho era importado do norte. Não tinham cavalos. A avicultura de gansos e patos. Vestimentas de lã, de linho, armaduras de couro. A joalheria de ouro, prata e pedras preciosas.

Na chefia do Estado, o soberano, o patesi, era eleito no seio de uma família ilustre, sendo, seus filhos, os sucessores. Exercia, o patesi, função de grande sacerdote e vigário dos deuses.

As cidades sumerianas tinham assembleias populares e conselhos dos anciãos, que elegiam o soberano, aplicavam justiça, tomavam medidas administrativas.

Os templos era administrados pelo nubanda, o ordenador dos escribas.

As obras literárias sumerianas se relacionavam mais com a religião. A sua maior parte interpreta a magia e a liturgia, e, as raras, mitológicas. Há, nelas, motivos folclóricos, atinentes à origem do mundo, dos homens, da agricultura, sob a forma de lendas, assemelhados, a contos populares, aduzem autores credenciados.

Os poetas babilônicos, após, naturalmente, se utilizaram dessas lendas sumerianas, para a criação de obras. Uma delas, é o poema “Quando do Alto”. É inspirado no mito sumeriano da criação do Mundo, cujo herói é Enlil, tendo sido substituído, pelos babilônicos, por Marduc.



O admirável poema da literatura babilônica, - “Gilgamesh”, seus textos iniciais, eram escritos na grafia sumeriana. Tal poema, segundo entendidos, figura entre as obras-primas da literatura universal, sendo a primeira delas, pois vem desse terceiro milênio. Dados colhidos de “Antiguidade”, direção de A. Cajdan.

A luta social, áspera luta, entre senhores e escravos, através de uma política violenta, cada lado com seu método de ação. Escassas as fontes a esse respeito. Um dos episódios havidos dessa luta, de característica social, em Lagash: o patriarca Lugalanda, levava os direitos das comunidades, em favor dos poderosos. Anulou decretos antigos. Aumentou impostos a seu favor e dos sacerdotes e outras violações sociais.

Quando Urukagina assumiu o trono, em dois mil trezentos e setenta, a.C., restabeleceu as antigas taxas. Impôs a liberdade. Porém, a nobreza conservou alguns privilégios de apreciável parcela econômica, que o Patesi não tinha ânimo de extinguir. Urukagina deixou uma inscrição sobre a miséria de Lagash.

Pouco tempo adiante, Lagash, outrora repleta de esplendor, decaía a ponto de chegar a perder a sua independência, e a vizinha Ur, anexou-a. Após alguns anos decorridos, todo esse território sumeriano foi ocupado pelo Estado de Acad, assim, também, esse lado sul mesopotâmico.

O invasor do norte, sob o reinado do soberano Sargão, foi seu nono dirigente. Deu-se em data de dois mil trezentos e sessenta e nove, a.C.

A Suméria eclipsou-se, em 2.007 a.C., com a decadência da cidade de Ur e de Elam, que a governaram duzentos anos, antes, do final de sua existência.

Então, o nome da pioneira Suméria, saudosa pela sua florescência primitiva, do mapa desapareceu em definitivo.

(1) – “História do Mundo” – Antiguidade – Editora Fulgor – São Paulo – 1965

(2) – “Nossa Herança Oriental” – Editora Record – Rio de Janeiro – 1963

JURANDYR NAVARRO é professor aposentado da UFRN e escritor. Autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a Antologia do Padre Monte. Ex-presidente da Fundação José Augusto, ex-presidente do IHGRN e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



UMA LEITURA SOBRE O PAPEL DA MULHER NO PASSADO E NO PRESENTE A PARTIR DO CONTO “AS DOS SANTOS” (PARTE 2)

Livia Confessor de Lima (Autora)

Maria Aparecida de Almeida Rego (Orientadora)

3. As dos Santos: passado x presente

No passado, com uma sociedade extremamente patriarcal, a mulher possuía pouca representatividade. Sua função, por muitos séculos, foi originariamente procriar, cuidar dos filhos, da casa, do marido e de todas as funções domésticas. Estas atribuições competiam somente a mulher, até mesmo a educação dos filhos.

Na literatura, a mulher por muitos anos foi apenas espectadora e quando era escritora remetia-se por pseudônimos, uma vez que esse papel era apenas dos homens. Uma razão também viável a essa realidade era a ausência de alfabetização feminina. Não havia extrema necessidade para mulher frequentar uma escola. Data-se que somente a partir de 1827 que houve a primeira legislação permitindo a abertura de escolas públicas femininas no Brasil.

Antes desse momento, quando elas recebiam alguma formação, era em conventos ou em aulas particulares em casa. A mulher vivia em uma espécie de isolamento intelectual, em contrapartida de uma supervalorização do exercício dos dotes domésticos. Aqueles que conseguiam andar na contramão dos costumes, nem sempre eram vistas com bons olhos.

Porém, as mulheres que conseguiram receber uma educação diferenciada, tomaram para si a coragem de despertar em outras o interesse da mudança e da ressignificação de sua imagem.

“Em Natal, o processo civilizatório despontava com a primeira aula feminina, no bairro da Cidade Alta, com a professora Josefa Francisca Soares da Câmara, em 1829, informa Câmara Cascudo” (GONZAGA, 2016, p. 16).

Na literatura feminina potiguar, outras mulheres, ao longo da história, também deixaram sua marca registrada como Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885) que escrevia pelo pseudônimo de Nísia Floresta e foi a precursora no Rio Grande do Norte a publicar textos em jornais com contos, poesias, novelas e romances. Nísia Floresta foi ainda uma das pioneiras a tratar do feminismo no Rio Grande do Norte, conforme pesquisou Thiago Gonzaga:

Segundo Diva Cunha e Constância Duarte (2001, p. 37) a obra de Nísia evidencia o propósito consciente da autora em formar e modificar consciências e de alterar o quadro ideológico vigente no que dizia respeito ao comportamento das mulheres, e naturalmente, o dos homens, seus contemporâneos. Sua poesia é caracteristicamente romântica, com elogios à natureza e exaltação de valores indígenas (GONZAGA, 2016, p. 17).

Há outras figuras notáveis como Clara Camarão, índia e guerreira; na política Celina Guimarães, primeira mulher eleitora no Brasil em 1928. No mesmo ano, em eleições diretas, temos Alzira Soriano eleita como a primeira prefeita no Brasil, no município de Lajes –RN. Mulheres que permearam espaços até então, essencialmente masculinos.

Nas canções do passado a narratividade feminina não é diferente, a mulher de verdade remete-se aquela que não possuía vaidades e nem se importava com riquezas ou bens, aquela que até



mesmo a fome encarava muito bem. Essa era a Amélia, personagem criada por Mário Lago e, possivelmente, aceita pela sociedade como a mulher correta, a exemplar e admirável.

Ai, Que Saudades da Amélia¹

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Não vê que eu sou um pobre rapaz
Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade.

A mulher, que por anos foi estigmatizada como a virtuosa, remetia-se tal como à canção de Mário Lago. Essa mulher seria capaz de esquecer de si mesmo para ser íntegra e verdadeira. Fazendo um comparativo entre a mulher do lar (casada, valiosa e mãe) com a solteirona, esta não possui grande valor, nem mesmo para casar serve, conforme os padrões sociais conservadores. O casamento

1 Canção composta por Mário Lago (letra) e Ataulfo Alves (revisão e música) que foi lançada a primeira vez em 1942 (<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/a-historia-da-criacao-da-musica-amelia-por-mario-lago-e-ataulfo-alves-33004/> – acesso em 10 de setembro de 2019)



era apresentado como valor primordial a mulher. Aquela que não conseguia um marido, tinha algo estranho. O normal seria casar-se, ter alguém interessado por ela para se ter perante a sociedade valor e respeito.

Essa santidade feminina foi desmistificada ao longo dos séculos; mulheres como Maria Firmina dos Reis² escreveram sua própria história questionando a escravidão; outras atuaram como protagonistas de sua classe como Celina Guimarães³, primeira mulher a votar em 1928, fazendo uma ruptura em uma sociedade essencialmente patriarcal e machista.

No fatídico caso de Mariquinha apresentado no conto, após as pazes com Santo Antônio, um pretendente chegou a sua vida – o Abdias surgia como sua salvação. Porém, tempos depois ele deixou-a em situação ainda pior.

Ser abandonada era atestar pouco valor de mulher ou até mesmo atestar que sua virgindade já houvera sido tocada. Um passo como esse facilmente seria evidenciado pelo fato de Mariquinha estar grávida, realidade em que mensalmente a mulher reveste-se em seu ventre do crescimento do feto, tornando-o impossível de esconder.

Para a sociedade da época seria um escândalo duplo o abandono seguido da gravidez, cabendo nessa ação diversos questionamentos: Como Mariquinha teve coragem de entregar-se a um homem antes do casamento, de dar um mau passo, capaz de lançar dúvidas sobre seu caráter e reputação? Como perdeu seu valor tão facilmente? Quem ainda teria respeito por uma mulher que já perdera sua virgindade? Quais princípios tem uma mulher com tal conduta? Será que com uma atitude assim ela ainda poderá ser respeitada?

2 Maria Firmina dos Reis (São Luís/MA, 1825–1917) foi a escritora brasileira, considerada a primeira romancista no Brasil.

3 Celina Guimarães Viana (Natal/RN, 1890–1972) Professora, primeira eleitora do Brasil ao votar em 5 de abril de 1928 na cidade de Mossoró, no interior do Rio Grande do Norte.



Todas as indagações eram pertinentes à época, porém, vejamos que as argumentações tendem a enfatizar a culpa única e exclusivamente da mulher. Como se o “erro” fosse cometido apenas por ela e não pelos dois. Observamos ainda a supervalorização da virgindade como uma espécie de pureza e valor feminino. Diante dessa perspectiva, a este pertence a dignidade da mulher presente na sociedade.

O que não é apresentado no conto, assim como na sociedade da época são os questionamentos ao homem/Abdias: Como teve coragem de abandonar sua noiva, quando já havia tido momentos íntimos com a jovem? Não pensou na possibilidade de desvalorização dela? Qual caráter de um homem assim? Qual seu valor diante de uma atitude como esta?

É importante pensar que a sociedade remetida no conto não julga a atitude do homem. A narrativa demonstra o julgamento, mesmo que subliminar, apenas da mulher. Mariquinha havia sido abandonada e agora estava sem destino. Até mesmo a carreira religiosa lhe fora negada junto ao convento.

Associado a todo esse drama existe um outro ainda mais relevante: a gravidez. Em curtas linhas o autor revela que Mariquinha havia abortado discretamente. Há o que se questionar se o aborto fora espontâneo – fato comum à mulher no início da gestação, principalmente, após esta passar pelo trauma do abandono ou até mesmo podendo o aborto ser, proposital, induzido pela mulher.

Como não há definição de como aconteceu, existe a possibilidade intuitiva de associar o aborto à prática de privação do nascimento por parte da mulher. Mariquinha vivenciava dramas sérios a sua época, talvez, uma saída pertinente para atenuar o ocorrido fosse não revelar sua gravidez.

No tempo presente, a mulher tornou-se protagonista de sua própria história, não tendo mais a obrigação de ser omissa às suas escolhas. A mulher deixou de ser única e exclusivamente do lar, para permear todos os espaços da sociedade.

A figura feminina na sociedade moderna, literalmente, deixou de ser o sexo frágil ou mesmo à Amélia das canções, ela estuda em salas de aula mista, trabalha e recebe por isso, faz faculdade, viaja, escreve, publica, elege, protesta e também casa e é mãe. Porém, essa escolha está em suas mãos e não mais depende de sua família ou somente pela crítica da sociedade.

O casamento não é mais visto, como forma de obtenção de valor a mulher perante o meio que vive, nem acontece mais através de acordos familiares. Hoje, a mulher tem a possibilidade de escolha, como quer planejar sua vida através de suas decisões. Suas metas diferentemente do passado não são mais somente o casamento.

No contexto atual, há um parecer de ressignificação da mulher que emponderou-se das suas capacidades físicas, psicológicas, intelectuais e humanas como um todo. A mulher do presente mostrou a sociedade, ao longo da história, que ela tem as mesmas capacidades que o homem e que lhe conferem a decisão de sua vida.

A Amélia não se configura na sociedade moderna como a mulher perfeita, pois a vaidade foi aceita até mesmo como condição feminina. Seja na literatura, nas ciências, na política, na magistratura ou em quaisquer espaços a mulher hoje está em condições de se mostrar apta a pertencer à área que lhe disser respeito.

O seu valor perante a sociedade vai muito mais além da virgindade ao invés de como era no passado. A mulher compreendeu que a ela não se confere apenas a procriação, mas principalmente o planejamento de sua vida, ter filhos ou não, seguir carreira profissional ou não, casar ou não.

O sexo antes do casamento não é mais um tabu. A este correspondem ainda aspectos religiosos, filosóficos e comportamentais assim como o aborto⁴ que é visto pela justiça brasileira como crime

⁴ O aborto no Brasil ainda é pauta de diversas discussões seja por comissões na câmara, líderes religiosos, juristas ou opinião pública. Segundo o art. 128 do código



desde que o feto esteja em condições a vida. O que se difere é que a mulher do presente conhece seu corpo, sabe seus ciclos e possui domínio para escolher o tempo certo para engravidar, seja casada ou não.

O homem não é mais o único a escolher se fica na relação, a mulher conquista e também decide se aceita ou não. Os relacionamentos ocorrem de forma autônomas, não há interferências obrigatórias da família em decidir. Os dois são protagonistas da relação, não casam mais por acordos ou dotes. O sim é passível de decisão para ambos, o amor não está relacionado apenas a mulher, mas ao casal e ao sentido que ambos dão a vida.

Algumas Considerações

Os contos de *Chão dos Simples*, mesmo com mais de 30 anos de distância de sua primeira publicação, ainda possibilitam leituras e discussões diversas, tendo em vista a atualidade das temáticas.

Primeiramente, o regionalismo não se estagnou nas narrativas de 1930, temos ao longo das últimas décadas prosadores que registram aspectos regionais em suas narrativas como uma constante. Segundo Lima (2018) *Chão dos Simples*, apresenta que a vida também pode ser literatura, ou seja, é possível ter aproximação de fatos cotidianos de situações presentes nos contos.

Em segundo lugar, o conto escolhido para análise, “As dos Santos” apresenta temáticas da ordem do dia na sociedade atual. O

penal – Decreto Lei 2848/40 o aborto é necessário em caso de não haver outro meio de salvar a vida da gestante, feto anencefálico ou gravidez resultante de estupro. No entanto, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) analisa um projeto de lei que criminaliza o aborto provocado por motivo de malformação fetal – o PL 2.574/2019. O Projeto de Lei 10774/18 pretende equiparar o embrião vivo ao ser humano já nascido, conferindo a ele todos os direitos previstos no ordenamento jurídico brasileiro. A proposta em discussão na Câmara dos Deputados altera o Código Civil (Lei 11.406/02) para estabelecer que a personalidade civil começa com a concepção do embrião vivo – a partir da fecundação do óvulo. Caso seja aprovado, a proposta de aborto poderia ser criminalizada por qualquer razão.

aborto no Brasil ainda é tema bastante polêmico, recobre um tabu que permeia ao longo das gerações. Por essa razão, muitas mulheres acabam morrendo em clínicas ilegais com a prática do aborto sem responsabilidade médica. A esse respeito ainda temos uma sociedade que dá culpabilidade muito mais a mulher que ao homem. Em contrapartida ao aborto, temos a gravidez na adolescência em crescente no país, associado às contaminações de doenças sexualmente transmissíveis.

Com relação a temática do casamento, a mulher na sociedade moderna ainda é cobrada, ela pode ser bem-sucedida profissionalmente, mas assim como no conto, se não for casada ainda é feita ingerência de que está faltando algo, mesmo que esta tenha decidido não casar.

A produção independente feminina é cada vez mais comum, inclusive a mulher está tendo filhos mais tarde, espera-se primeiro por uma realização profissional, para depois, se desejar, ter filhos. O casamento não é abominado, mas agora é uma escolha do casal e não das famílias, fato esse que, se apresentado à sociedade da época em que o conto fora retratado, seria um escândalo.

A mulher não possui mais a obrigatoriedade, ao casar, de aderir ao sobrenome do marido; isso lhe confere a escolha. Nesse novo modelo pode, inclusive, o homem adicionar o sobrenome de sua esposa ao seu; cabendo também aos casamentos de pessoas do mesmo sexo.

Concluimos a partir da leitura do conto e das reflexões sobre a realidade atual que a mulher moderna não se exilou da maternidade ou do casamento; pelo contrário, ela somou estes à dedicação profissional e hoje tem tripla função. Porém, assim como no conto, ainda é alvo de preconceitos sociais, cobranças como idade para casar ou ter filhos, maior responsabilidade perante a família e culpa diante da decisão de um aborto. Desse modo, podemos inferir que algumas das questões presentes no conto ainda estão no topo das discussões da sociedade moderna.



Referências

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *A tendência regionalista na Literatura Brasileira*. In: ALVES, Luís Alberto. (Org.). *A formação em perspectiva: Ensaios de Literatura, Cultura e Sociedade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2014. p. 201–222.

JUNIOR, Onofre Manoel. *Chão dos Simples* (3ª edição revista e aumentada). Mossoró, RN: Sarau das Letras, 2014.

GONZAGA, Thiago. *Os Grãos: ensaios sobre a literatura potiguar contemporânea*. 1 ed. – Natal, RN. 2016

GURGEL, Tarcísio. *Informação da Literatura Potiguar*. Natal: Argos, 2001.

LIMA, Simara Ribeiro Gomes da Cunha. *LEITURA DO LIVRO CHÃO DOS SIMPLES NA SALA DE AULA: riso e tradição regional nos contos de Manoel Onofre Júnior*. – Natal, RN. 2018

MASSAUD, Moisés. *A Criação Literária. Prosa*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix. 1967.

MELO, Veríssimo de. *Sobre As Filhas do Arco-Íris*. Natal: Fundação José Augusto, 1981.

PINHEIRO, Aurélio. *Macau*. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2000.

TELES, M.A.A. (1993). *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

LÍVIA CONFESSOR DE LIMA (AUTORA) Graduada em Jornalismo pela UFRN (2015) e em Pedagogia pela UVA (2016). Professora da Rede Particular de Ensino. E-mail: liviaconfessor@gmail.com

MARIA APARECIDA DE ALMEIDA REGO (ORIENTADORA) Graduada em Letras pela UFRN (2006), doutoranda em Literatura Comparada (PPGEL/UFRN). Professora da Rede Estadual do Rio Grande do Norte. E-mail: cidinhaetras_ufrn@yahoo.com.br

TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA:

UMA ESCRITORA LUSO-BRASILEIRA DO SÉCULO XVIII

Conceição Flores

Introdução

Teresa Margarida da Silva e Orta é autora do primeiro romance escrito e publicado por uma mulher em língua portuguesa. Esse protagonismo, no entanto, foi-lhe negado durante séculos, tendo sido posta em causa a sua autoria. O romance intitulado *Máximas de virtude e formosura...* foi publicado em 1752, em Lisboa, sob o pseudônimo de Dorothea Engrassia Taveda Dalmira e anunciado na *Gazeta de Lisboa* de 17 de agosto de 1752. A nota informava:

[...] saiu à luz o livro intitulado *Máximas de virtude e formosura*, obra discreta, erudita, política e moral, em que a sua Autora, se não estrangeira ao menos peregrina, no discurso e na elegância, imita ou excede ao sapientíssimo Fénelon na sua viagem de Telémaco, fazendo-se digna das mais atenciosas venerações. Vende-se na loja de Francisco da Silva, defronte de Santo António.

Sobre a autora, considerava o redator que, provavelmente, seria estrangeira ou mulher viajada, surpreso, talvez, com a “erudição” e a pertinência da obra sobre assuntos como “política e moral”. O redator e proprietário desse jornal era José Freire Montarroio, conhecido acadêmico e leitor ávido, por isso estabelecia relação do livro com a conhecida obra de Fénelon *Télémaque*, que só seria traduzida, em 1765, em Portugal.

Publicado sob o pseudônimo anagramático de Dorothea Engracia Taveda Dalmira, o romance narra as desventuras de Diófanes



e Climenéia, reis de Tebas, e de sua filha Hemirena que, feitos prisioneiros pelos seus inimigos de Argos, quando viajavam para Tebas onde se realizaria o casamento da princesa Hemirena com o príncipe Arnesto, foram separados e vendidos como escravos. A partir desse momento, sucedem-se as desventuras: os três são maltratados, sofrem humilhações e perseguições, padecem enfermidades, suportando estoicamente as provas por que passam. As ações do romance resultam do papel de Hemirena, que assumindo uma *persona* masculina⁵, sai em busca dos pais, finalizando a história com a volta de Diófanes e Climenéia a Tebas e o casamento de Hemirena e Arnesto.

Barbosa Machado, no tomo IV (1759) da *Biblioteca Lusitana*, contemporâneo da autora, registrava para a posteridade que se tratava de:

D. Theresa Margarida da Silva e Horta

[...] A instrução das línguas mais polidas da Europa lhe fez patentes os mais delicados conceitos, que felizmente praticou na seguinte obra, em que compete a discrição com a elegância

Máximas de virtude, e formosura com que Diófanes, Climenéia e Hemirena, Príncipes de Tebas, venceram os mais apertados lances da desgraça. Lisboa, por Miguel Manescal da Costa, 1752, 8.

Saiu com o suposto nome Dorothea Engracia Tavareda Dalmira. (MACHADO, 1967, vol. IV, p. 271).

5 Esse tema da “Donzela que foi à guerra” percorre a literatura e na história também teve suas representantes. Lembro Joana d’ Arc, a donzela de Orleans; as brasileiras, Maria Úrsula de Abreu Lencastre (séc. XVIII), que assentou praça com o nome de Baltasar do Couto Cardoso e serviu ao exército português durante 14 anos, tendo se casado com um oficial do exército; Maria Quitéria de Jesus (1792-1853), que serviu no exército português sob o nome de José Cordeiro de Medeiros, seu cunhado (cf. Schumacher, 2000). Na literatura brasileira, impossível esquecer Diadorim de *Grande sertão: veredas* (Rosa, 1986).

A *Biblioteca Lusitana* propunha-se a fazer a história crítica e cronológica dos autores portugueses. Ora se ao autor corresponde uma função que caracteriza um “modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 46), Barbosa Machado, através de seu verbete, estaria vinculando o pseudônimo à sua possuidora e inscrevendo Teresa Margarida na galeria de autores de língua portuguesa, fechando, deste modo, a questão do nome do autor que, segundo Barthes, é uma forma de impor ao texto um significado último e fechar a escrita, prevenindo equívocos e dotando as palavras de um emissor com identidade real.

Considerando com Maingueneau (1995, p. 46) que “a obra participa da vida do escritor” e que “Sua escrita envolve sua vida, sua vida envolve a sua escrita”, é importante conhecer a biografia da autora.

Teresa Margarida da Silva e Orta: uma breve biografia

Filha de José Ramos da Silva, um português que chegou ao Brasil aos 12 anos de idade como criado de servir, e de Catarina de Orta, paulista, filha de Matias Rodrigues da Silva, um dos homens mais ricos de São Paulo, Teresa Margarida foi aos 5 anos de idade com a família para Portugal e nunca mais regressou ao Brasil. A riqueza adquirida no Brasil permitiu ao pai tornar-se Familiar do Santo Ofício e Cavaleiro da Ordem de Cristo e comprar, em 1722, um dos cargos mais cobiçados do reino: o de Provedor da Casa da Moeda de Lisboa.

Irmã de Matias Aires, educado pelos jesuítas no Colégio de Santo Antão, Teresa Margarida e sua irmã Catarina foram educadas no convento das Trinas e destinadas à vida religiosa. O pai decidira que as duas filhas seriam religiosas, colocando ambas no Convento das Trinas. A irmã foi freira, tendo sido abadessa do Convento de Odivelas.

Teresa Margarida se casou aos 16 anos com Pedro Jansen Moeller – à revelia paterna, mediante uma autorização da Câmara



Eclesiástica – e foi mãe de 12 filhos. Casada, passou a conviver com figuras de destaque da sociedade portuguesa. Entre os amigos mais próximos do casal, destacava-se Alexandre de Gusmão, também brasileiro, secretário de D. João V, homem educado no estrangeiro.

Não escolheu a almofada nem o bastidor como bons companheiros⁶. Formou-se entre uma elite ilustrada que, educada no estrangeiro, trazia para Portugal uma almejada renovação cultural. Nem a vida familiar nem a vida social foram impedimentos para a escrita do romance, o qual contribuiu para a divulgação de ideias novas sobre a educação feminina e até mesmo sobre política.

No ano seguinte à publicação do romance, o marido de Teresa Margarida morre deixando-a numa situação financeira delicada. Com filhos ainda para criar e dívidas para administrar, disputou a herança paterna em tribunal com o irmão. Em 1770, foi presa, acusada de perjuro, por ter acolhido os amores de seu filho mais novo com Teresa José Xavier da Cunha e Melo, herdeira da Casa dos Melo, familiar do Marquês de Pombal. Os jovens pretendiam casar-se à revelia da família da noiva, mediante autorização especial da Igreja, plano que contrariava interesses do poderoso Secretário de Estado de D. José, que não queria ver uma familiar sua casada com um rapaz sem fortuna⁷. A liberdade só foi alcançada em 1777 com a subida de D. Maria I ao trono. Nesse ano, o romance foi reeditado com o título de *Aventuras de Diófanes*, título mantido a partir de então.

6 D. Francisco Manuel de Melo, em *Carta guia de casados*, considerava que “O melhor livro é a almofada e o bastidor”. (1992, p.61)

7 O filho de Teresa Margarida foi degredado para Angola, assim como o irmão de Teresa de Melo, tendo esta sido confinada no mosteiro de Vila de Cós (Leiria). Por alvará real, Teresa de Melo e seu irmão foram considerados pessoas indignas de pertencer à Casa dos Donatários de Melo, tendo sido confiscados todos os seus bens que passaram o tio, que era o tutor deles. Após a morte de D. José e a queda do Marquês, o casamento foi realizado e os bens e o nome foram reintegrados aos seus legítimos possuidores.

Em 1790, três anos antes da morte da escritora, saiu nova edição do romance com autoria atribuída a Alexandre de Gusmão. A meu ver, a atribuição da obra a uma figura conhecida, já falecida e sem descendentes, oferecia proteção a Teresa Margarida, uma vez que Pina Manique, o intendente da polícia, reprimia com violência as ideias novas. Por outro lado, a indicação de que o “verdadeiro autor” era Alexandre de Gusmão não deixaria de atrair novos olhares para o romance. Essa edição, contudo, deu azo a que alguns críticos manifestassem a sua misoginia, considerando que livro tão bem escrito só poderia ter um autor masculino. Vale lembrar que o pensamento positivista do século XIX considerava que “a mulher autor não existe; é uma contradição. O papel da mulher nas letras é o mesmo que na fábrica; ela serve onde o gênio já não está de serviço” (Proudhon, *Apud* HOOCK-DEMARLE, 1994, p. 189).

Após 7 anos de cativo, Teresa Margarida era uma velha senhora alquebrada pelo sofrimento. Dos 12 filhos, seis haviam morrido enquanto estivera presa, o filho mais novo regressara de Angola e casara-se com a sua amada. Retirada da vida da corte, residia com o cunhado e amigo fiel Joaquim Jansen Moller, inquisidor do Santo Ofício, em Belas, arredores de Lisboa, onde faleceu em 24 de outubro de 1793.

Com três edições no século XVIII – 1752, com duas tiragens; 1777; 1793, com duas tiragens – e uma edição mutilada em 1818, o livro contou com um público leitor considerável (cf. ABREU, 2003, p. 105; ARAÚJO, 1999, p. 247), porém ficou à margem das histórias da literatura, tanto das portuguesas como das brasileiras, conforme se pode constatar em pesquisa realizada. Afrânio Coutinho (1986); Alfredo Bosi (1999); Antonio Candido (1981); José Aderaldo Castelo (1981); José Veríssimo (1954); Masaud Moisés (1985); Nelson Werneck Sodré (1976); Ronald de Carvalho (1929); Sílvio Romero (vol. II, 1980), nenhum cita a autora. José Aderaldo Castelo, em *Manifestações do período colonial* (1975, p. 120, 125, 128-130), menciona a escritora, a única do período colonial citada pelo estudioso. Luciana Stegagno Picchio (1997), embora



se refira sumariamente à autora no corpo do texto, no apêndice indica bibliografia de e sobre a autora. Já Lúcia Miguel Pereira (1950) refere-se à autora como Margarida da Horta, ocorrendo a mesma confusão em Jorge de Souza Araújo (1999, p. 247). Nas histórias da literatura portuguesa, o panorama não é muito diferente. Consultei Teófilo Braga (vol IV, 1984), não havendo nenhuma menção a Teresa Margarida. António José Saraiva (1996), embora não inclua um verbete, refere-se à obra e à autora em três momentos. São breves referências que ocupam poucas linhas, ocorrendo a primeira quando traça um painel sobre a ficção sentimental do século XVIII; depois, no capítulo sobre *Poesia cultista e conceptista* e por fim, no verbete sobre Matias Aires, irmão de Teresa Margarida (cf. p. 465, 478, 584, 585). Feliciano Ramos (1963), Massaud Moisés (1997) e Benjamin Abdala Júnior (1990) não chegam sequer a mencionar a autora. A ousadia de escrever e publicar teve seu preço.

Ousar escrever

Ousar escrever um romance, gênero novo, não era uma atitude que se esperasse de uma senhora do século XVIII. Abordar uma temática relacionada com a educação feminina e com a política era uma escolha atrevida, pois o plausível seria discorrer sobre o amor. Mas essas foram as escolhas de Teresa Margarida. As primeiras palavras da autora são estas:

Leitor prudente, bem sei que dirás ser o melhor método não dar satisfações; mas tenho razão particular que me obriga a dizer-te que não culpes a confiança de que me revisto para representar a figura dos doutos no teatro deste livro (ORTA, 1993, p. 56)⁸.

⁸ Todas as citações da obra, a partir de agora, virão indicadas apenas pelo(s) número(s) de página(s).

Invoca o “leitor prudente” o que, no sentido literal, significa aquele que seleciona cuidadosamente as leituras, mas também representa o leitor avisado, perspicaz, se seguirmos a etimologia latina do adjetivo. É, sobretudo, para o segundo tipo de leitor que ela escreve, pois a autora representa “no teatro deste livro” (p. 56) o papel inverso ao que lhe cabia na sociedade da época e ao que almeja alcançar na posteridade. Afirma:

Não estranhes que em uma serranaoubessem soberanos pensamentos, pois sabes que em uma aldeia nasceu Pirro, que venceu os Epirotas; em outra Cipião, que venceu os Africanos; [...] mas no caso que a enchente das críticas engrossem tanto que cheguem às sátiras, nem assim creias que me chegarão à notícia, porque vivo na minha choupana vizinha da Serra da Estrela, aonde não chegam novidades da Corte (p. 57-58).

Obedecendo ao cânone arcádico⁹, Teresa Margarida apresenta-se como uma pastora, “a serrana”, que vive afastada da corte, apascentando o seu rebanho que, como dirá Fernando Pessoa alguns séculos depois, através de seu heterônimo Alberto Caeiro, é um rebanho de pensamentos. Afinal, para ela, que vivia em Lisboa e frequentava a corte, a Serra da Estrela¹⁰, lugar distante de invernos rigorosos, o ponto mais alto de Portugal continental, seria

9 O arcadismo, em Portugal, costuma ser delimitado pela fundação da Arcádia Lusitana em 1756 e pela publicação do poema *Camões*, de Almeida Garrett, em 1825. Entre as características desse movimento, destacam-se o ideal da vida pastoril (*locus amoenus*), a imitação dos clássicos, a visão iluminista e racional da vida representada pela figura do pastor da mítica Arcádia, região do Peloponeso, considerada na poesia da Antiguidade um verdadeiro paraíso habitado por seres que se dedicavam à poesia.

10 Conforme informamos na sua biografia, alguns anos depois, em 1777, Teresa Margarida foi encarcerada no Mosteiro de Ferreira de Aves, não muito distante da Serra da Estrela.



representativo dos idealizados *fugere urbem* e *aurea mediocritas*, tão caros aos árcades.

Ao apresentar a obra, a autora firma o contrato literário inscrevendo o “pequeno livro”, no gênero literário a que pertence, isto é, inscrevendo-o no campo literário e justificando-o perante o público. A argumentação é, portanto, composta de justificativas que relacionam a obra com outras do gênero e com recursos retóricos que suscitam ao leitor a adesão ao pacto estabelecido pela narradora.

As primeiras palavras embora sejam dirigidas ao leitor prudente, sujeito masculino dessa primeira oração, são um aviso de que a obra não é a ele destinada, pois a autora é movida por um “ardente desejo” de “infundir nos ânimos daqueles por quem [deve] responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdoar a inimigos, a compaixão da pobreza, e a constância nos trabalhos”. Num primeiro momento, bons princípios, mas logo em seguida avisa que se trata de “advertir a algumas” (p. 56). Será, então, que podemos concluir que o livro elege as mulheres como seu público-alvo? Ainda não é o momento de tirar conclusões, mas o de continuar a ouvir a voz da autora que refere não ter predicados masculinos para desempenhar a tarefa, pois não pode equiparar-se nem a Apeles nem a Homero.

A autoridade de que se reveste, ela afirma, é a de ser “estrangeira” e de já ter “visto bastante para poder contemplar soberanas propriedades, assentando em que não há vapores tão elevados, que possam formar sombras na grandeza do Olimpo” (p. 56). Ora, nós sabemos que Teresa Margarida nasceu no Brasil e foi criança para Portugal de onde nunca saiu, por isso o sentido literal não procede, mas não podemos esquecer que o prólogo se integra no todo ficcional e, portanto, a chave de leitura terá de ser outra. Assim, mais uma vez há um jogo de ambiguidade que re/vela os propósitos da autora.

Teresa Margarida considerar-se-ia uma estrangeira, no sentido de Portugal não ser a sua terra mãe, sentimento partilhado, entre outros, pelos estudantes brasileiros de Coimbra que haviam escolhido

para sua padroeira Nossa Senhora do Desterro¹¹. Por outro, há um outro sentido para estrangeira, isto é, estrangeirada – aquela que partilha dos princípios do iluminismo – e que, por isso mesmo, estaria consciente da sua condição de estrangeira e defenderia, como de fato o faz ao longo do romance, o Brasil, a sua mátria¹².

Aos que acharem erros, lembra a autora que a obra é de mulher, foi escrita por uma mulher, tática de *captatio benevolentiae* que representa o fingimento¹³ de quem sabe que tem valor e ousa inscrever-se num universo masculino e num gênero novo. A autora vai justificar algumas das opções que fez para contar a história, afirmando ter escolhido “os eventos e objetos fantásticos, mas não o essencial, que conduz para o melhor fim” amparando-se no exemplo dos estrangeiros, Espanhóis, Franceses e Italianos, que, segundo ela, consideravam ser “este método o que produz melhor efeito” (p. 57). Afirma:

Como de Grego não sei cousa alguma, e as mais línguas pouco melhor as entendo, por não mendigar notícias antigas, nem me arriscar a mentir errando, me resolvi a seguir o caminho desta idéia, em que são os eventos, e objetos fantásticos, mas não o essencial, que conduz para o melhor fim (p. 57).

11 Transcrevo as palavras de Bartolomeu de Gusmão de um sermão pregado para os estudantes brasileiros que estudavam em Coimbra. “Ah, Pátria, Pátria, quão longe estás? As tuas mesmas pedras, os teus mesmos matos, que alívio me não dariam agora se pudesse vê-los? Porque hei de viver tantos anos desterrado? Que peito há tão de bronze, que não arrebe de dor e de saudade?” (*Apud* Taunay, 1938, p. 128).

12 O sentimento de exílio percorre todo o romance, pois os personagens durante toda a ação são escravos em país estrangeiro, o que lido metaforicamente representa a relação de dominação de Portugal para com o Brasil.

13 Uso a palavra fingimento no sentido etimológico, isto é, de fazer ficção, de representar um papel.



Essa justificativa referente ao modo de narrar projeta um espaço utópico onde a não coincidência com o espaço real deixaria a autora mais à vontade. Teresa Margarida também revela a preocupação com os paralelos que possam ser feitos entre a sua obra e a de outros, avisando o leitor: “se neste pequeno livro achares cousa que te contente, não entendas que são adoções, pois confesso que da pequena esfera deste entendimento só nasce o inútil” (p. 56). Embora a autora faça a defesa da originalidade da obra – vertente que será cara aos românticos, e um dos aspectos focalizados por um dos censores – nós sabemos que, contrariamente ao afirmado, a tessitura do romance se faz de diversos intertextos, entre eles, o de romances gregos e as *Aventuras de Telémaco*. Através das falas dos personagens a autora vai expondo o seu ponto de vista sobre o seu tempo e apontando para transformações que considera ser necessárias.

O enredo é simples e serve de pretexto para apresentar a filosofia das luzes, especialmente, no que toca à educação feminina e à política. A função didática e a intenção pedagógica da obra de contribuir para a educação e formação dos leitores são aspectos inerentes ao *bildungsroman* – o romance de formação, de aprendizado – cuja história, iminentemente masculina, costuma estar associada a Goethe e *Aos anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796).

Os precursores deste gênero narrativo são os chamados romances de aventura e de viagem, que remontam ao mundo grego, e serviram de modelo às *Aventuras de Telémaco*, de Fénelon. Acreditamos que cada época, cada vivência autoral, produz o seu romance de formação. Em comum, esses romances costumam apresentar jovens protagonistas que enfrentam as duras realidades do mundo e crescem superando as provas a que são submetidos.

As *Aventuras de Diófanes* inaugurariam, portanto, o romance de formação de autoria feminina, pois as falas dos personagens refletem um “conjunto de práticas específicas no tempo e no espaço, [...] um desejo de amplitude intelectual comum a uma geração cujo projeto de aquisição de conhecimento e autoconhecimento

to impõe-se como subjetividade, como desejo pessoal.” (MAAS, 2000, p. 43).

As personagens femininas serão porta-vozes do ponto de vista sobre a educação feminina. Climenéia, rainha de Tebas, que no exílio esconde-se sob a identidade de Delmetra¹⁴ para procurar o marido e a filha, considera que:

Há mulheres na Corte, que em oitenta anos que viveram, nunca tiveram mais aplicação que a dos seus enfeites; e é coisa lastimosa que deixemos de enriquecer-nos dos conhecimentos necessários com a leitura de bons livros, que são companheiros sábios de honesta conversação. (p. 90).

A autora parte da crítica à futilidade feminina para sugerir que o estudo, o conhecimento e a leitura deveriam ser “companheiros” femininos, pois “Nós [as mulheres] não temos a profissão das ciências nem obrigação de sermos sábias; mas também não fizemos voto de sermos ignorantes.” (p. 90). Quanto às leituras, sugere que as mulheres escolham os livros e não leiam os “perniciosos os que tratam das paixões” (p. 90) porque essas leituras impedem de ver “as luzes”.

O amor-paixão que levava a menina de 16 anos a desafiar a autoridade paterna e a casar-se com o amado, atitude pouco comum no século XVIII, era visto como um perigo. Aos que “se metem pelas setas de Cupido” adverte para as penas que os aguardam. Dialogando na contra-mão com o conhecido soneto de Camões, apresenta os males que esperam aos apaixonados:

14 O nome Delmetra, ou melhor Deméter, aponta para outra figura mitológica: a filha de Cronos e de Rea, portanto da segunda geração de deuses; mãe de Perséfone percorria a terra em busca da filha, mulher de Hades.



Voraz incêndio, que abrasa toda a região do peito; é uma ira furiosa, um penetrante punhal, que de toda a sorte corta nas entranhas: é uma dor insofrível, com que desmaia a mais acreditada prudência: é um furor incitado, que mata sem remédio; é um frenesi sem melhora, que tira de si aos mais sábios: é uma desesperação sem alívio, e é um inferno de penas. (p. 92).

Considera que “a perfeição dos casados consiste naquela generosa paixão de amor decente, que com sua boa ordem esmalta as virtudes, e alegremente conserva a felicidade dos matrimônios, porque o gosto sempre dá asas ao amor” (p. 95). Em alguns momentos, o livro é uma carta de guia para as mulheres casadas, assim para o bom relacionamento do casal sugere que “Sofram-se os casados alternativamente, que se o silêncio não curar moléstias interiores, só a morte as acaba” (p. 94).

É sempre o bom senso, o equilíbrio entre os sentimentos e a razão, que é estimulado. Afinal, “os homens vieram primeiro ao mundo, fizeram as leis, e tomaram para si as regalias” (p. 95), isto é, as mulheres são o “segundo sexo”, a obediência e os trabalhos são o que lhes cabe neste mundo. Porém faz uma crítica contundente à postura masculina, pois, se:

Não resplandece em todas a luz brilhante das ciências; [é] porque eles ocupam as aulas, em que não teriam lugar, se elas as freqüentassem, pois temos igualdade de almas e o mesmo direito ao conhecimento; e o dizerem que [...] não sabemos entender, ajuizar, aprender e [que] queremos sempre o pior, é sobra de maldade, e insofrível sem razão, quando neles há sempre mais que re-prender, e nas mulheres muito que louvar, me-

nos naquelas, que muito os atendem, porque eles as arruínam. (p. 92)

Na sociedade portuguesa e na brasileira também, a cultura era uma função marcadamente patriarcal e a educação um privilégio masculino. Ser mulher e falar da condição feminina, reivindicando direitos, contrapondo-os aos deveres impostos é inscrever-se entre as pioneiras do feminismo luso-brasileiro. Aos leitores de hoje pode parecer que os princípios expostos sejam conformistas, mas não esqueçamos que na sociedade setecentista esperava-se que a mulher fosse obediente e modesta e ridicularizava-se a vaidosa e gastadora.

Considerações finais

A pesquisa sobre Teresa Margarida da Silva e Orta revela a necessidade permanente de revisão das histórias da literatura. Muitas escritoras, com ela, foram invisibilizadas, esquecidas propositalmente ou não, ou como Teresa Margarida tiveram sua autoria questionada. O registro da escrita de autoria feminina e a visibilidade que essas autoras merecem depende do trabalho de resgate que vem sendo feito nos últimos anos e que precisa continuar a contar com diligentes e ardorosas investigadoras que vêm retirando do limbo da história essas autoras.

O protagonismo de Teresa Margarida da Silva e Orta ficou esquecido, como vimos, tanto no Brasil como em Portugal, quando deveria, como seu irmão Matias Aires, ter lugar em ambos os países.

Mulher culta e ousada, ultrapassou barreiras impostas naquela época ao seu sexo. Escolheu ser dona do seu destino, atitude de rebeldia, que lhe valeu a ruptura com a família paterna. Ao convento que o pai lhe impusera, escolheu o amor. Casou-se à revelia paterna, por isso o tradicional dote lhe foi negado pelo pai.

As sucessivas edições do romance no século XVIII apontam para o êxito que o seu livro teve entre os leitores da época. As suas reflexões acerca da educação feminina são um clamor contra a dominação masculina e uma reivindicação para a educação das mulheres.



Referências:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990..

ARAÚJO, Jorge de Souza. *O perfil do leitor colonial*. Salvador: UESC, 1999.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. de J. Guinsburg. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BRAGA, Teófilo. *História da literatura portuguesa: Os Arcades*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia. 1981.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1929.

CASTELO, José Aderaldo. *Manifestações literárias do período colonial: 1500-1808/1836*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavareda. *Máximas de virtude formosura com que Diofanes, Climenea e Hemirena, príncipes de Tebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1752.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja. 1992.

GAZETA DE LISBOA, n. 28, quinta-feira 17 de agosto de 1752.

HOOCK-DEMARLE, Marie Claire. *Ler e escrever na Alemanha*.



In: Fraisse, Geneviève e PERROT, Michelle. *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 171-197.

LOPES, Oscar, SARAIVA, António José. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. Coimbra: Atlântida Editora, 1967, vol. IV.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.

MELO, D. Francisco Manuel de. *Carta guia de casados*. Mem Martins: Europa-América, 1992.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Obra reunida*. Org. de Ceila Montez. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

RAMOS, Feliciano. *História da literatura portuguesa*. Braga: Livraria Cruz, 1963.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SHUMAHAR, Shuma, BRAZIL, Érico Vital (orgs). *Dicionário Mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

CONCEIÇÃO FLORES é escritora, pesquisadora e professora. Doutora em Educação pela UFRN. Organizou o “Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta a contemporaneidade”, “As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Brasil e Portugal”, dentre outros livros.



O BRASILEIRO GILBERTO AMADO

Enéas Athanázio

Causa real admiração a lucidez com que Gilberto Amado (1887/1969) via as coisas brasileiras. Enquanto muitos se compraziam em citações, em geral de estrangeiros, e em exhibir erudição, o sergipano procurava penetrar em nossas realidades e delas extrair conclusões úteis ao país. Esses estudos, hoje concentrados em sua obra de ensaísta, nos volumes de memórias ou nos discursos proferidos ao longo da vida parlamentar dão uma mostra do cientista político que ele foi. O discurso “As instituições políticas e o meio social no Brasil”, embora proferido em 1916, portanto há noventa anos, e o volume de sua autobiografia “Presença na Política”, para citar apenas dois, não podem ser ignorados pelos que desejam conhecer o Brasil, e que, apesar do tempo decorrido, estão recheados de ensinamentos sobre esta terra que ele tanto amou. É lamentável que seus livros estejam esgotados e não se fale em novas edições, embora integrem o elenco de páginas da maior importância em nossa cultura.

A leitura de Gilberto Amado é uma permanente surpresa. Além do estilista inigualável, suas idéias brotam dos textos em profusão, sempre originais, inovadoras e tantas vezes inesperadas. Envoltas numa linguagem personalíssima, muitas têm o lampejo do gênio e ganharam o domínio público, repetidas até por alguns que lhes desconhecem a autoria.

Entre os múltiplos temas que abordou, está a revolução, ou o direito de empreendê-la. A propósito da “Revolução de Isidoro” (1924), mostra que o mal-estar social que a elas conduz é originário da pobreza, pois nos países ricos as revoluções são cada vez mais raras. O remédio contra elas, como também observaria mais tarde Monteiro Lobato, é o enriquecimento do país para que os cidadãos “em vez de revoltados contra a pátria e as leis de seu país” fiquem

“rindo com desprezo, como ri qualquer boy americano a quem lhe fale em revolução, revolta, sedição, rebelião, agitação.”

Outro assunto que muito preocupou o seu espírito e do qual resultou um de seus mais brilhantes ensaios foi a representação política. “Eleição e representação” é dos melhores discursos que proferiu na Câmara (1925) e cuja ampliação se tornou o volume do mesmo título (1931). Um dos tópicos abordados e que ainda se apresenta nebuloso entre nós, nos dias de hoje, é o voto secreto. Vale a pena ler pequeno trecho do que escreveu:

“O que há é uma grande confusão a respeito de voto e de democracia. Não é o ato de votar que caracteriza o voto: é o nexó político entre o votante e o votado. Nos países em que há idéias políticas em jogo, o eleitor vota por suas idéias, seus pontos de vista, seus interesses, e escolhe os indivíduos que a seu ver melhor representam essas idéias ou melhor podem combater por elas. Assim, o eleitor trabalhista vota no candidato trabalhista que reúne maiores qualidades para o êxito de sua causa. O eleitor republicano radical, no que mais firmemente ou mais galhardamente mantém os princípios do radicalismo. O eleitor conservador, republicano moderado, centrista ou extremado realista ou católico nos candidatos respectivos.” Mais adiante, aludindo ao eleitor brasileiro ou boa parte dele: “Seria uma mentira ridícula dizer que esses eleitores sabem ou procuram saber das idéias, dos pontos de vista, dos interesses dos chefes locais. Os laços que entre eles existem são laços de ordem pessoal, aos quais são alheios quaisquer outros (...) Só há regime representativo quando há alguma coisa a representar, e só se representam idéias, princípios, programas, pontos de vista.” Teriam as coisas mudado muito desde então? O troca-troca de partidos parece evidenciar que continua a inexistir entre eleitor e eleito aquele nexó a que se referiu.

Mas foi em 1927, já no Senado Federal, que ele proferiu a célebre afirmação de que “não há mais lugar no mundo para os liberais.” Ela causou surpresa, espanto, até certo escândalo. Gilberto



Amado era insuspeito, sobre ele não recaía sombra de radicalismo, suas opiniões mereciam o maior respeito e seus discursos eram ouvidos com grande interesse, repercutindo sempre na grande imprensa. Isso acirrou o debate através dos jornais, pois não se tratava de coisa de um leviano ou de um apaixonado. O incidente foi bem resumido em livro sobre a atuação parlamentar de Gilberto Amado, nestes termos:

“Em agosto de 1927, em aparte ao senador Barbosa Lima, que, em discurso, se referia às conquistas do liberalismo, Gilberto observou: “V. Exa. está passando um mau quarto de hora, porquanto V. Exa. é um liberal, e não há mais lugar no mundo para os liberais.” A frase suscitou grande celeuma na imprensa, o que obrigou o senador por Sergipe a explicá-la e comentá-la no discurso que proferiu na sessão do dia 11 desse mesmo mês. Esclarece então Gilberto que, no sentido político-religioso, o liberalismo é uma forma compendiada na fórmula de Cavour: “A Igreja livre no Estado livre”, conquista já obtida, desde vários anos, por todos os povos civilizados, coisa pacífica, esquecida, que ninguém mais discutia. No sentido estritamente político, “o liberalismo é a doutrina segundo a qual os cidadãos procuram obter as garantias de liberdades políticas que todas as constituições modernas, há mais de cinquenta anos, consagram, e se objetivaram em passado menos imediato na luta pela separação do Poder Legislativo e do Poder Judiciário das mãos do Poder Executivo absoluto.” Finalmente, do ponto de vista econômico, o liberalismo é o *laissez faire*, o *laissez passer*, princípio básico de uma escola para a qual as sociedades humanas são governadas por leis naturais, que nós não podemos alterar por mais que queiramos. Salienta então o orador que o mundo, no momento, estava dividido entre revolucionários – a extrema esquerda – e reacionários – a extrema direita – não havendo mais lugar para aqueles que pretendiam situar-se no centro, isto é, os liberais”. (Perfil Parlamentar de Gilberto Amado – Edição do Senado Federal, Brasília, 1979).

Nesse mesmo discurso está o veemente desabafo que não pôde conter: “Eu não sei, Sr. Presidente, se o regime capitalista, o

regime dos liberais, dos burgueses patriotas, dos milionários, é o melhor. Repugna-me fazer a apologia de um regime que legitima a guerra, justifica a prostituição e deixa à porta dos palácios morrer de fome os miseráveis.”

Não foi muito longa a carreira política de Gilberto Amado. Após a Revolução de 1930, quando perdeu o mandato de senador por Sergipe, abandonou-a para sempre, considerando-se um decaído, um carcomido, como então se dizia dos integrantes da República Velha.

Há males que vêm para bem – lá diz o povo. Esse acontecimento amargo abriria as portas, mais tarde, para a “fase internacional” de sua vida, exercida na atividade diplomática, na qual se realizaria plenamente, ao lado do pensador e do escritor primoroso cuja obra encanta até hoje os seus leitores.

A “fase internacional” de Gilberto Amado ainda está por ser levantada, em especial sua atividade junto à Comissão de Direito Internacional da ONU, e também sua atuação como Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, cargo em que sucedeu a Clóvis Beviláqua. E o homem que foi, em todas as lutas da existência, reclama até hoje o grande biógrafo que reconstitua com esmero e cuidado sua grande vida. As obras sobre ele existentes são parciais e incompletas.

ENÉAS ATHANÁZIO é escritor, radicado em Balneário Camboriú (SC). Autor de “O Azul da Montanha” e vários outros livros. Sócio correspondente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



SUPERSTIÇÕES E CRENDICES POPULARES

Gileno Guanabara

Superstições e crenças abundam no imaginário popular, conjunto hereditário consagrado na memória inconsciente, registro de meras lembranças coletivas. Dada a nossa história peninsular, herdamos crenças ainda hoje de bom augúrio: a reverência à mesa posta; pedir a benção aos mais velhos; fechar a boca e os olhos do defunto; reverenciar a alma dos finados.

No início de nossa formação, a luta contra os invasores estrangeiros, possibilitou a formação de regimentos ecléticos, nos quais os nativos e os estrangeiros miscigenavam-se sob a nostalgia das cantigas, dos amores e dos mistérios, horas do ócio sob o ardor da saudade, sob o alumbramento da lua, em plena e sofrida camaradagem. Revolviam as aventuras e paixões ao enlace romanesco em lembrança de cantigas medievais, tais os fatos que rememoravam.

A influência batava, durante vinte e quatro anos de convivência, permitiu um raro conagraamento entre holandeses, pernambucanos e baianos. A lenda do *Cajueiro da Cigana* de provável origem holandesa, cujos versos colhidos pela crônica da época anunciavam a saga do ouro:

*Não se sabe o que julgar
Dessa estranha aparição;
Mas, afirmam que, um caixão,
Si se cavar hão de achar;
Que é ferreo cofre, um tesouro,
Que contém da Hollanda o ouro.*



A par da mistura de influências díspares, nota-se ainda que as tropas alienígenas eram compostas de aventureiros de várias nacionalidades, compondo por si só um misto amplo de crenças e mistérios, ao que se adicionaram as superstições dos indígenas pátrios em singular convívio. Na afirmativa de Couto de Magalhães, os Tupys ainda em tempos atuais estão revividos nos campos, quase que igualmente ao tempo em que eram adorados pelos pajés.

Outra raiz de forte influência foi a dos usos e costumes dos africanos aqui chegados, facilitada pelo contágio com a familiar patriarcal, independentemente de suas vontades e hierarquia social.

O conjunto de superstições e credices, portanto, oriundo de nossa múltipla formação, compõe um amálgama de profundas influências e de difíceis discriminações. O fenômeno alcança também a poesia popular, fosse originária de Portugal ou de outros povos, dificultando vê-las em suas fontes, guardadas no fundo da memória, até serem tragadas pela amnésia da memória coletiva.

O culto dos astros foi tendência geral na Antiguidade. Dirigido a um ser supremo, uma divindade que se manifestava na luz do dia, uma prova do princípio luminoso do Cosmo. Do norte da Mesopotâmia, uma tribo cultuava a luz e o Sol, os quais lutavam sempre contra a escuridão (as forças do mal): eram os Persas.

Do politeísmo egípcio, os faraós que eram filhos do deus-sol, Amon, governavam. É o caso de Osiris e sua mulher Isis. Ou Anúbis, do Reino dos Mortos (com corpo de homem e cabeça de chacal). Deus em sânscrito representa *brilhar*. Os Babilônios e os Assírios também cultuavam o Sol, a Lua e as Estrelas.

Os nossos aborígenes que habitaram a América mantinham esse culto, facilitado pelo isolamento em que se achavam. Eram astrólatras que cultuavam o Sol – *Guaraci* - entidade feminina, tal como entre os japoneses, *a mãe de todos os viventes que habitam a terra*. A Lua – *Jacy - mãe dos vegetais*, ou o *deus soberano da noite*, morada e descanso eterno dos finados, cujo eclipse representava a indignação das almas. Tinha



duas fases: a lua nova, *Catiti*, e a lua cheia, *Cairé*, com cultos diferenciados. A sua adoração era feita com as mãos apontadas em direção ao firmamento luminoso. Para os orientais, as manchas da lua eram o luto pela morte da deusa Amida, trazida do céu, por ordem divina, a fim de povoar a terra deserta após o dilúvio. Para nós, as manchas tornaram-se o Santo Guerreiro, *São Jorge*.

A saber que na Antiguidade se pensava que a Terra era plana e o céu uma esfera oca que girava em torno da Terra uma vez por dia, atribuía-se o fato à magia capaz de influenciar o destino dos homens através dos astros.

O costume de as mães apresentarem o recém-nascido à primeira lua nova, para que fosse feliz, eram vestígios das consagrações tributadas ao trio austral, rememoradas na Antiguidade: Lua, lua, \Tomai o meu mal, \Me dai vosso bem, \E deixai meu filhinho\Feliz se criar.

A *lenda do Akakor* - relato colhido por Calazans Fernandes (O Guerreiro do Yaco) na região do Purus - Brasil e Peru – colheu registros que duram mais de 10.000 A.C. Protegido por pedras de mais de 100 toneladas, um quadrilátero voltado para o leste, lá reinava o *Templo do Sol*, cujos raios de luz eram refletidos por um grande espelho dourado. Entre os egípcios os dois astros principais eram representados através da luz de um espelho de metal.

Segundo o registro de Calazans, por túneis, labirintos e montanhas, enfurnou-se o cobiçado Eldorado, sob o cuidado dos antepassados Incas, resgatado em 1572, conduzido para a floresta próxima a Madre Dios, a Leste de Machu Pichu, evitando sua descoberta e apropriação pelos espanhóis. Eis a fonte da *lenda do Akakor*, segundo a qual a indígena parturiente suspendia o rebento recém-nascido contra a luz do sol, tendo numa das mãos uma capa dourada e na outra um cajado de plumas representativas do poder de Tupac Amaru, líder inca, na América Central.

Mesmo combatidas pela igreja católica, a partir do Concílio Lucense de 569, com mais rigor durante a Inquisição, essas insígnias

nias religiosas atribuídas aos astros chegou ao Novo Mundo, em forma de adivinhação lúdica do céu, do sol, da lua e das estrelas. Entre nós, a saudação da imaginação popular:

*Deus vos salve lua nova
Quando tornardes por cá,
Trazei-me dessa semente (apresentando uma moeda)
Deus vos salve lua nova !
Quatro cousas eu vos peço:
Livrai-me de dôr de dente,
Fogo ardente,
Rua corrente,
E língua de má gente.*

Ou a referência entre as crianças:

*Abenção, dindinha lua,
Dai-me pão com farinha
Para comer minha galinha,
Que está presa na cozinha.
Chô, chô, galinha,
Vai pra tua camarinha.*

Das crendices à lua há a do crescimento do cabelo:

*Abenção, dindinha lua,
Deus vos dá boa ventura,
E fizeti com que meus cabellos
Cresçam até a cintura.*



Ou a coincidência sobre a influência da lua nas marés.

A um indivíduo que se mostra distraído, abestalhado, atribuíam-se-lhe que *anda no mundo da lua*. Se, porém, mostrava-se enraivado, acusava-se de estar *alunado*. O gozo é atribuído à *Lua de mel*. A postura dos ovos deve cessar durante a lua nova, a galinha os agasalha, em resguardo de vinte e um dias, quando os pintos arrebetam a casca, sob os efeitos da fase da lua nova seguinte.

Na consagração das estrelas, Vênus, *a papa-ceia*; Mercúrio e as maiores estrelas eram denominadas pelos índios com os nomes que se atribuíam ao conjunto das estrelas. Tal conhecimento dos astros era generalizado entre os indígenas sul-americanos. Até entre os habitantes do Perú, ao Leste, se chamavam o sol *Inti*, à lua *Quillá*, à Venus *Charcha*, e, ao arco íris, *Cuichú*.

Os tapuias na Serra da Ibiapaba festejavam a parecença das constelações com danças e cânticos. A constelação de Orion, belamente composta das três estrelas de sua base linear neste hemisfério - os *Três Reis Magos ou as Três Marias*, - era de reconhecimento dos nossos índios que a chamavam de *Ararapary*.

O correr de uma estrela no céu, diziam ser *um espírito errante penitenciando-se dos seus pecados, para se purificar e entrar no paraíso*. Suplicava rezas em sua intenção. O efeito de apontar o dedo em direção de uma estrela: *verrugas ou cravos nasceriam nas mãos*. O culto da *Oração para a cura das ínguas*, postando-se o crente na direção de uma estrela, com uma mão posta sobre a íngua, pondo-se a orar pela sua cura: *Minha estrela, \Minha íngua diz: \Que viva ella, \E morra vós. \Mas eu digo \Que viva vós \E morra ella*.

Passar por debaixo de uma escada (azar); encontrar-se com gato preto à noite (tragédia); sonhar manuseando fezes humanas (dinheiro); coceiras na palma da mão (fortuna); ardência nas orelhas (fuxico); benzer-se ao passar diante de cemitério (evitar assombração); bolsa de mulher no chão (fuga do dinheiro); adentrar em casa com o pé direito (sorte); por os pés do defunto na direção

da porta de saída (levar com o defunto os azares); a varrição da casa de dentro para fora (espantar os males), são superstições incorporadas à vida cotidiana dos antepassados.

É sintomático o respeito com que o povo vinculava a simbologia religiosa dos animais às credices e superstições, através mesmo dos cantos populares desde tempos imemoriais, conformadores da índole coletiva que se amolda à feição dos tabus. É azar o zumbido de besouro ao passar pelos ouvidos, a que se recomenda:

Credo!

Vai-te para quem te mandou;

Dize que não me achaste: eu te renego, abrenuncio;

Vade retro; cruz, canhoto...

É de mau agouro ouvir o canto soturno de uma coruja ao final da tarde. Borboletas pretas, formigas de asa, o latejar do morcego, são perjúrio quando invadem as casas; o anum preto quando pousa junto às casas; a alma de gato preto solitário ou em volúpia durante o cio, são de mau presságio. Igual prenúncio se tem em conta de uma sepultura que irá se abrir, o fato de um cão cavar à porta ou no quintal de uma casa. Prenúncio de morte também se atribui ao urubu que pousa no telhado de uma casa. Diferentemente, o gafanhoto verde, chamado *esperança*, quando adentra numa casa e pousa numa certa pessoa inspira confiança, alegria, felicidade. O canto do rouxinol e do bem-te-vi são sinais de bons augúrios.

O jumento é abençoado porque conduziu Nossa Senhora na fuga para o Egito. O mesmo se pode dizer do boi e do carneiro que contribuíram para a feitura do presépio. O carneiro preanunciou: *Em Belém*. Já a galinha, o pato e o peru foram excomungados, pois espalhavam a arrumação da manjedoura. Enquanto o galo cantarolava o nascimento dizendo que o *Menino Deus nasceu*, o pato retrucava *Cabeça fora*, e o peru, na sua arrogância, reforçava: *Logo, logo, logo...*



Faz mal comer galinha choca. O galo do terreiro não se mata, pois dá agouro ao dono da casa. Aos rapazes que fizerem indecências com as galinhas *não terão barba*. Se a galinha cantar como galo, deve-se matá-la. Mas se o galo cantar durante o meio dia é moça que vai fugir; e se cantar às dez horas é sinal de casamento. Para findar o choco de uma galinha, arrancam-lhes as penas do rabo.

O gato já foi animal sagrado. Possuía santuários na Antiguidade, recebendo homenagens e oferendas – *cabeças de gato* - em forma de talismãs pendurados no pescoço, para afugentar os maus espíritos. Aos gatos que morriam, a família raspava as sobrancelhas em sinal de luto e os enterrava ritualmente. O gato, segundo a tradição tem *sete vidas*. O gato é ladrão hábil. Não morre de fome. Quem mata um gato tem sete anos de atraso. Às vezes o demônio se apresenta em forma de gato. O estigma da perseguição do pequeno felino aparece na tradição lúdica atual do *gato no Pote*, lembrança da guerra aos gatos que os dizimou aos milhares, na Europa. Na Idade Média perseguia-se o gato por ser agente do demônio, causador de pestes. Diz-se que o gato não tem amigo, vez que limita suas afeições a casa em que mora.

O cão é um animal estimadíssimo, o maior amigo do homem, de reconhecida lealdade e, por isso, de farta literatura reconhecidora de seus préstimos e fidelidade. O poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto refere-se, em seu poema *Cão sem Plumas*, às narrativas descritas na fala do rio Capibaribe, da gente negra, seus mangues e coroas e baronesas, suas palafitas que inundam as planícies, tal a pele de um cão sarnento. Diferentes são os outros ribeirinhos – palacetes, engenhos, usinas de canas de açúcar. Enfim, da *gente que a usina, depois de mastigar, larga*, após o sertão até o imbróglio do encontro do rio com o mar verde-avassalador da cana. A mesma dimensão, mais realista e menos descritiva, do cão, está em *Vidas Secas*. Graciliano Ramos concertou a fuga do retirante, diante da fome provocada pela seca no sertão. No desespero, primeiro valeu-se da carne raquítica do periquito e depois da

morte do seu cão *Baleia*, o qual se deixa matar pelas balas de soca que a muito custo dispararam.

O cão vive às turras com o gato, de quem já foi amigo íntimo, tal o dizer popular: *Viver como cão e gato*. A origem dessa inimizade está no fato de o cão ter confiado a prova de sua alforria ao gato que não cuidou de guardá-la devidamente, e a qual terminou roída inteiramente pelo rato. Ao extraviar a alforria, a perda da liberdade do cão para com o homem ficou atribuída ao descaso do gato, retornando o cão ao seu antigo cativo. Sem aceitar desculpas, criminalizou o gato. O cão voltou a ser o seu inimigo de antes. Por seu lado, o gato se sentindo prejudicado pela destruição da alforria, voltou-se em guerra contra o rato, o causador da panaceia. Sylvio Romero registrou em seus *Cantos Populares* o romanceiro *A alforria do cachorro*.

O cágado tem as costas remendadas por uma queda que sofreu. Para comparecer a uma festa no céu foram convidados vários animais. Dentre eles, o cágado, que lamentavelmente não poderia ir. Um urubu dispôs-se a conduzi-lo em suas costas. Após alcançar as alturas das nuvens, já próximo do céu, o urubu deixou cair o cágado, cuja queda que sofreu sobre pedras teve o seu casco totalmente retaliado. Por isso, cantarolou: *Réu ! Réu! Réu! Quem de uma escapa, Nunca mais Bodas ao céu*

O *fogo fátuo* visto às noites nos cemitérios ou nos descampados das fazendas dos sertões amedrontava as crianças. Atribuíam-lhe ser *almas penadas*, ou espíritos malignos, a fim de resguardar os corpos, ou de terem morrido sem batismo.

Segundo a imaginação supersticiosa dos nossos ancestrais ameríndios, outro que ficou conhecido por *caipora*, a quem, a par de outros espíritos malignos, era chamado também por *Curupira*, espírito do pensamento; ou *Macachéira*, espírito dos caminhos ou *Jurupari*, espírito do mal ou do diabo, espíritos agoureiros das almas solitárias que atraíam a morte. Apesar das disparidades da credence popular de região para região, a *caipora* é representada por



uma mulher unípede que pula, no tamanho de uma criança, num formato de cabocolinho. Para tais celebridades, que não eram tidas como deuses, mas a quem se ofertavam presentes, a fim de aplacar suas teimosias e vontades:

*Um medonho caboquinho,
Com um cachimbo no queixo,
Montado num porco espinho.*

A caipora, que passa o dia dormindo, na língua tupy *morador do mato*, está presente na figuração do *Bumba meu boi*, através do personagem *caiporinha*, com uma enorme cabeça arqueada numa urupemba de igual tamanho.

Na tradição de Pernambuco, o *Korupira*, ou *Kaapora* usa um pé arredondado, sempre pulando. Montado num veado, chicoteia com um galho de Yapecanga, acompanhado de um cão, o *Papa-mel*. Coberto de pelos é a imagem da *alma do caboclo papão*, o protetor da caça que surra os cães dos caçadores.

Simão de Vasconcelos registra a afeição dos índios à música, aprendendo e ensinando aos seus, no manuseio de instrumentos antes desconhecidos: flautas e cornetas, uns de percussão, outros de corda, bandolim, utilizados nas cerimônias sacras e religiosas, profanas e nas expedições de conquista. A par do caráter religioso, donde se extraem as manifestações musicais e as danças entoadas em forma de auto de adoração ao boi, de exaltação ao Menino Deus, ou da guerra contra os infiéis. As de manifestações de caráter mundano eram mal vistas pela igreja, recomendando-se nas pastorais do governo diocesano da Bahia a proibição de comédias e bailes dentro das igrejas e até as *danças de homens com mulheres dentro de casa*.

São ditados escolhidos aleatoriamente no dizer popular:



*De grão em grão a galinha enche o papo.
Não se amarra cachorro com linguíça.
Um cão danado, todos a ele.
Cão que muito ladra não morde.
Gato escaldado tem medo de água fria.
Cavalo dado não se abre a boca.
Cada macaco no seu galho.
Em terra de sapo, de cócoras com ele.
Cobra que não anda não engole sapo.
Em boca fechada não entram moscas.
Quem muito se agacha, o rabo aparece.*

GILENO GUANABARA é escritor, ex Presidente da Capitania das Artes, autor de “Faculdade de Direito de Natal: Lutas e Tradições 1949-1973”, “A cidade do Natal e as histórias do nunca”, dentre outros livros.



E POR FALAR DE AMOR E DE SAUDADE

Carlos Roberto de Miranda Gomes



Solicitado a colaborar, mais uma vez, com a Revista da Academia, dei-me a meditar sobre o que poderia escrever, haja vista que com a pandemia do covid19 suspendi todas as minhas pesquisas. E agora José?

Pelo meu estresse em razão do prolongado confinamento, me mantive um tanto sombrio e introspectivo, senão, também, pelo motivo da lembrança perene daquela que virou estrela e pode ser vista “entre as nuvens brancas ou cor de rosa”, a minha pranteada THEREZINHA ROSSO GOMES, para quem resolvi escrever este modesto texto, pela força do amor imortal.

Não é politicamente correto trazer a público sentimentos pessoais. Desprezo esse pensar porque vivo hoje de saudade e das boas lembranças de um amor eterno que o Criador me premiou numa existência já octogenária. Quem pensar diferente, com todo respeito – que não passe além do título deste trabalho, para não perder tempo.

A lembrança perene que povoa a minha cabeça, leva-me à minha companheira de sangue e têmpera italiana, dos montes de Batalha e Casaletto Spartano – Província de Salerno (sul da Itália) onde moravam seus pais Rocco Rosso e Rosina Lovisi Rosso (Rosa Maria na documentação de estrangeiro) – ela, completamente inserida na educação e nas tradições italianas, até no vestir; ele que emigrou para o Brasil, da terra madre em 1926, após lutar na guerra de 1914-1918, trazendo suas medalhas, lembranças e histórias – algumas bem tristes, como a perda de Golffredo, seu primogênito e deixar a família, então composta por Dona Rosa e Rachele, uma criança de 9 anos. Embarcou no porto de Nápoles no navio Oceania (tal qual os Itas que cortavam o Brasil nos quatro pontos cardeais) e aqui percorreu alguns estados até se fixar em Natal, como funcionário da Air France e vivendo praticamente na Base de Parnamirim.

Com o passar do tempo e alguma estabilidade financeira, nos difíceis dias de 1935 mandou buscar a sua pequena família, (também partindo do porto de Nápoles, no navio Oceania) aqui se hospedando numa modesta casa – pensão familiar de Dona Georgina e Sr. Nascimento, exatamente ao lado da Santa Cruz defronte da Igreja do Rosário dos Pretos, com o descortino de um cenário maravilhoso da foz do rio Potengi, onde amerrissavam os aviões de carreira e de guerra, da estação ferroviária, do cais do porto, do casario do outro lado da cidade e, principalmente, da casa de Deus que frequentava diariamente.

Minha Thereza nasceu em 1936, em casa e com auxílio de parteira, cujo parto deixou Dona Rosa paralisada, sem poder andar e com extrema dificuldade de comunicação, pois nem ela nem Rachele conheciam a língua portuguesa, sobrevivendo graças ao desvelo de Dona Georgina e à fé inquebrantável que nutria, costume que trouxe da sua terra de origem, onde a religiosidade era intensa.

Com o demorado retorno à recuperação da saúde, acompanhou Rosso nas moradias da Base de Parnamirim e depois no



Barro Vermelho, onde adquiriu uma casa na Rua Meira e Sá, 118, pertencente à família Bandeira e onde será construído um edifício com o seu nome, abrangendo as casas dos seus vizinhos José Gomes e Dona Lígia e Sérgio Guedes e Dona Zizi. Foi aí que começou a nossa história.

Em razão da mudança da família do Dr. José Gomes, de Macaíba – onde era Juiz para Natal, aconteceu o despertar de Therezinha, que escreveu uma mensagem em seu “diário”, recentemente descoberto, com os seguintes dizeres:

Foi no ano de 1948, numa bonita casa (Rua Meira e Sá, 120 – Barro Vermelho), que chegava um caminhão de mudanças para abrigar uma família do Juiz José Gomes da Costa, casado com Dona Maria Lígia de Miranda Gomes e seus filhos. Não sabia na minha ingenuidade, que aquele caminhão e aquela família chamavam-se “Felicidade”. Sim, “Felicidade” é o nome perfeito, porque ali, entre aqueles filhos do casal (que também se amavam muito) estava o homem da minha vida, o homem que seria futuramente meu Grande Amor”.

Essa anotação encontrada em seus papéis, juntamente com outras extremamente pungentes, formaram o conceito de uma figura singular, com quem casei na Igreja de Santo Antônio (de sua devoção), defronte à sua casa da rua Mundurucus, separada pela Praça Batista Campos em Belém-Pará, no dia 16 de março de 1963.

A propósito do mês de março, vale registrar algumas coincidências: meus pais José e Maria nasceram nesse mês, no dia 31 de março de 1962 a família Rosso transferiu-se para Belém por questões de trabalho; posteriormente nosso casamento no dia 16 de março como antes relatado e o mesmo mês – dia 31, de 2019, a minha inesquecível THEREZA virou estrela, partindo na paz de criança dormindo.

Foi uma convivência de 71 anos, como amiguinhos, namorados, noivos e 56 anos de casados, nos quais temos muita coisa a

narrar, que não comportaria num simples artigo, mas certamente terá espaço em livro que estou preparando.

Ela era minha permanente companhia em todos os acontecimentos da vida social e cultural do Estado, como colegas do Instituto Batista de Natal, nas viagens ao interior em ações funcionais, na comemoração de todos os aniversários dos descendentes, amigos e festas tradicionais, passeios e devaneios. Para resumir, nunca passei um só dia longe de THEREZA.

Criamos uma bela prole formada, na ordem de nascimentos por: Rosa Ligia, Thereza Raquel, Carlos Rosso e Rocco José, que vieram ao mundo no Hospital Luís Soares (Policlínica do Alecrim), pelas mãos do Dr. Airton Wanderley e Dra. Dalila e destes, vieram 7 netos: Lucas Antônio, Carlos Victor, Raphael e Gabriela Flôr, Carlos Neto, Maria Clara e Guilherme, com os agregados Ernesto Flôr, Valéria Marinho e Daniela Katiuscia, uma vez que Pedro procurou outro caminho. Agora, com as lembranças da minha amada, aguardo os bisnetos, se Deus assim o permitir, sob a proteção das suas Santas protetoras – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Therezinha de Jesus, das Graças, de Fátima, Desatadora dos Nós, Madre Tereza de Calcutá, Dulce dos Pobres, além dos Santos Antônio, Pedro, Francisco, Benedito, Pio, Expedito e São Longuinho, os quais mantenho em dois santuários, no meu quarto de Natal e em Cotovelo. Rezávamos sempre e abrigávamos os santos que visitavam as casas do bairro em suas novenas. Outros não lembro agora, mas certamente existiram.

THEREZA era uma pessoa simples, bela, andava muito bem vestida, sem qualquer luxo, pois jamais pediu para comprar joias, certamente porque ela era a joia mais valiosa que uma pessoa possa desejar.

Poderia incluir, entre os protetores, dois médicos que não foram canonizados, senão em nosso coração – Sérgio Guedes da Costa e Dr. Carlos Ernani Rosado Soares, que a salvou em uma cirurgia muito invasiva e fez questão de fazer os curativos durante



um mês inteiro. Outros médicos merecem registro, mas isso farei no livro, antes referido, que estou escrevendo, como também os doadores de sangue entre soldados do Exército e dos amigos Francisco de Assis Dantas Barreto e Olavo Medeiros, o escritor, além dos protetores espirituais como Padre Motta, Albany Dutra, Rodrigo Gomes e Rocco Antônio Rosso e os estimadíssimos visitantes no seu leito de dor, que a deixavam feliz e aliviavam suas dores.

Pois é isso, minha amada, se o Criador não me convocar antes que termine meus últimos registros, desde logo estou fazendo justiça a quem foi em vida o meu esteio, e em espírito a minha protetora.

UM AMOR COMO O NOSSO É MILAGRE DE DEUS.
AGORA É SÓ SAUDADE.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL e de outras instituições culturais.



CAÇADAS SAZONAIS...

CAÇA DE MARRECA POR ESPERA, COM CHAMAS VIVAS

Benedito Vasconcelos Mendes

No inverno (período chuvoso), um dos principais passatempos do meu avô, José Cândido Mendes, era a caça de marrecas em tocaia, usando chammas vivas. Ele criava em sua Fazenda Aracati, vizinha a Vila Caracará, no Município de Sobral, no Estado do Ceará, vários casais de marreca-viuvinha (*Dendrocygna viduata*) e de marreca-verdadeira (*Dendrocygna autumnalis autumnalis*), que eram usados como chammas em suas caçadas de tocaia (caçada de espera).

As marrecas são aves anseriformes, silvestres, aquáticas (possuem membranas natatórias), gregárias, de carne saborosa e muito usada na culinária sertaneja. A marreca-viuvinha é nativa da América do Sul e África, tem cabeça e pescoço brancos, asas, bico e pés cinzentos escuro, mede aproximadamente 35 centímetros, pesa até 850 gramas, alimenta-se de sementes e pequenos invertebrados, nidifica no chão e põe até 12 ovos por postura. Não se reproduz facilmente em cativeiro. No Nordeste é conhecida como marreca-viuvinha e no restante do País por irerê e marreca-piadeira.

A marreca-verdadeira ou marreca-cabocla mede 45 a 55 centímetros e pesa até pouco mais de um quilo. Tem bico e pés vermelhos, sua face é acinzentada e a barriga é preta. Quando em voo apresenta uma mancha branca nas asas, é maior do que a marreca-viuvinha, alimenta-se de sementes, vermes, pequenos crustáceos, larvas de insetos e gosta muito de grãos de arroz. É uma ave gregária, podendo formar grandes bandos. Nidifica no chão, às vezes em ocos de pau, põe de 7 a 15 ovos, gosta de empoleirar-se nos galhos das árvores, das margens de rios, açudes e lagoas. No Nordeste brasileiro, reproduz-se uma vez por ano, na quadra chuvosa.

Na Fazenda Aracati, estas marrecas nativas eram criadas no oitão da casa grande, em uma área separada por cerca de faxina das outras aves (galinhas, patos, capotes e perus). As marrecas não voavam, pois uma de suas asas tinha sido operada (junta da asa cortada). Além de não voarem, as marrecas eram muito mansas, acostumadas a se manterem amarradas pela canela, por longo período de tempo. Na área de criação das marrecas, tinha um tanque de alvenaria de 3 m X 2 m e 60 cm de profundidade, para banho e natação das aves.

Ao redor do tanque de água, situavam-se os marrequeiros, que eram pequenos chiqueiros de varas de marmeleiro, cobertos de palha de carnaúba, onde as marrecas dormiam. Em cada marrequeiro vivia um casal de marrecas. Dentro deles ficavam o depósito para receber alimento (milho) e o alguidarzinho de barro, para água de beber. Ao meio dia, as marrecas eram soltas na área comum do tanque, para pegarem sol e tomarem banho juntas. À tardinha, cada casal era colocado em suas casinhas (marrequeiros). As portas eram de varas finas de marmeleiro, com dobradiças de couro cru de boi. Tinham que dormir dentro do marrequeiro, devido às raposas e gambás.

Por ocasião da caçada, dois ou três casais de cada espécie de marreca (verdadeira e viuvinha) eram levados em cestos de cipó com tampas para próximo da tocaia. Elas eram mantidas amarradas por um cordão grosso de fio de algodão (punho de rede), com cerca de meio metro de comprimento, sobre uma laje de pedra arredondada, de mais ou menos 80 centímetros de diâmetro, colocada dentro d'água.

No inverno, quando as lagoas, rios e açudes já tinham pegado bastante água, meu avô e o vaqueiro Sales saíam, ao escurecer, para caçar marrecas, na margem da lagoa. Levavam as marrecas mansas para a beira d'água e amarravam as mesmas nos cordões presos à laje de pedra. A laje arredondada colocada dentro d'água, funcionava como uma ilha, onde as marrecas ficavam presas e em cima dela. A laje era previamente preparada, de modo a deixar várias pontas de cordão para receber as marrecas mansas (chamadas).

Meu avô e seu auxiliar Sales entravam na tocaia em forma de cone e feita de varas de marmeleiro e palhas de carnaúba. As marrecas mansas, sobre a pedra, na beira d'água, ficavam alegres e querendo descer da pedra para nadar.

Noite clara de lua cheia, silêncio quebrado aqui e ali pelo coaxar dos sapos e rãs ou pelo canto do caboré ou de algum pássaro noturno aquático. De repente, ao pressentir a passagem de um bando de marrecas voando sobre a lagoa, as marrecas mansas começavam a cantar, chamando as que passavam, para pousar na margem da lagoa. Ao pousarem na área estrategicamente preparada para receber as marrecas selvagens, que distava uns três metros de distância da pedra onde as chamadas estavam, meu avô armava sua espingarda, mirava o bando e atirava. Meu avô era o atirador e o Sales era o ajudante. A espingarda usada era do tipo bate-bucha e era espalhadeira de chumbo. Cada tiro matava duas ou três marrecas, às vezes mais. Quando as marrecas feridas caíam dentro d'água, o Sales, usando um cavalete de mulungu (tronco de mulungu que funcionava como boia), ia apanhar a ave moribunda ou já morta. O mulungu é leve e não afunda e dele se faz o cavalete (boia).

As espingardas bate-bucha de meu avô eram fabricadas pelo mestre Tião Ferreiro, cuja tenda de ferreiro localizava-se na Vila de Santo Antônio do Aracatiaçu, que pertencia ao município de Sobral e que ficava próxima de sua fazenda. As marrecas mansas permaneciam sobre a pedra, chamando novos bandos de marrecas silvestres. Meu avô e o Sales ficavam na tocaia até às 10 horas da noite, depois iam dormir, pois no dia seguinte tinha muito leite para tirar das vacas. Geralmente, ele dava um ou dois tiros por noite, raramente três, pois, algumas vezes, as marrecas selvagens, que passavam voando sobre a lagoa, não aterrizavam. Meu avô era um exímio atirador e tinha ótimas marrecaschama, mansas e chamadeiras, que ele criava com muito zelo.

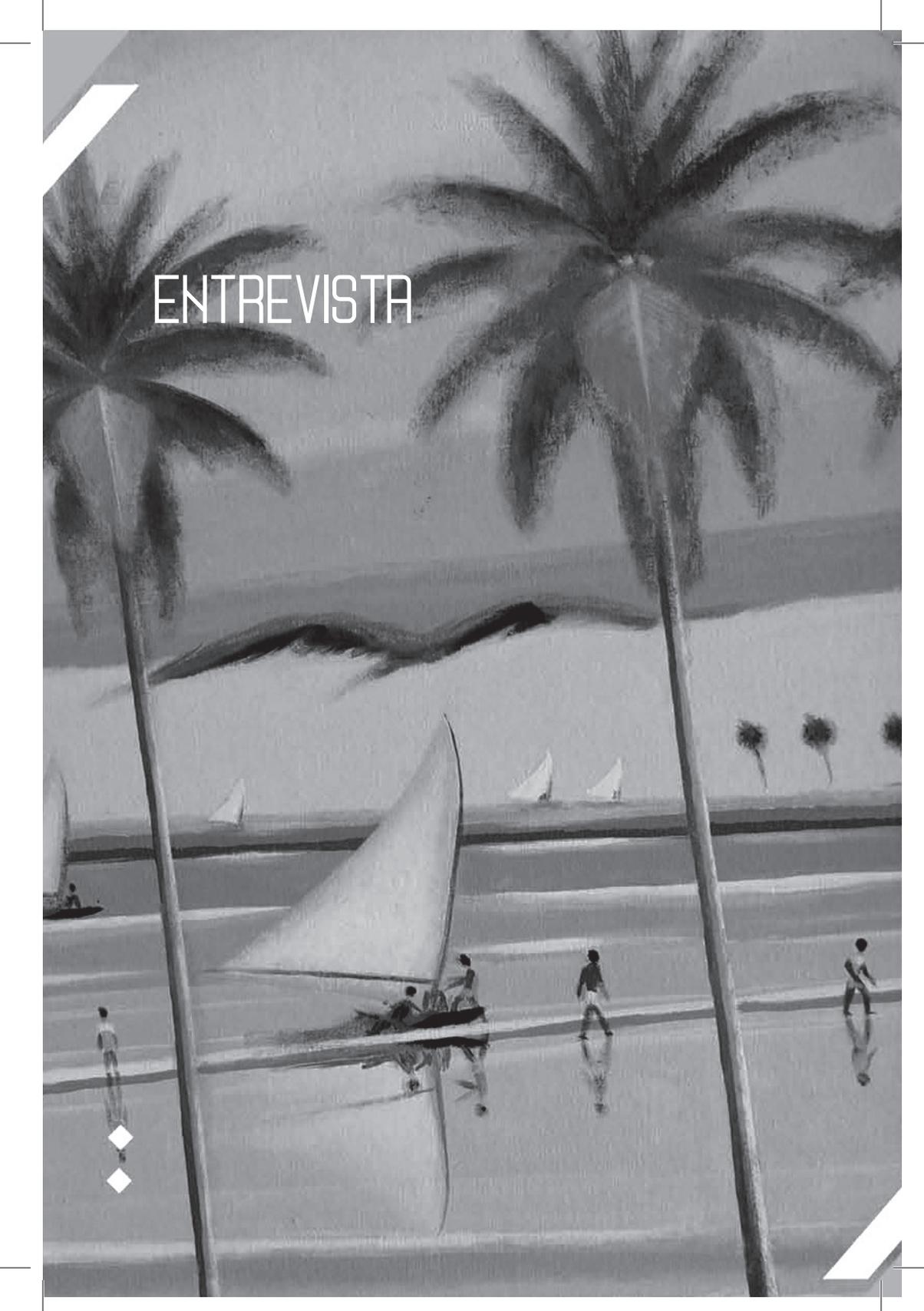
Meu avô, ao chegar em casa com as marrecas mortas, as entregava à minha avó, que mesmo sendo tarde da noite, ia depenar,

tratar e salgar, pois na fazenda não havia geladeira. Minha avó, sob a luz de lamparina a querosene e usando o fogão a lenha, mergulhava as marrecas em uma panela de barro grande com água fervendo, depenava as aves, cortava a cabeça e os pés, retirava as vísceras e colocava-as em uma panela com salmoura de sal grosso pilado até a manhã do dia seguinte, quando as mesmas eram penduradas em uma corda de caroá, amarrada entre dois armadores de rede, no alpendre lateral da casa.

Depois de secar um pouco à sombra, as aves eram preparadas na forma cozida ou frita em banha de porco, e depois servidas com farinha de mandioca ou cuscuz de milho e arroz. Era um almoço delicioso, que agradava a todos os paladares.

BENITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As Artes na Civilização da Seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Academia Mossoroense de Letras e de outras instituições.





ENTREVISTA



Iniciando uma série de entrevistas com acadêmicos da ANRL, o escritor Lívio Oliveira focaliza Ivan Lira de Carvalho, ocupante da cadeira N° 34 desta instituição.

Ivan Lira de Carvalho é Juiz Federal, professor e escritor, autor dos livros “Brevidades”, “De Perto e de Longe”, além de vários outros trabalhos. Com presença ativa no meio cultural, é membro do Conselho Estadual de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e outras instituições; colabora esporadicamente em jornais e revistas culturais com artigos e crônicas.

Numa conversa descontraída, ele expressa as suas opiniões a respeito dos mais variados assuntos.

CONVERSA COM O ACADÊMICO IVAN LIRA DE CARVALHO

Lívio Oliveira

1. Tendo a Paraíba e o Rio Grande do Norte como fontes telúricas, que sentimentos e experiências unem essas duas terras?

- São muito tênues os limites geográficos e culturais entre os dois Estados, até mesmo pela origem comum. De onde eu venho – Cuité – isso é ainda mais evidente, pela curta distância lindeira, que favorece um intercâmbio de pessoas de uma unidade da federação que estudam na outra e vice-versa. Daí a minha realidade, de ter escolhido viver do RN sem ter que abandonar a Paraíba. Levo os dois permanentemente no coração.

2. Quais as suas primeiras influências para o ingresso sentimental no mundo das letras e para o abraço definitivo na carreira jurídica?

- Nas letras: o estímulo da minha mãe, que lecionava português; uma estante repleta de livros no corredor da minha casa de infância; e os jornais e revistas que chegavam aos borbotões para a nossa família, por assinaturas ou compra direta, pois o meu pai nunca criou obstáculos para esse tipo de investimento e, pelo contrário, tinha sempre um gesto de incentivo. Para o Direito: uma surpresa até mesmo para mim, já que até o mês de setembro, limite para as inscrições para o vestibular, eu me preparava para o curso de odontologia, na sequência da profissão paterna. Mas alguns amigos teimavam que o meu perfil estava mais voltado para algo nas ciências sociais, nas humanidades. Aí resolvi fazer um teste vocacional – novidade à época – e o resultado levou-me para o Direito, onde sou muito feliz.

3. Como tratou e trata de equilibrar as diferenças e as afinidades entre esses dois campos da palavra?

- Sempre fui um crítico feroz do “juridiquês”. As minhas peças jurídicas são escritas com linguagem coloquial, quanto possível. Por isso mesmo não é torturante migrar de uma sentença para uma crônica, por exemplo.

4. Também se percebe claramente a sua paixão pela docência e pela pesquisa jurídico-acadêmica de teor doutrinário-científico. Como constrói essa caminhada, que requereu e requere tanta proximidade com os seus mestres e discípulos?

- A ciência e a consciência de que sou ponte, em colocação que une o conhecimento científico posto e o destinatário que a ele quer chegar – o aluno. Ademais, a busca permanente do estágio de felicidade na docência. Se a tenho para mim, fácil é leva-la ao próximo.

5. Como se deu o seu caminho na estrada que o levou à consagrada eleição para a Academia Norte-rio-grandense de Letras? Desde quando começou a nutrir esse desejo e essa meta?

- A minha eleição para a Cadeira 34 da Academia Norte-rio-grandense de Letras foi construída em anos de admiração pelo papel da instituição e pela observação de como ocorria o processo sucessório das vagas. Várias vezes, antes de apresentar a minha candidatura, sondava discretamente como estava o quadro, quais as postulações já apresentadas, quais as chances de sucesso e quais as minhas disponibilidades pessoais para enfrentar a luta, inclusive a disponibilidade de tempo para estar em campanha, especialmente porque não abria mão de uma coisa: ser candidato de mim mesmo. E assim aconteceu quando do falecimento de Lenine Pinto. Coloquei o meu nome em exposição, organizei as estratégias, escolhi amigos com experiência nesse tipo de campanha para tomar conselhos e fui à luta, travando contato pessoal com todos – rigorosamente todos – acadêmicos aptos a votar. Algumas surpresas, outros desapontamentos e muitas alegrias. Um norte nunca desprezei: o respeito pe-

las posições claramente assumidas por acadêmicos em prol de outra candidatura. Ao fim, tive trinta votos entre trinta e seis votantes.

6. Como atua hoje na Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte? Que papéis cumpre esse sodalício?

- A Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte é uma instituição exemplar, voltada ao fomento das ideias e das inovações dos que trabalham com o Direito, sem desprezar a preservação dos vultos históricos da área jurídica. Confesso que na ALE-JURN tenho exercido mais o meu papel nesse último segmento, com pesquisas sobre próceres que inspiram modelo e respeito. Assim o fiz, por exemplo, ao ministrar palestras e produzir textos sobre Raimundo Nonato Fernandes, Almino Afonso e Alberto Roselli.

7. Como vê a Cultura do RN, na condição de membro ativo do Conselho de Cultura do Estado do RN?

- Um desafio a cada semana. O Conselho Estadual de Cultura é uma vibrante instituição, com sessões nem sempre concordantes – o que afasta a modorra, graças a Deus –, onde a pauta descreve grande arco, que vai desce a cultura popular imaterial (dança, folclore, poesia...) até as questões de tombamento de imóveis por interesse histórico; da fiscalização sobre o estado de preservação e conservação de prédios com representatividade memorial até a vigilância da toponímia das vias e espaços públicos do Estado. Esse ecletismo é saudável, para os conselheiros e para a instituição, que tem mais de meio século de atuação.

8. Que papéis devem ser cumpridos pelas grandes e tradicionais entidades culturais do RN, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Academia Norte-rio-grandense de Letras? Qual o futuro que vislumbra para elas?

- Instituições já consagradas, mas nem por isso acomodadas. Se irmanam na vigilância dos bens culturais e na difusão da história, das artes e das letras. Creio que para ambas o futuro é ampliar

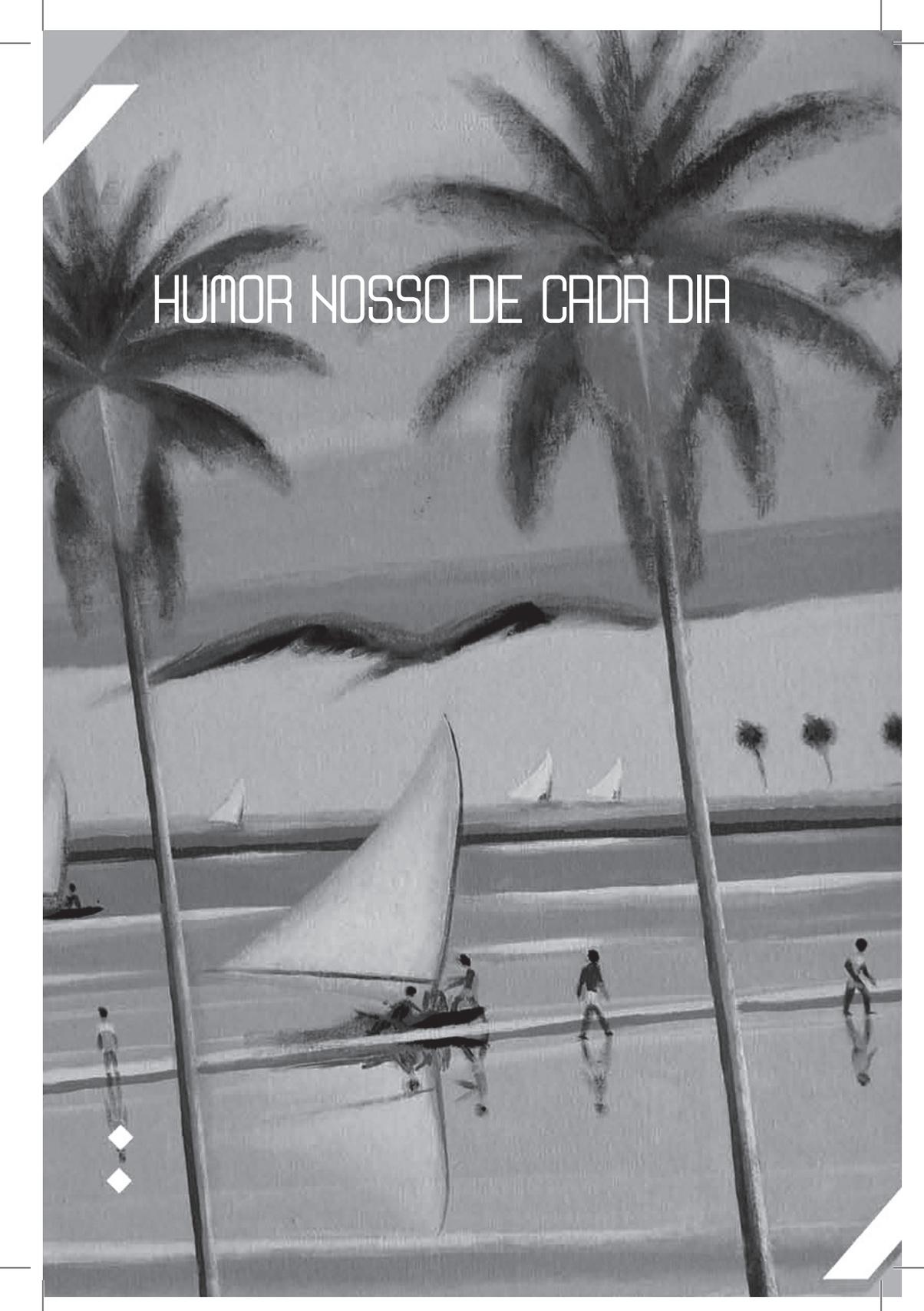
o espectro da tecnologia da informação aos seus afazeres, formulando uma interface cada vez mais amigável com camadas da sociedade que às vezes não se aproximam do IHGRN e da ANRL por receio de que o espaço de ambas esteja reservado aos mais antigos. A inovação que se descortina é parceira da criação, que não pede atestado de idade aos praticantes que vêm beber na experiência dos que estão nas instituições há mais tempo.

9. O que é uma biblioteca ideal para Ivan Lira de Carvalho? A pergunta é mesmo muito pessoal.

- E resposta mais pessoal ainda: aquele que tenha os livros que desejo, para preservação ou para o prazer da leitura. Sem preconceitos.

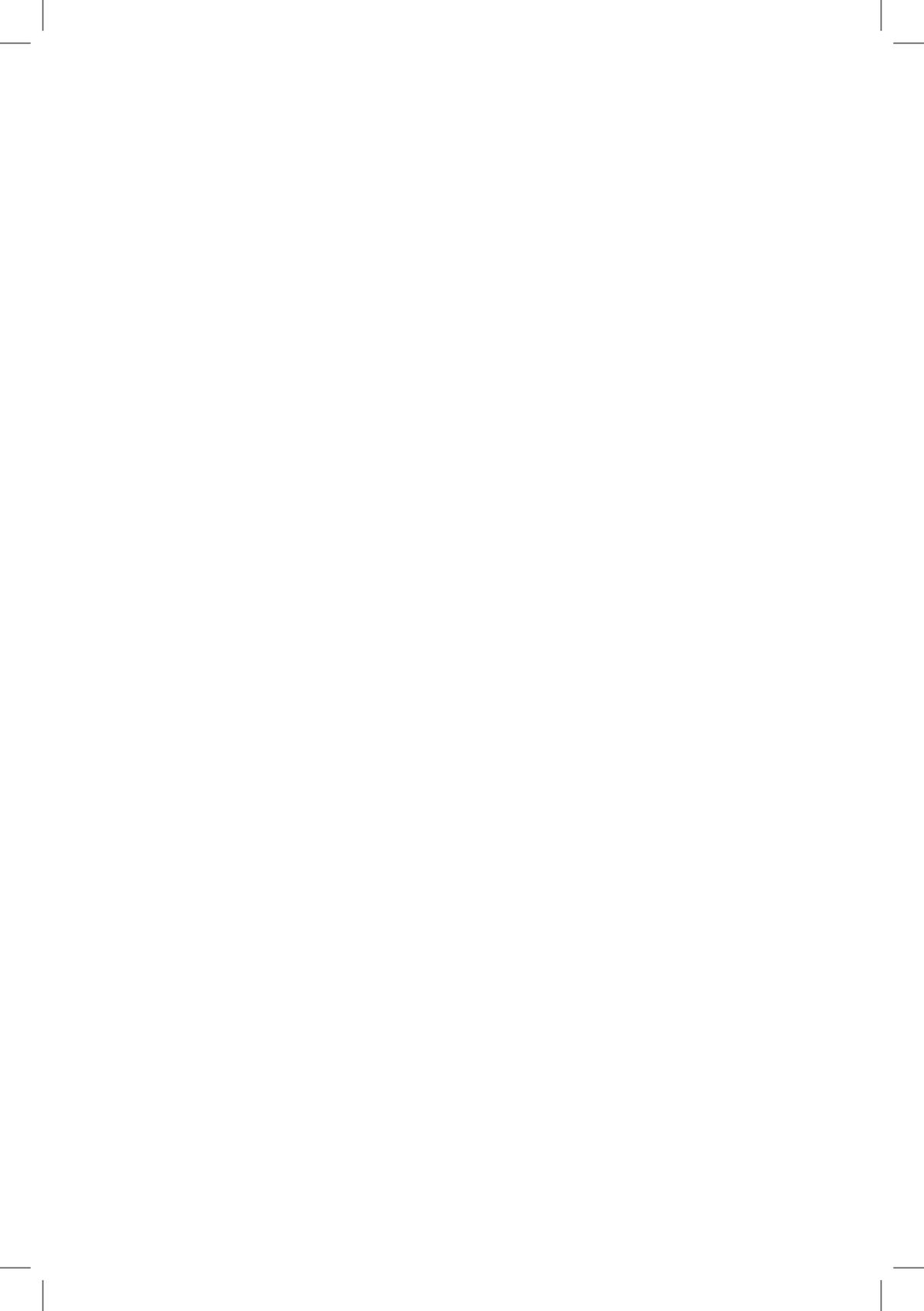
10. Quais as suas expectativas e ideias para os dias que virão após a sua posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras? Como pretende destinar à entidade a sua vontade e força de trabalho?

- Pretendo chegar devagar, com passos medidos, como faço em qualquer espaço onde tenho boa acolhida. E colocar à entidade da minha experiência com a produção de mais eventos abertos à sociedade, inclusive com as ferramentas da tecnologia da informação, tanto para imprimir rapidez na entrega da produção intelectual dos membros da ANRL ao público externo, como para estimular a integração dos acadêmicos ao fantástico e inexorável mundo virtual. Obviamente, respeitando as predileções de cada um e do grupo. Desejo estimular a manutenção de uma página web dinâmica, inclusive com canais para o acolhimento da produção cultural de pessoas que tenham identidade com os propósitos da Academia, além de estreitar os convênios com segmentos escolares, universitários, funcionais, profissionais e classistas.

A black and white painting of a tropical beach scene. In the foreground, two tall palm trees frame the view. The middle ground shows a large bird, possibly a frigatebird, in flight over the water. Several sailboats are visible on the horizon. In the background, there are rolling hills or mountains. The overall style is that of a classic oil or acrylic painting.

HUMOR NOSSO DE CADA DIA





MEMÓRIA POPULAR VII

Valério Mesquita

01) Antenor Rocha, ex-vereador macaibense, é mais conhecido como Agenor da Tripa. Certa noite, num comício em Cajazeiras, distrito de Macaíba, Agenor havia concluído o seu discurso quando foi procurar um local para urinar. Em muitas casas do interior a latrina é no quintal. Ao penetrar no escuro pela lateral do terreno, teve logo a má sorte de receber um banho d'água servida proveniente da cozinha, lá nos fundos da casa. Molhado mas consciente de que foi casual, encontrou a “casinha” fechada. Como a vontade apertava entrou sítio adentro. Num local escuro começou “a verter a água do joelho”. De repente, quase morreu de susto: uma mulher estava agachada no mesmo serviço. “Cabra sem vergonha, vá mijar a p.q.p.!!”, gritou a mulher desesperada. Agenor saiu às carreiras para o local do comício. Assustado e todo mijado, me confessou gesticulando nervosamente: “Doutor, eu pensava que era um jumento, mas era uma “véia” braba como os seiscentos diabos”.

02) João Gago, personagem macaibense, pontificava na esquina do antigo cinema Cometa como o rei do carteadado e do pano verde. Cobrava a “casa” e administrativa o vício. Mas era gago, mesmo, conforme a alcunha recebida. Certa noite, entregue às tarefas comuns de asseio e higiene do salão, como de costume, pegou a bacia com água usada e suja e jogou-a mecanicamente na rua sem olhar para onde. O aguaceiro atingiu em cheio uma conhecida professora da cidade, que berrou na hora: “Você tá cego, tá?”. Sem perder a bonomia João Gago não pensou nem em desculpa: “Tô, tô, tô não. E, e, e, eu não acerte?!?”.

03) No bar do Didi, na periferia de Macaíba, certa vez, confraternizavam-se alguns políticos e vereadores. Planos eleitorais em meio às libações alcoólicas estimulavam os discursos. Nisso, o pre-

sidente do diretório local do PMDB Júlio César de Andrade Neto indaga publicamente ao folclórico ex-vereador Manoel Ferreira de Lima se iria se candidatar de novo. Manoel, matuto de longas caminhadas políticas, foi logo convidado a subir em um tamborete para anunciar a decisão. Barriga saliente, palito à boca e copo à mão, com aquele sotaque característico de Campo Redondo, olhou ao redor e ponderou: “Dr. Júlio eu falo mesmo “terrestre”. A decisão foi mais sábia do que a possibilidade iminente de uma vertigem das alturas.

04) Este caso verdadeiro passou-se em Coronel João Pessoa, fronteira do Rio Grande do Norte com o Ceará. Disputava mais uma eleição para deputado estadual. Em casa do vereador Sinval almocei um peru com tanta graxa e colesterol de fazer arrepiar o dr. Grácio Barbalho. À tardinha, comecei a passar mal. Vômitos constantes e diarreia me tiraram de tempo. Pedi para abreviar a programação de visitas e comícios. Queria voltar prá casa. Sentia-me semimorto. À noite desci a Serra de São Miguel, deitado no assento traseiro do aguerrido Del-Rey, pilotado por dois motoristas que se revezavam. No trajeto não parava de vomitar. Ao chegar a Mossoró, já madrugada, os motoristas foram tomar um café, enquanto, no posto, o carro era abastecido. De novo, os vômitos voltaram. Com a porta traseira aberta, de bruços, eu era a própria imagem esquelética de candidato em fim de linha. O bombeiro ao lado, abastecendo, olhou-me com tanto desdém e careta, que gritou para os motoristas: “Ei, rapaz, tira logo esse “bebo” daqui, pois tá sujando o posto todinho!!!”. O saudoso Wellington, um dos motoristas, zelando pelas prerrogativas imaginárias do seu candidato enfermo, respondeu indignado: “Rapaz, respeite aí o deputado Valério Mesquita de Macaíba!!!”. Aí foi que a saudade doeu.

05) Quando deputado, fui procurado por um amigo comum de Macaíba, ávido em conseguir um emprego para o filho: “Valério, tão botando gente para combater a dengue!”. Calmamente, respondi-lhe que contratar pessoal dessa maneira só podia ser convênio. O contrato de trabalho, portanto, seria por pouco tempo.

Em cima da bucha completou o pai afrito: “Mas essa dengue não acaba mais não!!”. Estava ele adivinhando.

06) Antenor Inácio da Rocha, ex-vereador de Macaíba, já desfilou em poucas e boas. O seu apelido de guerra é “Agenor da Tripa”. Certa vez, num encontro, em Macaíba, o velho guerreiro me parabenizou pelo aniversário e solenizou numa frase, ao seu estilo, o compromisso político, sui-generes: “Doutor Valério, para o ano que vem pode contar com a minha mulher de perna aberta para trabalhar pra o senhor”. “Agenor”, disse-lhe, “Pelo amor de Deus não nos comprometa tanto”. Acho que ele quis dizer: “De braços abertos”.

07) Cambota era um gaguinho que morava em Macaíba. Certa vez, chegou melado ao bar RioMar de propriedade de João Amaral. Duas pessoas bebiam cerveja falando sobre negócios. Cambota, embriagado, logo se ofereceu: “Eu po, po, posso to, to, tomar uma ce, ce, ve, veja?”. “Meu amigo vá pra lá. Eu não gosto de gago e mais bêbado?”. O gago insistiu tanto que os fregueses disseram: “Meu amigo, se você pedir uma cerveja bem gelada a João Amaral sem gaguejar eu pago uma pra você e ainda lhe dou dez contos”. Cambota doido pra beber retirou-se e passou a treinar a frase exigida. Após muito esforço e decoreba falou: “João Amaral me dê uma cerveja bem gelada”. O freguês espantado disse: “Valeu!!” Quando foi metendo a mão no bolso para dar o dinheiro da aposta, o dono do bar, gritou: “Antarctica ou Brahma??”. Ele disse: “A, a, ago, go, agora... fu, fu, tudo!!”.

08) De Macaíba, chegou-me essa estória de José de Papo, carnavalesco emérito, que sempre saía no carnaval fantasiado de curandeiro da tribo de índios do não menos famoso e saudoso José Batata. Boêmio inveterado, Zé de Papo foi aconselhado a entrar na Igreja Assembleia de Deus a fim de se curar. Nos primeiros dias o pastor recomendou-lhe que ajudasse no serviço de som durante as cerimônias. Certa noite, durante um culto, um cantor do conjunto religioso vindo de Natal que iria se apresentar com um canto de louvor com o microfone à mão, virou-se para Zé de Papo, sentado

ao lado e pergunta: “Já enfiou o play-back?”. O novo crente, humilde e distraído, responde em cima da bucha: “Não senhor, eu estou aqui por outros motivos. Nunca fui disso”.

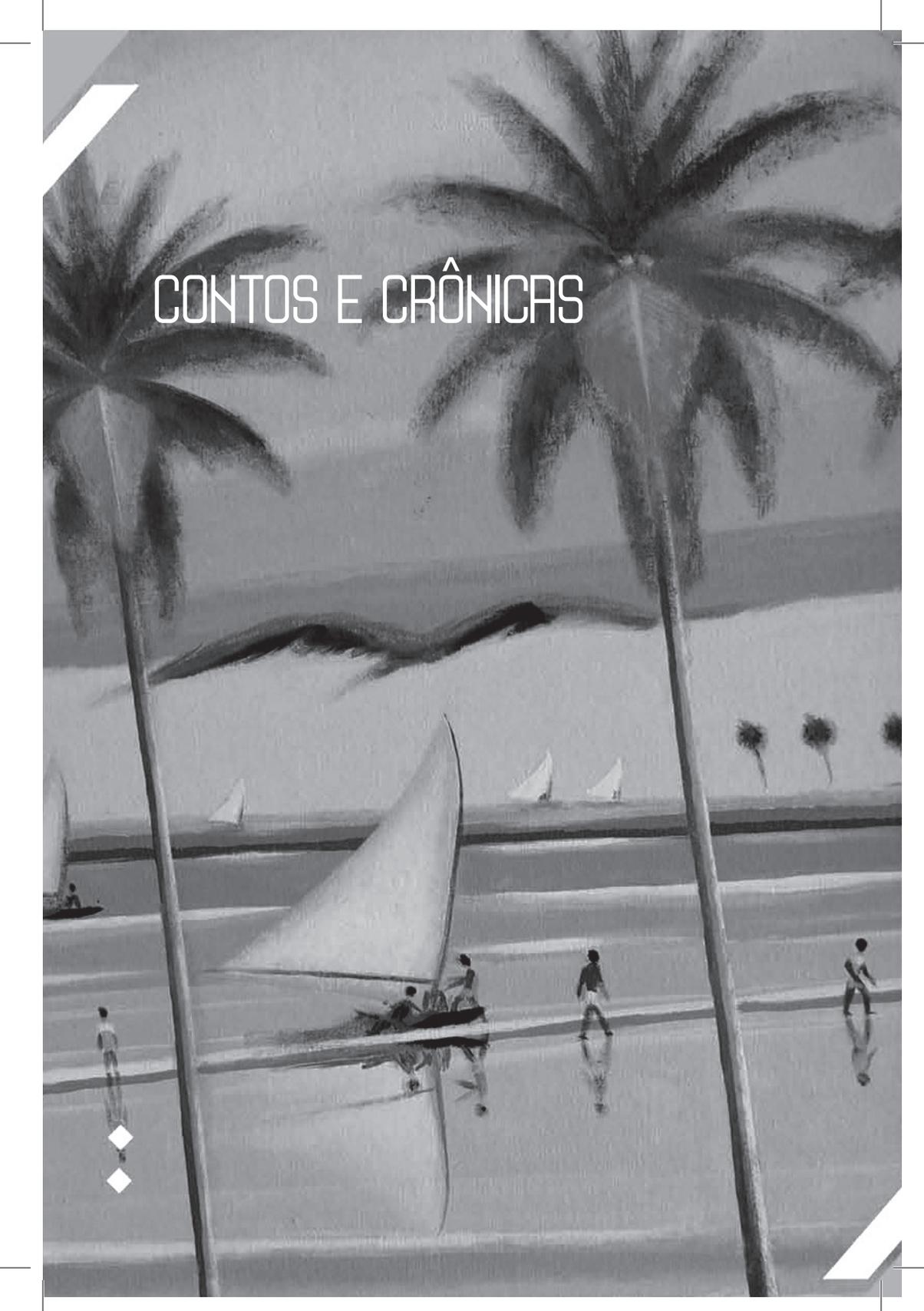
09) Venâncio Alves, um metro e oitenta, pardacento, gordo e, como não poderia deixar de ser, barrigudo, era uma das figuras curiosas de Macaíba. De inimitável roupa cáqui azul, óculos de grau caindo no meio do nariz, sempre anotando alguma coisa, Venâncio era o tipo perfeito e acabado do administrador de serviços gerais de qualquer prefeitura. Evocá-lo é lembrar-me de alguns fatos da sua convivência humana, diária, principalmente com Seu Mesquita de quem era amigo e fiel colaborador, em Macaíba. A sua marca registrada era a prolixidade no falar, no explicar. O que representava uma contrariedade ao estresse de Mesquita. “Venâncio, o problema do alagamento dessa rua”, dizia Seu Mesquita, prefeito de Macaíba, em 1962, “é essa vala constantemente entupida de lixo”. Esperando uma resposta pragmática do fiel auxiliar, ouvia exatamente o contrário. “Prefeito, em 1927”, ministrava Venâncio ajeitando os óculos e a postura com um indefectível guarda-chuva pendurado na clavícula, “esse problema já existia porque as águas das chuvas...” e por aí seguia. Alfredo Mesquita, já velho, cansado, olhava os circunstantes, um a um, com o estafado e penalizado comentário: “Eu tenho muito azar nesta prefeitura”.

10) Outra figura estressante inesquecível justamente pela sua proverbial falta de memória, era Cícero Ferreira. Motorista, logo de quem? De Leonel Mesquita, afobado e brabo que nem siri numa lata. Numa manhã macaibense, Leonel ordena a Cícero que abasteça a camioneta e se dirija à vizinha São Gonçalo a fim de receber de Poti Cavalcante um documento. Cícero estaciona o veículo no posto de gasolina, conversa com os bombeiros, assina a nota de abastecimento e, para não viajar sozinho, chama o motorista Guilherme Siqueira, outro cabeça-de-vento para acompanhá-lo. Ao chegarem a São Gonçalo, Cícero pergunta para a surpresa de Guilherme: “O que diabo eu vim fazer aqui mesmo?”, “E eu sei!”, responde o outro. “É... Vamos voltar porque Seu Leonel

pode tá precisando de mim”. Raciocina Cícero achando que havia descoberto a coisa mais inteligente a fazer. Ao retornar a Macaíba, Leonel já o esperava impaciente na calçada. “Vixe Maria!! Seu Leonel”, gritou Cícero do volante, “eu tava precisando só ver o senhor pra me “alembra” do documento, tchau!!”. Não posso deixar de admitir que Macaíba, dessa fase de Venâncio e Cícero, possuía uma inexcelável galeria de tipos humanos inesquecíveis.

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.





CONTOS E CRÔNICAS





OS PECADOS CAPITAIS:

O OURO DO VELHO ZUZA

Iaperi Araujo

Cavou um buraco bem no tronco de um juazeiro velho que se destacava na paisagem árida. Logo deu na pedra. Desistiu. Levantou-se, batendo a poeira das mãos nas pernas da calça e saiu meio enca-deado pela luz do sol do meio dia. A velha Marfisa que conhecia todos os feitiços do livro de São Cipriano lhe avisara que o buraco de uma botija deveria ser cavado nas horas fortes do meio dia ou da meia noite, senão a botija sumiria para sempre. Nenhum vivente conseguiria desencantá-la. Ele sabia que dinheiro, dinheiro mesmo de papel com o tempo envelheceria. Se esfarelava se estivesse guardado num buraco. Por isso, fazia muito tempo que comprava coisas de ouro. Braceletes, pulseiras, brincos, correntes e trancelins, moedinha, crucifixos, tudo juntado numa lata velha de manteiga de meio quilo.

O povo dizia que ele fizera pauta com o diabo. Que num começo de noite, quando voltava da feira, na bicicleta velha, viu-se num descampado onde só havia uma velha oiticica e na sua sombra, um velhinho mirrado, de cócoras, fumando um cachimbo fedorento, foi logo se apresentando.

- Francelino, meu nome é Francelino.

Fizeram uma pauta Ele lhe daria riqueza em troca de sua alma. É que a alma dos avaros, por ser um pecado mortal tinha muita valia no inferno.

- A alma só entrego depois da minha morte. Sem um dia antes. No dia que Deus marcou, sem nenhum avexamento.

Daí por diante seu apurado na feira que só dava pra pagar a pouca feira que levava prá casa, danou-se prá sobrar. Francelino vez por outra aparecia para lhe dar conselhos.

- Compre ouro e guarde. Esses papéis que vocês chamam dinheiro e que dão valor, não valem nada mesmo.

Tirava uma fumaça do cachimbo que ele fumava às avessas, chupando pela boquilha acesa, sem se queimar.

- Ah, dona Belinha tem um trancelim de ouro que vai prá meio metro. Bote dinheiro que ela vende na precisão.

Ele ia, comprava e guardava. Cada vez mais a feira que fazia prá casa, diminuía mais nos seus gastos. O que apurava e era muito, comprava quase tudo de ouro.

Faltavam coisas em casa? Só se fosse no lenga-lenga da mulher dele, faladeira que só lhe faltava surrar com uma vara de marmeleiro quando ele chegava em casa depois da feira semanal com um tiquinho de farinha, um meio quilo de carne seca de terceira, um tico de querosene, uma caixa de fósforos, um pouco de pó de café, uma mais valia de fumo e sal. Só. O resto se arranjava no terreiro. Nem um vestido novo prá festa de São Sebastião comprava. Bastava o pano, pois com suas economias com a venda de ovos caipira que levava ela mesmo prá feira, senão o velho desviava o seu apurado, pagaria a costura a Marizé, uma vizinha alí do sitio onde moravam. Mas nem isso. Nem os 3 metros de chita que dava prá fazer um vestido do comprimento que ela desejava, o marido comprava. Ela lhe passava na cara que não lhe faltava ganho, não. Toda véspera de feira, matava um porco e desmanchava na pedra. Quando seus bichos tavam magros saía comprando aos vizinhos prá pagar com o apurado.

- E esse dinheiro do apurado, onde tu bota, Zuza?

Ele calado, deitado na velha e puída rede, ficava só olhando os buracos das telhas onde a luz das estrelas vez em quando vazava dentro dos seus olhos.

- Será que tu tá enterrando seu apurado, Zuza? Será que tu é tão ruim que não vigia a necessidade dos de casa? E as meninas estudando no Grupo não podem ter nem um sapato novo prá festa

de formatura. Os meninos, esses nem falo, que homem se ajeita de qualquer forma.

Essa conversa acontecia todo sábado de noite quando o velho Zuza voltava da feira. Mas prá ele era como uma cantiga prá dormir e nem esquentava. De repente no meio da conversa da mulher já estava roncando de boca aberta. Dormia.

Zuza aprendera com Francelino a guardar o ouro enlatado num canto da parede onde ele soltara um tijolo. Ficara um buraco que só a cabia a lata de ouro. Justinha e ele escondia colocando um pedaço de reboco como tampa do esconderijo. Seu tesouro ia ficar ali até conseguir um lugar próprio pra virar botija. Aquele seu povo sempre lhe tratara como avarento, mas iam ver quando ele morresse. Verdade que não gostava de gastar o que tinha. A bicicleta velha com que ia pedalando até a feira era o único bem que possuía. Recebera de escambo de um compadre em troca de uma porca parida com 3 bacorinhos. Há muitos anos não comprava um sapato. Só usava alpercatas de couro cru com solado de pneu velho de caminhão. Prá que luxo? Prá atrair olho gordo, seca pimenteira e destruírem tudo que conseguira na vida?

As meninas podiam casar com gente igual. Pobres, mas trabalhadores. Casar com rico só dava prejuízo. Quando abusavam do casamento acabavam se separando, ela vinha morar às suas custas com uma rabeira de meninos às suas custas.

A casa não tinha reboco, nem nunca pintara. Prá que se mostrar e fazer inveja aos outros? A velha Marfisa lhe orientara sobre a botija. Tinha que enterrá-la nas horas fechadas e com jejum de 24 horas na noite de 5ª prá sexta feira. Aquele ouro ia lhe servir prá pagar o homem que atravessava o barco na passagem pro céu, depois de sua morte. Virado botija nas leis de São Cipriano nem morto poderia pegá-lo, mas tinha valor prá vida eterna. Os vivos nunca o encontrariam.

Apesar de acostumado com os carões da mulher, aquelas queixas o incomodavam.

- Tu pensa, Zuza que não ouvi falar que você vive comprando ouro velho na rua? Pois muita gente me disse, sem esconder a verdade. E prá quem, homem? Prá família é que não é pois a gente vive numa grande precisão. Só falta passar fome. Se não é prá família é pralguma rapariga que você sustenta na rua. Cabra arbitrário. Eu lhe servi a vida toda. Seus filhos são seus escravos. As meninas se matam de trabalhar com Zeca Queijeiro e têm que dar todo o apurado a você. Comprar ouro? Só se for pra dar ao diabo com que você fez pauta. É o que o povo diz.

Chico apenas escutava e acabava adormecendo. Nada respondia às tantas perguntas da mulher.

Meia noite de uma quinta feira santa conseguiu esconder sua lata de ouro. Enterrara por cima um gato preto que Francelino trouxera. Ninguem ficou sabendo o lugar. Daí por diante ficou mais tranquilo. Seu tesouro estava muito bem guardado e não ia mais se matar de vender carne de criação na feira. A mulher e os filhos que se virassem fazendo bico prá comprar o de comer.

Um tempo depois estava cochilando numa rede armada na varanda, a mulher e os meninos tinham ido à rua apurar umas criações, quando viu Francelino ao seu lado. Ele agora veio como um coronel. Palitó de linho branco, sapato de duas cores, chapéu panamá de abas largas. Nem cachimbo usava. Fumava um charuto cheiroso e quando falava tinha uma fileira de dentes de ouro na boca. No pescoço uma gravata de seda com um broche de brilhantes e ria muito.

- Velho Zuza, amanhã venho lhe buscar. No livro do seu Deus, sua missão terminou aqui na terra. Respeite o trato. Voce não aproveitou em nada a riqueza que lhe arranjei. Vive com sua família na pobreza pois assim escolheu. Se dane. Tenho nada a ver. Sua avareza tornou mais cobiçada sua alma. Quem saiu ganhando foi eu. Voce perdeu e perdeu feio. Se prepare que amanhã é seu dia.

Essa conversa se passou assim com o velho Zuza meio acordado, meio dormindo. Ele ficou matutando se não fora um sonho.

Como amanhã ele iria desencarnar se não sentia nada? Só se fosse de um estopor. Uma morte assim, de supetão. Ficou matutando. Como conseguiria enganar o diabo?

No outro dia, tirou umas notas de dinheiro velhas de um bizaco que guardava no fundo de um baú cheio de coisas velhas e inúteis e entregou à mulher e aos filhos, mandando que fossem à rua novamente, mas dessa vez para comprar uns luxos. Sapatos, roupas e até sabonete.

Logo que eles saíram, Francelino apareceu, dessa vez como o velho xexelento. Sujo, mal vestido com o cachimbo às avessas na boca.

- Tá pronto, sujeito?

- A gente tá sempre pronto, mas tem um problema prá resolver. O senhor como homem que gosta de apostas, eu proponho uma.

Francelino ficou logo interessado.

- Tá vendo aquele mato, aqui em frente? Quando eu tinha umas vaquinhas criava elas soltas nesse campo prá tirar sustança dos panascos. É uma terra de arisco, própria prá mandioca. Desejo deixar o terreno limpo prá quando eu for embora meus filhos possam tirar dali o sustento. Aposto que você não consegue limpar esse campo todinho, tirando mato, desenterrando toco, consertando cerca, se eu jogar uma pedra prá cima e até ela cair. Se fizer isso, eu vou com você sem dar uma palavra contra. Se não fizer, fico livre da nossa pauta. Aceita?

A proposta seduziu o diabo, já que Francelino era o próprio bicho-preto, cão, dianho, coisa-ruim. Mas se fez de rogado.

- E porque eu iria jogar sua alma se já tenho ela garantida?

- Por ser um viciado em apostas seu bangalafumenga. Voce pensa ser infalível, é? Pois se perder, perde minh'alma também e isso você não cogita, sequer, porisso vai aceitar.

Francelino, tomado de soberba, interrompeu o discurso de Zuza, aceitando o desafio.

Zuza pegou uma pedra e disse que o coisa-ruim se preparasse e quando ele disse que tava pronto, ele jogou a pedra pro alto.

Num redemoinho com a velocidade de um raio, o diabo pôs-se a capinar, a arrancar toco, pregar arame farpado nas estacas, mas incrivelmente se desviava de um mato num canto do terreno. A pedra foi, foi e caiu mas ainda restava um tanto de mato que não fora capinado no lugar que o diabo evitava.

- Perdeu zoiúdo. Gritou Zuza.

- Valeu não, pois não pude me aproximar daquele lugar ali. E você sabe por que. Me enganou.

Zuza olhando bem direto prá cara do cão que ia se transformando lhe disse que ele deveria ter ispiculado o terreno antes. Aceitou a aposta por achar-se melhor que os outros. Não capinara no local que ficara intato, por conta de um cruzeiro que existia por trás de uma pedra, lugar em que os passantes viram muitos anos atrás uma mulher toda vestido de branco como se fora a imagem da mãe de Deus.

Francelino se virou numa fumaça cheirando a enxofre enquanto Zuza gargalhava pela peça que pregara ao dianho. Foi prá casa, tomou banho, vestiu a melhor roupa e deitou-se na rede. Quando, família chegou da cidade, ele estava morto, guardando ainda um sorriso na boca.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Contista, tem publicado na revista da ANRL alguns textos, sempre valorizando a narrativa popular. É membro da ANRL ocupando a cadeira 23. Presidente do Conselho Estadual de Cultura.

O PEQUENO SAPATEIRO

Clauder Arcanjo

Há dias não escrevia nada. As ideias fugiram por completo de mim.

Com o cair da tarde, sentei-me novamente à escrivaninha, peguei da caneta e do papel, e eis que me surgiu:

O pequeno sapateiro na fria manhã...

— Ei, não me inclua nas suas histórias! Deixe-me fora dos seus enredos, fui claro?

Quando me virei, era o pequeno sapateiro. Ele estava à porta do meu escritório. Saíra do início do conto e já viera reclamar, pessoalmente, de mim.

— Mas, pequeno sapateiro, você será a figura principal da narrativa e...

— Grande coisa! Personagem maior de uma criação menor. Tenha a santa paciência! Você se encontrava sem luz e sem brilho algum e, de repente, recorre aos meus préstimos. E de forma preconceituosa! Sim, preconceituosa. Por que não me descreveu como um senhor alto e garboso? Não, foi logo me rebaixando: *O pequeno sapateiro na fria manhã...*

Era um homem de baixa estatura, no entanto falava alto, quase aos gritos. Com receio de que minha esposa ouvisse o nosso embate, ela que nunca morrera de amores pela literatura, fiz com que ele se sentasse num banquinho próximo de mim.

— Se me permite, pequeno sapateiro... digo, senhor sapateiro, o senhor é que está *eivado* de preconceitos.

— Eivado!? Não digo que você é um escritor falido?! Ninguém usa mais tal palavra, meu senhor! Eivado?!... Veja se pode!

— De uma forma respeitosa, senhor...

— O respeito maior, quando se trata de literatura, escrevinhador sem inspiração e sem méritos, é construir uma trama complexa fazendo uso das palavras simples. Você, pelo jeito, nunca aprenderá! E, outra coisa, tenho pavor a clima frio, mesmo assim você resolve me plantar numa “fria manhã”.

— Posso alterar o ambiente, não tem grandes problemas para mim, se... — tentei argumentar.

Qual nada, o remédio foi pior, assanhei ainda mais a fúria do pequeno sapateiro.

— É muito fraco, muito fraco! Qualquer pressão faz com que você mude logo seu discurso. Pelo jeito, seria até capaz de rasgar, ou renegar, toda sua obra se os homens do poder assim o exigissem. Não, chega! Não quero ter parte em nada escrito por você. E não quero mais conversa. Rasgue logo o que você escreveu; caso contrário, voltarei aqui com um prego e um martelo e pregarei tal página na sua testa de *energúmeno*.

— Energúmeno?!... De onde você tirou tal vocábulo? Andou lendo meu último conto, não foi? Ah!, eu sabia: você acompanha tudo que eu escrevo, seu pequeno sapateiro! — disparei.

Ele levantou-se, ajustou o jaleco, e voltou, calado e ligeiro, para dentro do papel sobre a escrivantina.

E eu continuei frente ao que antes escrevera, sem nenhuma inspiração:

O pequeno sapateiro na fria manhã...

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor e editor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e da Academia de Letras do Brasil. Autor de “O Fantasma de Licânia”, “Lápis nas Veias” e vários outros livros.

O ÚLTIMO CIGARRO

Cellina Muniz

Eu cheguei e aquela vila só me dizia que era um peso aquele desejo que eu carregava há tempos, desde muito antes. Desejo de contar uma boa história. Eu errava por várias distâncias e fazia preces para Mark Twain, mas talento é coisa assim também bem teimosa: só vem quando lhe convém.

Eu andava então certa noite incerta e perdida nas ruas daquela vila onde dei de parar e cujo porquê eu não vou contar, uma vila típica de conto que ninguém vai ler, eu caminhava lá naquela madrugada, desiludida com minha falta de talento e contente com meu prazer inenarrável por tal ausência, pensando que afinal estava tudo bem, que a vida podia ser mais difícil. A vida podia andar por um fio, podia ser andaime balouçante na varanda de planta esquecida na mudança e ainda assim verdejante, a vida podia ser, por exemplo, de outro jeito e eu, além de sem talento, também poderia ter sido...

Vesga.

Seria problema? Claro que não, seria somente mais uma condição.

Como será que um ser vesgo enxerga o mundo? perguntaram meus olhinhos supostamente certos e centrados. Mais cores, menos curvas? Mais foco, menos fito?

Era nisso que eu pensava com meus olhos baixos quando cruzei com um beco e ouvi alguém gritar:

- Ei, tu!

Parei. Não é toda noite, numa vila sem nome, numa encruzilhada desfocada e distraída, que se ouve o chamado do erro. Olhei e vi...

Uma mulher como eu.

Mais uma pessoa no mundo, sombra esguia num resto de chuva, sentada numa soleira antiga, alguém que me viu passar em calendário-mapa de nenhuma precisão.

- Vem aqui!

Sua voz foi tão imperiosa que só me restou obedecer. Era tão sincera aquela marra no timbre e no tom de sua fala que eu só pude pensar: é claro que ela conhece a Verdade.

Cheguei mais perto. Ela era negra como o anoitecer, só que ela era muito mais bela, porque da noite se sabe apenas o contrário do dia, já ela ostentava a beleza das coisas sem definição. Certamente tinha ela um nome, nome que milhares de noites depois jamais eu seria capaz de inventar. Sei que além de bela como a noite indizível, tinha ela um pé bichado, mal arranjado num curativo displicente.

Olhou pra mim, soberba e atrevida, um enunciado breve em boca de mulher qualquer a dizer:

- Me dá um cigarro, fia?

Não era ordem nem pedido e ela logo entendeu, pelo gesto da minha mão, que o último cigarro eu fumara há tempos, o último cigarro era agora fumaça dispersa, talvez tiquinho de câncer espreitando o pulmão, propaganda subliminar no próximo filme, o último cigarro estava em qualquer vila do mundo menos ali. E ela entendeu.

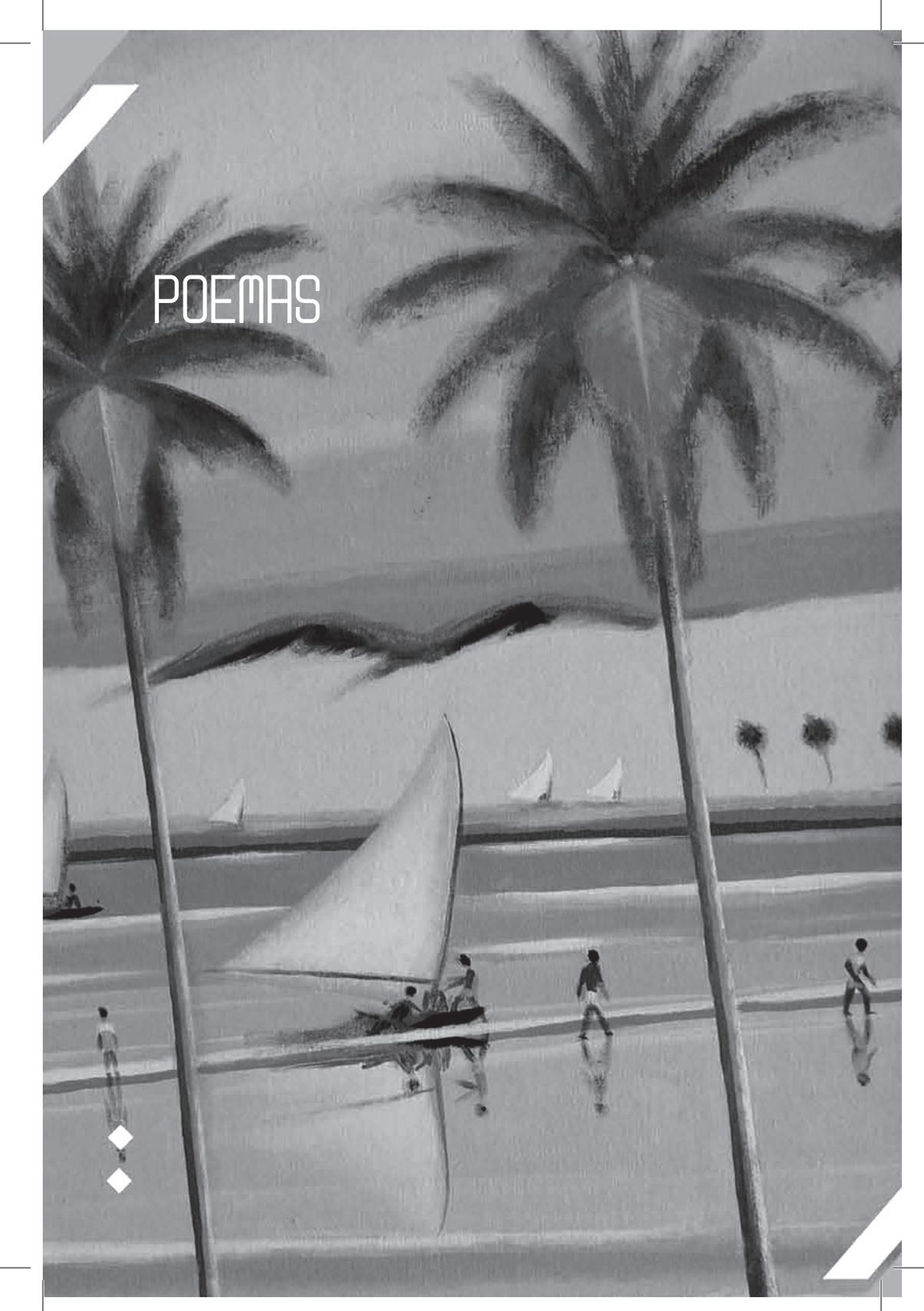
- Tudo bem, vai com Deus, se cuide – me despachou, autorizando minha partida.

Parti. Sem talento, sem cigarro pra partilhar, sem nunca mais me esquecer daquela vila e dela...

Ela: mulher qualquer como eu. Mais outra pessoa no mundo.

Pessoa assim: não vesga.

CELLINA MUNIZ é escritora e pesquisadora. Professora do departamento de letras da UFRN. Autora de “O Bombo”, “Contos de um Mundo Delirante” e vários outros livros.



POEMAS





QUIROMANTE

Nivaldete Ferreira

...talvez modular-se no não-método
deixar-se cair na poça
enquanto a multidão se esgana pelo mar
e lá se afaga afoga

não preferir os dias ovais
sim os arestados
que as coisas perfeitas não divertem
nem nos ocupam

nascemos para torcer ferros
a mão sem luva
e com esta mesma tocar flores corpos e guitarras

vai, adianta os pés

os dias terão gosto diferente
jiló laranja ardência neve mel
assim é desde a explosão

gel dos orvalhos hás de colher aos olhos do amanhecer
e
andarás só
como os barcos -mesmo pesados de gente
andarás só –o que mais vejo
mas será tua ogiva a solidão
teu poço camuflado

vai,

tudo é perfeito
menos isso que fala

* * *

NIVALDETE FERREIRA é poeta, escritora e professora aposentada da UFRN. Autora de “Sertânia”, “Memórias de Bárbara Cabarrús”, dentre outros livros.

TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS

UM SONETO ACRÓSTICO PARA IRANI

À luz deste luzeiro te declinas,
Insulto se parece a quem ostenta –
Riquezas, um sonho que se inventa –
A tua ausência é a essência que refina.

No céu a soberba são pequeninas
Instâncias, momentos que não atentas.
O paraíso é o sorriso que amamentas.
Livres e soltos brincos de meninas.

Irmãos, os lábios meus os teus pousaram,
Vivenciando o momento puro e exato,
Em que as flores afloram sobre as cores.

Inexistente em azuis que te abordaram
Retornando a ti o que é de fato –
A morada dos deuses que te amaram.

DOIS QUARTETOS

SOBRE UMA FOTO DE TAMARA MARTINS

A réplica de voar pela caatinga
- teoria de Lenine, o navegante –
nasce quando, abjurando sua restinga,
avista o Cabugi. Vulcão flagrante.

UM QUARTETO BEM À MINHA MANEIRA

Amo Marx, São Francisco
as quatro folhas de um trevo.
Carnaval, mulher e frevo
e os poemas que rabisco.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

XOTE MILITANTE

Dácio Galvão

P. Augusto de Campos, Vladimir Maiakóvsky e Lilya Brik

O amor
É a dor
E cor
Da revolução
Calar é olhar
Impulsionar
Plenos pulmões
Amo:
Anel e porta
Homem
No mar se vai
De blusa fátua
Sobre Vértebras.

DÁCIO GALVÃO é poeta, escritor e gestor cultural. Autor de “O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca” e vários outros livros. Este poema é inédito, consta no seu próximo trabalho “Poética Geral”

TRÊS POEMAS DA VIVENDA DO TEMPO

Roberto Lima

OS PERSONAGENS DO TEMPO

Eu canto a simplicidade,
Na canção que faço agora,
Dos personagens do tempo
Que o tempo levou embora.

Não importa que não saibam
Do porquê desta canção
Porque aqueles que canto
Conhecem minha razão.

Ninguém soube de onde vinham,
Nem da vida que levaram,
Nem mesmo o rumo do barco
Em que todos embarcaram.

E como nunca se soube
De quando estavam nascendo,
Não se sabe aonde foram,
Nem quando estavam morrendo...

Mas outros hão de nascer,
Luís, Antônio ou Raimundo,
Pra simplesmente viver
De povoar este mundo...

CAMBRAIA

Cambraia era um jornaleiro,
Um negro preto retinto,
Que todo dia passava
Quando mal anoitecia,
Vendendo o jornal da tarde,
Cantando as suas manchetes
Em confusa algaravia.
Se a meninada o escutava,
De pronto logo acorria,
E um batalhão se formava
Arremedando Cambraia,
Enfileirando a folia.
Mas um dia ele não veio,
Nem no outro e nunca mais.
Soube-se, então, que Cambraia
Tinha morrido sozinho,
Sem o coro dos meninos,
Sem manchete nos jornais...
Porém toda a criançada
Sentiu falta do Cambraia,
O negro preto retinto,
Que, quando alegre cantava,
Ficava muito mais branco
Que as brancas ondas da praia...
... Talvez por isso, talvez,
Se chamasse de cambraia...

A MINHA PRIMA ZILÁ

I

A minha prima Zilá
Tinha os olhos bem compridos,
As pernas longas e finas,
Porém bonitas as pernas
Da minha prima Zilá.
Os cabelos, de enxeridos,
Escorregavam macios
Pelos ombros bem magrinhos
Da minha prima Zilá.

II

Naquele tempo, existiam,
No quintal do meu avô,
Dois grandes abacateiros.
Eu subia lá no alto,
De calção de boca larga
E sem nada mais usar,
Aos olhares bem compridos
Da minha prima Zilá.
A tarde inteira, eu ficava
Sentindo o vento passar
E o cheiro morno da tarde,
Aos olhares de Zilá.
E lá de cima, eu gostava
Daquele jeito de olhar:
Quando ia, quando vinha,
Reparava as minhas pernas
E falava do perigo
(Isso só pra disfarçar!)

De um galho do abacateiro
Comigo se arrebentar.
E era sempre a mesma história,
E era sempre o mesmo olhar...

III

Mas sucedeu que, um dia,
Um homem forte, moreno,
Por ordem de meu avô,
Nossos dois abacateiros
Começou a derrubar.
Eu chorava para um lado,
Pra outro lado, a Zilá,
E ninguém imaginava
O porquê desse chorar:
- Nunca mais, a mesma história,
Nunca mais, o mesmo olhar! ...

ROBERTO LIMA é poeta, escritor e compositor. Professor aposentado da UFRN. Autor de “As Dimensões do Espaço Íntimo”, “O Quinto Anjo” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e UBE/RN.

AMPULHETA

Rizolete Fernandes

O ciciar do tempo pressentido
quando as pernas negaram frevo
às ladeiras de Olinda
em lares amigos o aconchego
atraiu mais que bulício de bar
em moderato fez-se o concerto
no tilintar das taças de vinho

O escoar dos anos refletido
na embaçada imagem do espelho
na romaria agora cotidiana
ao templo dos jalecos brancos
(à ante – sala encontro amigos
de noitadas tantas antes da vez
de comandar a receita do dia)

Nas passeatas onde a já débil voz
pede eco à forte voz da juventude
(de sonho e resistência melodia)
Nas carimbadas filas preferenciais

Tempo afinal conferido
dia-após-dia a cada amanhecer
no paulatino esvaziamento
das caixas do filtro de coar café

RIZOLETE FERNANDES é poeta, escritora e socióloga. Autora de “Luas Nuas”, “Cotidianas” e outros livros.

DIÁLOGO POÉTICO FRATERNAL

Horácio Paiva

Um poema de ROBERTO MANZANO (Havana, Cuba):

A TRES METROS ESTÁ el vecino de la izquierda;
a tres metros, el de la derecha; a tres metros,
el del frente; a tres metros, el de la espalda.
En la noche se oye la tos del otro
como si fuera, bajo la sábana, la propia tos:
el olor del arroz que se pasó de fuego
va de visita: y entra silenciosa
la miseria: promiscua, aglomerada, unánime!
Dentro de todo estoy yo, nuez latiente,
con mi cadáver responsable, sin entender del todo
cómo resolveré vivir con un poco de dignidad!

Tradução de Horácio Paiva:

A três metros está o vizinho da esquerda;
a três metros, o da direita; a três metros,
o da frente; a três metros, o de trás.
Ouve-se na noite a tosse do outro
como se fora, sob o lençol, nossa própria tosse:
o cheiro do arroz queimado chega
de visita: e entra silenciosa
a miséria: promiscua, aglomerada, unânime!
E eu, no meio de tudo, latejante,
com meu cadáver responsável, sem claramente entender
como resolverei viver com um mínimo de dignidade.

Um poema de HORÁCIO PAIVA (Natal, Brasil):

O MEU PÉ ESQUERDO

o meu pé direito está nas nuvens
o meu pé esquerdo teima e protesta

nas nuvens respiro a liberdade
mas o meu pé esquerdo
está sempre às voltas
com os tumultos do mundo

quando penso
que tudo é igual
e que enfim
alcansei a unidade
surge um grito
e vejo o meu pé esquerdo
ainda preso à terra
e me apresso em socorrê-lo
sob pena
de tudo perder

pois há um compromisso
e nesta aliança
não estou sozinho.

Traducción de Felix Contreras:

MI PIE IZQUIERDO

Mi pie derecho está en las nubes,
mi pie izquierdo obstinado protesta

en las nubes respiro la libertad
pero, mi pie izquierdo
está siempre de regreso
con los tumultos del mundo

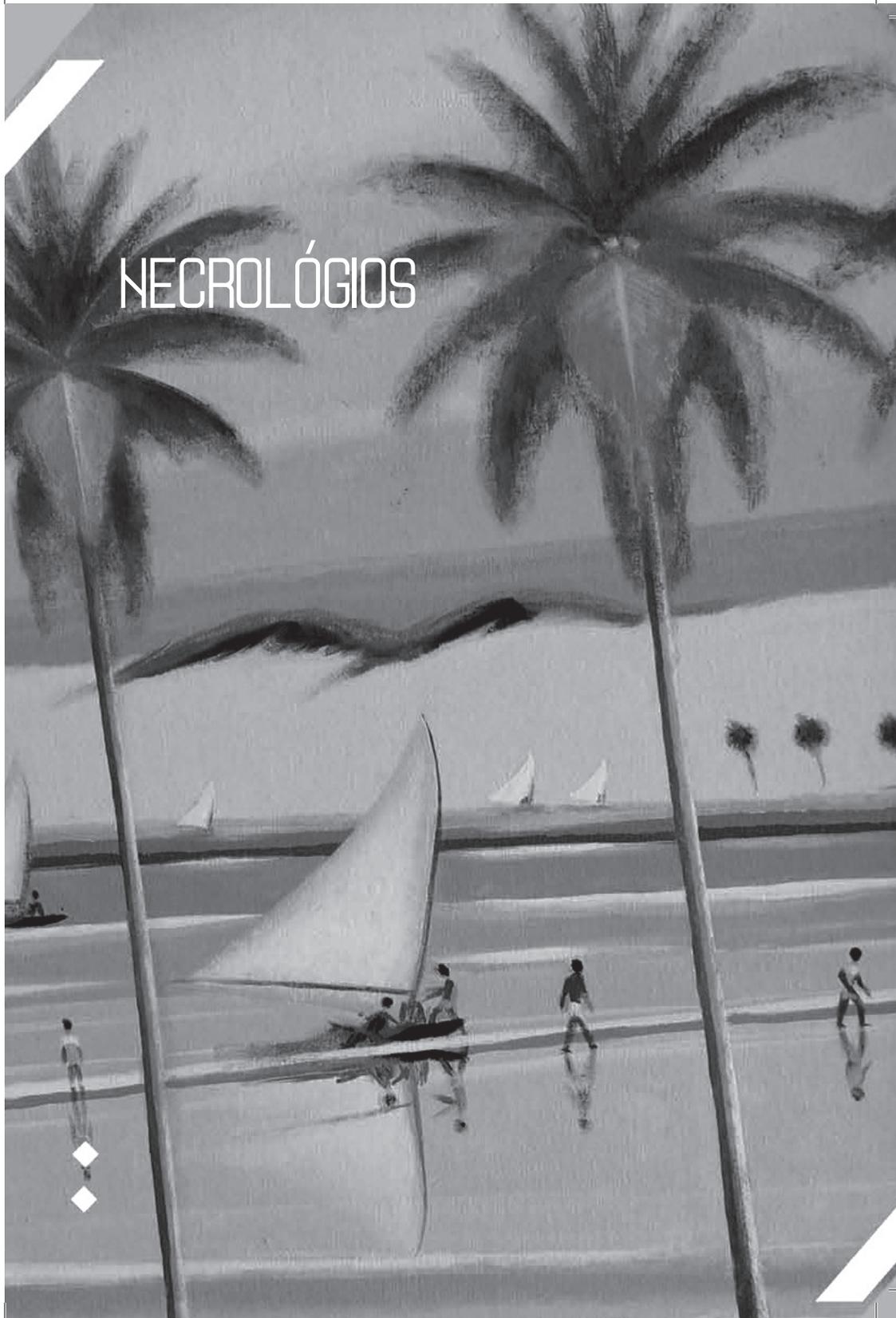
cuando pienso
que todo es igual
y que al fin
alcancé la unidad
surge un grito
y veo mi pie izquierdo
todavía preso a la tierra
y me apresuro a socorrerlo
con la pena
de perderlo todo

pero, hay un compromiso
y en esta alianza
no estoy solito.

HORÁCIO PAIVA é poeta, escritor e advogado. Presidente da Academia Macauense de Letras e Artes. Autor de “A Torre Azul”, e outros livros



NECROLÓGIOS





JOÃO WILSON MENDES MELO

Mossoró – 03.06.1921* - Natal – 19.05.2020+

ELOGIO À MEMÓRIA – EM 24 – SETEMBRO - 2020

Armando Aurélio Fernandes de Negreiros

João Wilson Mendes Melo, nasceu em Mossoró - RN, às margens do rio do mesmo nome, no sítio denominado Canto dos Filgueiras, no dia 3 de junho de 1921. Faleceu em Natal, no dia 19 de maio de 2020. Filho de Mirabeau da Cunha Melo e Cândida Filgueira Mendes Melo. Irmão primogênito de Manoel Benício e Maria Lúcia.

Casado com **Maria Augusta Cunha Melo** (08.12.1924 – 07.11.1997) em 15 de agosto de 1946, casamento celebrado pelo padre Nivaldo Monte, tiveram cinco filhos: **José Maria** Cunha Melo, **João Augusto** da Cunha Melo, **Cândida Maria** Cunha Melo, **Cristina Maria** da Cunha Melo e **Carlos Henrique** da Cunha Melo. Vieram mais 14 netos, 23 bisnetos e um tataraneto.

João Wilson descreve poeticamente o lugar onde nasceu:

No silêncio do “Canto dos Filgueiras”,

Cheguei ao mundo.

No meio de uma tarde quente,

Na hora em que o “nordeste” começa a soprar

E a vida se torna mais amena

Iniciou seus estudos em Mossoró, concluindo o primário em Ceará-Mirim e o então secundário em Natal, no Colégio Santo Antônio, dos irmãos Maristas e no Atheneu Norte-rio-grandense.

Atraído pela atividade de ensino, começou com alunos particulares e teve a sua primeira atuação no Seminário São Pedro, cujo reitor era o padre Adelino Dantas, por indicação do padre Eugênio Sales, ensinava aritmética aos jovens seminaristas. Entre os seus alunos estava o poeta Sanderson Negreiros.

Bacharelou-se em Direito e Ciências Sociais pela Faculdade de Direito de Alagoas, em Maceió, cuja presença não era obrigatória, apenas a aprovação nos exames. Enquanto estudava Direito exerceu algumas atividades relacionadas, tendo sido datilógrafo do escritório do advogado e professor Claudionor Telógio de Andrade, pai do meu saudoso amigo Glênio Aquino de Andrade, também advogado. Claudionor era extremamente rigoroso com o horário de chegada dos alunos, não permitindo que entrassem após dez minutos de atraso. Certo dia um aluno mais irreverente sugeriu que ele mudasse o nome de Claudionor Telógio de Andrade para Claudionor Relógio de Andrade!

Depois foi auxiliar do advogado João Medeiros Filho, ocasião em que adquiriu bastante experiência. Teve momentos importantes em sua atividade de advogado, embora a sua grande paixão fosse o magistério. Foi o autor de uma ação de RETROCESSÃO que teve como resultado o nascimento do bairro de Candelária, o que levou alguns a chamá-lo de “o pai da Candelária”.

Foi Diretor de Administração da LBA – Legião Brasileira de Assistência, na fase em que a instituição era dirigida pelas esposas dos governadores. Tornou-se um dos Procuradores, trabalhando ao lado de Tarcísio Medeiros e Antônio Soares Filho.

Antônio Soares Filho ocupou a cadeira 24 desta academia e foi sucedido por Tarcísio Medeiros. Foi João Wilson quem fez a saudação ao novo acadêmico Tarcísio Medeiros e, por ironia do destino, fez também o seu necrológio. A cadeira 24 tem como Patrono Gortardo Neto, Fundador Francisco Ivo Cavalcante, primeiro sucessor Antídio Azevedo e atualmente é ocupada por Sônia Faustino.

Dedicando-se à leitura dos autores brasileiros e franceses, começou desde cedo a redigir crônicas, artigos e alguns poemas que foram publicados nos jornais da época. Colaborou por muito tempo nos jornais A Razão, A Ordem, A República, o Diário de Natal, o Poti, a Tribuna do Norte, A Verdade, o Jornal de Hoje, na publicação literária o Galo e nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e nas revistas Tempo Universitário e História, da UFRN.

Pertenceu à Academia de Letras do Atheneu, iniciativa dos alunos do mesmo estabelecimento do ensino público estadual. Sua atividade principal foi a de professor, tendo ensinado na Escola Técnica de Comércio e no Seminário de São Pedro, em Natal, posteriormente em faculdades incorporadas à universidade.

Ser **Professor** na década de 1940 em Natal representava um grande problema, pois além da exiguidade dos salários, não havia cursos superiores de formação para o magistério. É considerado como um dos precursores da UFRN por ter participado da fundação da Escola de Serviço Social, da qual foi diretor durante oito anos, da Faculdade de Ciências Econômicas e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, bem como da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, hoje a UFRN, da qual era professor aposentado do Departamento de História, já tendo sido Pró-Reitor Estudantil.

Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Foi agraciado com o título de Cidadão Natalense, pelo Decreto Legislativo nº 600/02 da Câmara Municipal de Natal, em 17 de junho de 2002.

Foi homenageado com a medalha do mérito governador Dinarte Mariz, pelo Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte, em 9 de dezembro de 2005.

Foi membro desta Academia Norte Rio-Grandense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 25, tomou posse no dia 15 de mar-

ço de 1984, proferindo o discurso “Três homens na cena literária”. O discurso de recepção foi apresentado pelo acadêmico Otto de Brito Guerra e a solenidade coordenada pelo Dr. Onofre Lopes, presidente da Academia.

O patrono da cadeira 25 é Ponciano Barbosa, o fundador Aderbal de França e os sucessores foram Meira Pires e João Wilson Mendes Melo.

O Conselho Universitário (CONSUNI) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) aprovou a proposta de concessão de título honorífico de Professor Emérito ao docente João Wilson Mendes Melo, no dia 14 de setembro de 2018, na sala dos Colegiados Superiores, localizada na Reitoria.

No livro biográfico escrito por Cláudio Galvão ele relata que periodicamente um grupo de ex-alunos se reunia “em torno do mestre, talvez ainda em busca de mais exemplos de vida. Dava aulas de História mas, pelo exemplo, ensinava a difícil arte de ser.”

Orgulhoso da cidade onde nasceu, Mossoró, afirmava: ‘naquela cidade libertária, tive as primeiras noções de heroísmo, porque o Major Romão Filgueira, que foi o chefe da abolição da escravatura em Mossoró, era meu tio-avô’.

Foi a primeira cidade do Brasil a libertar os escravos e a única que botou Lampião para correr, o que inspirou João Wilson a escrever “Lampião, Lampião, aprendeste a lição?”:

*Vinham tiros das ruas dos becos e vielas,
Vinham tiros dos tetos, de todas as janelas,
Vinham tiros do alto das torres das igrejas,
Com a firmeza feroz que coragem contém.
E pensaste que os santos atiravam também.
Mossoró te esperou sem medo, e te venceu
Com as armas da caça e com alguns fuzis*

*E fez acontecer como nunca acontecera:
O pavor visitar teu bando que prosseguir não quis.*

Mais um pensamento de João Wilson:

“Não é demais afirmar que já basta, em grandeza, a colaboração concedida no ‘crescei-vos e multiplicai-vos’, pois ela é sem par na natureza divina e humana, aperfeiçoada pela concepção da paternidade responsável, que traduz a transcendência daquela ordem e as exigências do bem-estar humano no nosso tempo.”

João Wilson Mendes Melo foi historiador, professor, advogado, poeta, escritor, ensaísta, cronista e humanista.

Autor de vários livros:

1. Introdução ao Estudo da História
2. Economia e Promoção na História Social
3. Presença de Autores e Livros
4. A fé e a vida
5. A Cidade e o Trampolim
6. Prazer na Literatura
7. Minha cidade antigamente
8. As Leituras e a Viagem
9. Principalmente o Amor
10. O Trabalho de Cada Um

11. O Propósito e a Ação
12. A Emoção Solidária
13. Em tempo de libertação e desamor

Entrei nesta Academia Norte-rio-grandense de Letras no ano de 2002, aos 51 anos. Admirava João Wilson pela sua tranquilidade, cultura, sempre bem humorado. Um dia encontro com João Wilson no shopping Natal e, qual não foi a minha surpresa, me convidou para tomar um chopp. Claro que aceitei, senti-me honrado e privilegiado e elogiei a sua vitalidade para um homem em torno dos 85 – 90 anos.

No livro de Cláudio Galvão – João Wilson Mendes Melo – VIVENDO E ENSINANDO, ele refere que na década de 1950 João Wilson construiu uma casa de veraneio em Ponta Negra onde passava um mês inteiro com a família e os amigos. Na mesma época construíram também seu irmão Manoel Benício, o prefeito Djalma Maranhão e o advogado Manoel Varela de Albuquerque. Fez amizade com os pescadores locais, não faltavam peixes fresquinhos e ‘histórias de pescador’ no final da tarde, além de uma cachacinha fornecida pelo dono da casa. Um dia foi surpreendido com o final do estoque da branquinha. Em seu lugar serviu whisky escocês. Foi então que um pescador, tentando identificar a bebida, perguntou:

- Doutor, essa é que é a tá da coca-cola?

As pessoas com quem conversei a respeito do saudoso João Wilson Mendes Melo, foram unânimes em algumas características de sua personalidade:

- Sempre foi um homem educado, gentil e justo.
- Se preocupava com o bem estar de todos que estavam em sua volta como família, amigos e funcionários.

- Tinha um olhar sempre atento para os menos favorecidos e agia com espírito cristão em todas as situações.

- Os alunos o respeitavam e admiravam.

Cristina, sua filha, me deu algumas informações do seu dia a dia:

- Até onde sua lucidez permitiu, pelo avanço da idade alcançada, lia e acompanhava todos os jornais disponíveis e estava sempre atualizado e emitia opinião sobre vários assuntos principalmente os literários.

- Não se familiarizou com os avanços tecnológicos, mas gostava de saber das novidades e facilidades que a internet proporcionava.

- Para os filhos, foi um exemplo e modelo de correção e honradez.

Desejo agradecer ao Presidente Diógenes, à acadêmica e secretária Leide Câmara, o convite e a confiança depositada para fazer esta oração de louvor.

Agradeço a todos os presentes e recomendo, para quem quiser se aprofundar mais na história de vida desse grande homem, o livro de Cláudio Galvão – JOÃO WILSON MENDES MELO – VIVENDO E ENSINANDO.

Muito obrigado.

Referências

1. *João Wilson Mendes Melo – VIVENDO E ENSINANDO de Cláudio Galvão – Natal - 2018.*
2. *Memória Acadêmica – Leide Câmara (Editoraifrn) – Natal – 2017*
3. *Cassiano Arruda (19 de maio de 2020). «Academia de Letras perde o imortal João Wilson de Melo». Território Livre.*
4. *«Morre um Professor Emérito». Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 19 de maio de 2020.*
5. *«Projeto faz leitura de João Wilson Mendes». Tribuna do Norte.*

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Na Companhia dos Imortais” e outros livros.

NECROLÓGIO DO ACADÊMICO PAULO MACEDO

Falecido em 5 de julho de 2020

**Discurso de homenagem póstuma proferido pelo Acadêmico
João Batista Pinheiro Cabral.**

Em Sessão Solene realizada em 8 de outubro de 2020

Senhor Presidente Diógenes da Cunha Lima Filho, Senhor Vice-Presidente Jurandyr Navarro da Costa, senhoras Acadêmicas, senhores Acadêmicos, dignos familiares de Paulo Macedo, minhas senhoras e meus senhores.

Estamos aqui reunidos nesta tarde quase noite da primavera do ano da graça de 2020 para juntos e com o mesmo sentimento, cumprirmos o que estipulam as normas de nossa Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, e participando do necrológio/réquiem de nosso extinto e estimado confrade Paulo Macedo, que ocupou em vida a cadeira nº 10 da Casa de Câmara Cascudo.

Aceitei, não sem antes ponderar que há acadêmicos mais qualificados, que poderiam de uma forma mais sofisticada cumprir este mister, mas tentarei levar a cabo a missão que me foi dada pelo Presidente desta casa. Por isso, aqui estou para dela desincumbir-me.

Permitam-me iniciar com um poema de Fernando Pessoa intitulado, “**Depois de tudo**”, que corre assim:

Depois de tudo ficam três coisas:

A certeza de que estamos sempre a começar ...

A certeza de que é preciso continuar ...

A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar.

*Por isso devemos:
fazer da interrupção um caminho...
Da queda um passo de dança ...
Do medo uma escada ...
Do sonho uma ponte .*

Paulo Macedo nasceu em Limoeiro do Norte-CE, em 29 de dezembro de 1931. Essa cidade, ao tempo do seu nascimento, era sede de um pequeno município, antes das grandes obras públicas que iriam transformá-la no polo de desenvolvimento econômico que é hoje. Os pais de Paulo Macedo foram Miro Davi Fahiena e Dona Maria Olimpo Fahiena que lhe deram o nome de Isaac Miro Fahiena de acordo com algumas fontes ou Isaac Fahiena, de acordo com outras.

Quando o então menino - futuro Paulo Macedo - completou dois anos de idade, sua família mudou-se para a capital do estado do Ceará, Fortaleza, onde ao atingir a idade escolar o pequeno Isaac foi estudar no Colégio “São João”, como está registrado na excelente entrevista concedida por Paulo Macedo ao programa “**Ponto de Vista**” com Nelson Freire, que foi ao ar pela primeira vez há alguns anos e foi reprisado logo depois do seu falecimento como uma significativa homenagem póstuma do produtor do programa.

Nessa entrevista, Paulo Macedo afirma que enquanto estudante do educandário acima referido foi assistir uma palestra do então prefeito de Natal - Djalma Maranhão - proferida durante uma convenção de Clubes de Diretores Lojistas que se realizava no Centro de Convenções de Fortaleza-CE, tendo sido escolhido para fazer a saudação ao palestrante e assim ficou conhecendo o político e prefeito potiguar Djalma Maranhão. Ao agradecer a saudação do jovem estudante pelas entusiásticas palavras de boas vindas, o prefeito lhe fez um convite, que se revelou profético, para que futuramente ele se mudasse para Natal a fim de ajudá-lo com seu trabalho nas lides políticas e jornalísticas que planejava desenvolver

em Natal. Quis o destino que tudo isso viesse acontecer, como será demonstrado mais adiante.

Quando as forças do destino começaram atuar de forma cronotopocinética sobre o jovem Isaac Fahiena, ele foi compelido a deixar a terra da bela Iracema e dirigir-se à terra de Poti. Assim, cumprindo seu destino, deixou o Ceará e veio para o Rio Grande do Norte. Não veio diretamente para Natal. Tangido pelos ventos fortes da fortuna foi, primeiro, para a cidade de Patu-RN. Lá chegando, tornou-se locutor do serviço de alto-falantes da cidade, a Divulgadora Municipal, que era o meio de comunicação mais moderno daquela época. Porém as inescrutáveis e insondáveis forças eólicas do destino voltaram a agir sobre o jovem Isaac e trouxeram-no para Natal, que no dizer do grande cronista Wodem Madruga, Acadêmico eleito mas ainda não empossado, é a aldeia de Poti mais bela.

Aqui chegando, lembrou-se do convite que lhe fizera Djalma Maranhão, em Fortaleza-CE quando da já mencionada convenção de Clubes de Diretores Lojistas lá na terra da bela Iracema. Djalma recebeu-o muito bem e o contratou imediatamente para trabalhar num jornal que acabara de instalar que se chamava “Folha da Tarde” e depois no “Jornal de Natal”, o periódico de maior densidade política e teor econômico e social, dirigido aos leitores de educação média. Esse jornal continha artigos e notícias que tratavam de ideias sociais e teve circulação intermitente, e de forma infrequente perdurou por algumas décadas em Natal. A redação dos dois jornais mencionados localizava-se na Avenida Rio Branco, próximo ao então Mercado Público da Cidade Alta, onde hoje funciona o Banco do Brasil e uma agência dos Correios.

Paulo Macedo depois de passar pouco tempo alojado na própria redação, foi residir em um pensionato na Avenida Junqueira Aires, quase em frente a Igreja Presbiteriana do Natal, perto do majestoso edifício sede da Prefeitura Municipal do Natal.

Em pouco tempo, o jovem Paulo Macedo conquistou total confiança de Djalma Maranhão. Graças a sua dedicação aos afa-

zeres passou a trabalhar diretamente com Djalma. A essa altura Djalma já era prefeito eleito de Natal e convidou-o para trabalhar junto a ele, como Chefe de Gabinete do Prefeito, posto que conquistou pela sua ética no trato com as pessoas, por sua sensibilidade e sua grande alma, como foi dito por Dorian Gray Caldas, em artigo, publicado na “Tribuna do Norte” há alguns anos e citado por Daladier Pessoa da Cunha Lima, em seu antológico artigo intitulado “Honras ao amigo Paulo Macedo”, publicado no jornal “Tribuna do Norte”, em 25 de julho de 2020, homenageando postumamente o ilustre desaparecido. Nesse artigo o Acadêmico Daladier cita ainda, Câmara Cascudo em seu livro “Gente Viva” no qual se lê: “A morte existe; os mortos não! Prorrogo-lhes a companhia nestes vestígios de convivência”. É isso que nos ensina o mestre de todos nós, sob cuja égide nasceu esta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Paulo Macedo, nome que adotou ao tornar-se uma pessoa pública no Rio Grande do Norte, no Nordeste e no Brasil, cuidou de acrescentar pelas vias legais e judiciais ao seu nome Isaac Fahiena (ou Isaac Miro Fahiena), nome que lhe foi dado ao nascer, passando seu nome a ser legalmente Isaac Fahiena de Paulo Macedo. E foi como Paulo Macedo que ele conquistou todas as posições, cargos, funções e títulos que ao longo da vida colecionou. Paulo Macedo galgou, para citar apenas algumas de suas conquistas, os seguintes resultados, tudo fruto de seu persistente trabalho.

— Graduou-se na primeira turma do curso de jornalismo pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, quando o curso funcionava no prédio da Fundação José Augusto, muito antes da sua federalização;

— Foi professor de História da Música na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na época em que era Reitor o Doutor Onofre Lopes da Silva;

— Cursou a Escola Superior de Guerra - ESG - no Rio de Janeiro, concluindo o curso com muito sucesso;

— Foi fundador da Secretaria Municipal de Turismo de Natal e seu primeiro titular, defendendo entusiasticamente a vocação do Rio Grande do Norte para o turismo, como atividade econômica e cultural. Convém lembrar que nessa época, não havia Secretaria Estadual de Turismo nem órgão que cuidasse da promoção do turismo como atividade econômica de grande importância para o Estado;

— Foi uma espécie de Secretário de Cultura do Estado Presidente da Fundação José Augusto) no Governo de José Agripino Maia;

— Foi Assessor do Governo de Lavoisier Maia Sobrinho;

— Foi Diretor da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, na Presidência do então Deputado Estadual Nelson Freire que o incumbiu de organizar a realização em Natal do Iº Congresso Brasileiro das Assembleias Legislativas, com o comparecimento de mais de mil deputados estaduais;

— Construiu e inaugurou o majestoso Memorial Câmara Cascudo, localizado ao lado da antiga Catedral de Nossa Senhora da Apresentação, próximo a Praça André de Albuquerque;

— Presidiu durante anos o Rotary Club, em Natal-RN e participou de várias atividades rotarianas no Brasil e no exterior, conforme depoimento pessoal no já citado programa “Ponto de Vista”;

— Foi integrante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e de outras seis instituições similares, em diferentes estados e no Distrito Federal;

— Recebeu a outorga de Cidadão Honorário de mais de 150 municípios do Rio Grande do Norte (Depoimento no citado programa “Ponto de Vista”);

— Conheceu mais de 60 países, conforme a mesma fonte acima;

— Foi-lhe outorgada a distinção de Cidadão Honorário Norte-Rio-Grandense, título que lhe foi concedido pela Assembleia Legislativa do Estado;

— Exerceu atividades jornalísticas em vários periódicos de nossa Capital e de Recife-PE;

— Foi fundador da crônica social diferenciada no Brasil. Seus programas alcançavam recordes de audiência, principalmente os levados ao ar pela Rádio Poti de Natal onde atuou por quase 40 anos;

— Suas crônicas sociais eram publicadas com grande destaque, principalmente nos jornais “Diário de Natal e “O Poti”, à época os de maior circulação no Estado;

— Criou e manteve por mais de 30 anos o programa de grande prestígio na televisão chamado “Sala Vip”, na Tv Ponta Negra;

— Seu programa de notícias sociais, políticas e econômicas na Rádio Poti, sempre ao meio dia, era líder absoluto de audiência e de prestígio em todo o Rio Grande do Norte;

— Fundou o jornalismo automobilístico no Rio Grande do Norte, publicando por mais de 30 anos, sempre às sextas-feiras, um caderno especializado com as últimas notícias das inovações no setor, tanto na imprensa natalense como na pernambucana, (conforme entrevista no programa “Ponto de Vista”);

— Por três décadas patrocinou e realizou a maior festa em prestígio e qualidade chamada “Festa das Personalidades” que atraía a atenção de todo o país para Natal (mesma fonte);

— Coordenou em nosso Estado por muitos anos o concurso de Miss Rio Grande do Norte, sempre com grande sucesso;

— Recebeu e homenageou em Natal, por duas vezes, diferentes vencedoras do Concurso Miss Universo (mesma fonte);

— Foi agraciado com a Medalha do Mérito Alberto Maranhão, no Governo do Monsenhor Walfredo Gurgel.

Paulo Macedo casou-se em primeiras núpcias com a pianista e musicista Luíza Maria Dantas de Macedo. Deste casamento nasceu-lhes um filho, Miguel Neto. Com o passar do tempo, dela

divorciou-se. Contraiu segundas núpcias com a senhora Tânia Macedo. O casal criou dois filhos dessa nova união, chamados Paulo e Adriana. Paulo Macedo era um pai extremado, muito devotado aos filhos, visitando-os frequentemente, levando-os para almoços e jantares nos fins de semana. Facilmente eram vistos juntos em animadas reuniões familiares nos restaurantes de Natal.

Paulo Macedo pertenceu a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras desde 1979 até a sua morte. Convém destacar que além de integrar a Casa de Câmara Cascudo, Paulo Macedo também fez parte, por muitos mandatos consecutivos, do Conselho Estadual de Cultura, sendo sempre reindicado para ali continuar prestando sua colaboração à cultura do nosso Estado. Paulo Macedo foi indicado para a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras- ANL - pelo mestre Luis da Câmara Cascudo, seu proponente, que um belo dia telefonou ao Presidente da ANL, Doutor Onofre Lopes da Silva, dizendo-lhe da forma mais direta e peremptória possível que sugeria “terminantemente” o nome de Paulo Macedo para ocupar a cadeira 10, cujo patrono é Elias Souto, tendo sido seu fundador e o primeiro ocupante Bruno Pereira, que se encontrava vaga devido ao seu falecimento.

Imediatamente o Presidente da ANL, Doutor Onofre Lopes da Silva chamou Veríssimo Pinheiro de Melo e Diogenes da Cunha Lima Filho e comunicou-lhes o sumário da conversa telefônica que tivera sobre o preenchimento da cadeira 10, que, como já foi dito, encontrava-se vaga e pediu a Veríssimo e a Diogenes que apoiassem a candidatura do jornalista, cronista, entrevistador de programas de televisão e radialista Paulo Macedo (conforme depoimento na referida reportagem “Ponto de Vista” e mais o testemunho de Diogenes da Cunha Lima Filho).

Além dos pontos aqui alinhados, Paulo Macedo era também, conforme Daladier Pessoa da Cunha Lima em seu já citado artigo, “um artífice de amizades, fomentador da paz e da boa convivência entre os seres humanos”. Um lídimo integrante do discipulado de Gamaliel, como gostava de dizer Câmara Cascudo.

Paulo Macedo organizou e publicou durante 30 anos “O Dicionário da Sociedade do Rio Grande do Norte”, enfatizando sempre a sua atualização anual. Elaborou e publicou durante muitos anos em jornais do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, um caderno especializado em automobilismo. Em forma de livro organizou, editou e publicou um volume contendo escritos de vários cultores das letras, sobre diversos temas, ao qual deu o título de “Memória Contemporânea”.

Paulo Macedo foi eleito para a cadeira nº 10 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – ANL, em 13 de setembro de 1979. Tomou posse em 26 de fevereiro de 1981. Foi saudado pelo Acadêmico Diogenes da Cunha Lima Filho. Serviu à instituição que o acolheu como Vice-Presidente por muitos e muitos anos até o dia do seu falecimento. Paulo Macedo encantou-se no dia 5 de julho de 2020, em decorrência de um acidente doméstico, no qual quebrou o fêmur e durante a internação no hospital para onde foi levado a fim de receber tratamento, contraiu uma pneumonia vindo, infelizmente, a falecer.

Senhor Presidente,

Senhor Vice-Presidente,

Senhoras e Senhores Acadêmicas e Acadêmicos,

Digníssimos familiares de Paulo Macedo,

Minhas senhoras e meus senhores,

ASSIM ERA PAULO MACEDO.

MUITO OBRIGADO!

JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL é professor e escritor. Autor de “Relembrando João Medeiros Filho” e outros livros. Membro da Academia Norte Rio-grandense de Letras.

O ARTISTA DA CAPA

Veterano artista potiguar, Túlio Fernandes pode ser considerado um dos precursores da arte moderna no Rio Grande do Norte, ao lado de Newton Navarro e Dorian Gray Caldas, entre outros. Pintor e desenhista de teor figurativo, incursiona com criatividade, por vários e sugestivos temas. A seu respeito, assim se pronunciou o colecionador de Arte Manoel Onofre de Souza Neto, em depoimento exclusivo:

“Segue com consistente e criativa produção, destacando-se exuberantes folhagens e flores tropicais, além de marcantes personagens do cotidiano e do folclore, com técnica apurada e variados recursos que permitem explorar os meandros e possibilidades da luz e da cor, com a potencialidade do seu vigoroso traço”

QUADRO DE ACADÊMICOS

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo (vaga)
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Ne-greiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes, Armando Holanda (eleito)
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho. (vaga)
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo. (vaga)
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís António	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz



Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
dezembro de 2020

www.offsetgrafica.com.br